Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 9 DE JULHO DE 1972 — N.º 17796 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

UM DOSSIER ESTARRECEDOR

A POLUIÇÃO NO MUNDO

Por toda a parte, o problema começa a tornar-se realmente alarmante: a poluição ameaça o futuro da humanidade e é, desde já, o estigma maldito do desenvolvimento. A redacção do «DL» fez um levantamento completo da poluição no mundo, desde os Estados Unidos ao Japão, e oferece hoje aos leitores um «dossier» estarrecedor, acompanhado de dois artigos sobre a recente conferência de Estocolmo, um deles da autoria de W. K. Mayo, funcionário das Nações Unidas para as questões do Meio Ambiente.
(Pags. centrais)

Miss macaco/72

A propósito da promoção de um filme, Hollywood resolveu desmoralizar de vez os concursos de misses, elegendo «Miss Macaco/72» exactamente como se elegem as outras, isto é, com desfiles em trajo de banho, júri avaliando as pernas e demais atributos, e «questionário cultural» a que as concorrentes respondiam emitindo guinchos variados. **(reportagem «Camera Press»/«DL» na pag. 32)**

HITLER

HOJE: 32 PÁGINAS

A técnica da persuasão

O que tornou Hitler possível num país culto e desenvolvido como a Alemanha? Neal Ascherson, do «Observer», de Londres, tenta responder a esta pergunta, examinando a «técnica da persuasão» de quê o «leader» nazista foi um mestre. (Pags. 13/14/15/21)

PORTUGAL JÁ GANHOU

Haja o que houver hoje à noite no Maracanã, Portugal já ganhou, por tudo o que fez até agora na Taça da Independência e por ter chegado invicto à grande final. **(Leia Neves de Sousa em «DL»/Desportos)**

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

REMODELAÇÃO ELEITORALISTA NA FRANÇA

Jacques Chaban-Delmas vai agora ter mais tempo para se dedicar à «mairie» de Bordeus que Jean-Jacques Servan-Schreiber lhe quis em tempos tirar. O antigo resistente demitiu-se de primeiro-ministro, provàvelmente muito pressionado pelo presidente da República. Em seu lugar foi nomeado um outro antigo resistente, Pierre Messmer, que foi ministro da Defesa de de Gaulle e o obreiro da «force de frape» do general. Os comentadores ingleses, sempre atentos ao que se passa na velha França, de que desconfiam, foram rápidos em considerar a mudança como uma viragem à direita e um reforço do poder pessoal de George Pompidou, o antigo administrador dos Rotschild. Contudo, o regresso de Edgar Faure — o reformista da educação — **ao Governo, não invalidando as interpretações inglesas, reforça a ideia também muito divulgada de que a saída de Chaban se deve aos «telhados de vidro» que ele adquirira durante o tempo que passou no palácio Matignon. Esses «telhados de vidro»** — sobretudo a questão dos impostos que não pagava — **davam ao antigo primeiro-ministro uma vulnerabilidade que poderia arrastar o partido gaullista nas próximas eleições para a Assembleia Nacional. Essas eleições eram já encaradas com muita seriedade pelo poder. Porém, o acordo para um programa de Governo recentemente assinado entre socialistas e comunistas levou a que Pompidou se visse na obrigação de tudo fazer para garantir o mínimo de riscos na consulta do próximo ano. Os comentadores ingleses têm razão quando dizem que o poder pessoal do presidente sai reforçado desta emergência. Nem de outra forma poderia ser, se considerarmos a evolução das instituições francesas desde 1958 para cá. Mas Pompidou conhece os riscos que essa concentração acarreta. Daí ter incluído no elenco que Messmer dirigirá o liberal Faure. Este ministro, que se ocupará dos assuntos sociais, tentará retirar do Governo a imagem de direita que evidentemente tem. Tata-se pois de uma manobra com vista às eleições. É preciso que a concentração do poder não leve para o campo dos socialistas e comunistas aqueles eleitores que normalmente votam no centro democrático. Em suma, as margens eleitorais são hoje muito estreitas. De um lado está o poder e do outro a coligação socialistas-comunistas que tende progressivamente a confundir-se com a Oposição. O desprestígio pessoal (Chaban) e monolitismo governamental (ausência de Faure) poderiam levar aqueles que, não sendo socialistas nem comunistas, estão descontentes a votar nas esquerdas fazendo pender perigosamente a balança para esse lado. Pompidou tenta evitar isso a todo o transe.**

Messmer e Chaban-Delmas: o render da guarda

SEGUNDA-FEIRA

— Em Simla, na União Indiana, Indira Gandhi e Ali Bhutto, chegaram a acordo sobre seis pontos, uns ao nível dos princípios outros bastante práticos. Pretende-se pôr termo a 25 anos de permanente hostilidade entre os dois países em que os ingleses dividiram a Península do Indostão. Este acordo e os outros que provàvelmente se lhe seguirão, só são possíveis porque a artificial divisão a que Londres votou o subcontinente já foi alterada. Sem a existência do Bangla Desh, Indira e Ali não se teriam entendido tão depressa.

— **Brandt e Pompidou encontraram-se em Bonn para mais uma das consultas ao mais alto nível previstas nos acordos franco-germânicos. O Mercado Comum foi o tema principal das conversações, como é natural. O presidente francês mostrou-se ainda muito renitente quanto à convocação de uma conferência cimeira dos «seis mais os quatro novos europeus. Em princípio ficou estabelecido que seria em Outubro, se houver perspectivas de se chegar a algo de positivo. Porta aberta, pois, para o veto francês.**

TERÇA FEIRA

— A surpresa veio da Coreia. Em Seul e Pyong-Yang foi anunciado que as duas metades da península haviam chegado a um acordo com o qual se procura encetar a longa jornada que levará à reunificaç. renunciando-se ao uso da força. As conversações foram travadas em Maio por enviados especiais e secretos. Um dos pontos importantes do acordo é a afirmação expressa de que a reunificação se terá de fazer sem qualquer interferência estrangeira. Sabendo-se que, na Coreia do Sul, estacionam algumas dezenas de milhares de soldados americanos, pode inferir-se que essa presença não vai durar muito. Pode ser que (é mesmo provável que assim seja) este acordo não tenha sido feito contra a opinião de Washington. Seul não iria tão longe. De qualquer forma, ele ilustra o recuo americano de toda a Ásia. É mesmo possível que Washington tenha aconselhado os seus protegidos coreanos a estabelecer um «modus vivendi» com o Norte, uma vez que os GI iam ser retirados.

QUARTA-FEIRA

— O Japão tem um novo primeiro-ministro. É o sr. Kakuei Tanaka. Segundo tudo parece indicar, Tanaka é favorável à normalização das relações com a China Popular, o que significa também à «desmoralização» das relações com Taipé.

— **Na Alemanha, Karl Schiller, o super-ministro da Economia e das Finanças, apresentou a sua demissão do Governo. A decisão resultou de divergências com o resto do Governo do chanceler Willy Brandt sobre a política monetária. Nos mercados monetários internacionais o acontecimento foi acolhido com apreensão. Schiller era partidário da livre movimentação de capitais e da cooperação entre os dois lados do Atlântico. Vista por este ângulo, a demissão do ministro pode ser interpretada como um revés para o dólar. Mais um.**

QUINTA-FEIRA

— Os trabalhistas ingleses apresentaram um programa de Governo que será a base da plataforma eleitoral para a próxima consulta na Grã-Bretanha, cuja data ainda se desconhece totalmente. Alguns observadores consideram o documento como ilustrador de uma viragem á esquerda o que se inscreveria na tendência geral dos socialismos europeus. Essas viragens á esquerda são aliás a consequência das sucessivas viragens á direita de muitos governos europeus. Como pormenor, notemos um dos pontos do programa trabalhista. Preconiza ele a nacionalização de certos ramos de seguros, sobretudo o do automóvel. Quem desconhece que esse ramo é o que mais custa ás companhias?

— **Fidel Castro regressou a Cuba depois de larga ausência por terras de África e da Europa do Leste.**

SEXTA-FEIRA

— Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros de Saigão o Vietname do Norte irá apresentar novas propostas no recomeço das conversações de Paris. Se assim for, talvez não seja mais possível prosseguir a guerra nos actuais moldes. Nixon continua desesperadamente á espera de «uma folha de figueira» que possa disfarçar a retirada total. É só disso que ele precisa. Se Hanói a oferecer, o ministro saigonita ficará muito provàvelmente com os dias contados como dirigente do Vietname do Sul.

SÁBADO

— Edward Kennedy aparece como o muito provável candidato á vice-presidência dos Estados Unidos em companhia do senador McGovern. Segundo as pessoas mais informadas, McGovern escolherá o último dos Kennedy para o acompanhar na luta pela presidência contra Richard Nixon. Essa é talvez a única forma que McGovern tem de obter, a nomeação sem dividir irremediàvelmente o Partido Democrático. Por outro lado, uma entrada na corrida ao segundo lugar da lista democrático garante a Kennedy quase a eleição para a presidência em 1976, caso Nixon vença em 1972.

A VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

LAGOTAINER LINE

SERVIÇO TOTALMENTE CONTENTORIZADO PARA:

SUÉCIA (Gothemburg e demais portos)
NORUEGA (Oslo e outros portos)
ANVERS

o porta-contentores «Monika Bos» em 16 do crte.

Aceitação de carga em contentores no dia 14 do corrente no Parque do Beato

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

VIAGENS 1972

VIAGEM AO JAPÃO

V CONGRESSO MUNDIAL DE ANESTESIOLOGIA
11/9 a 6/10

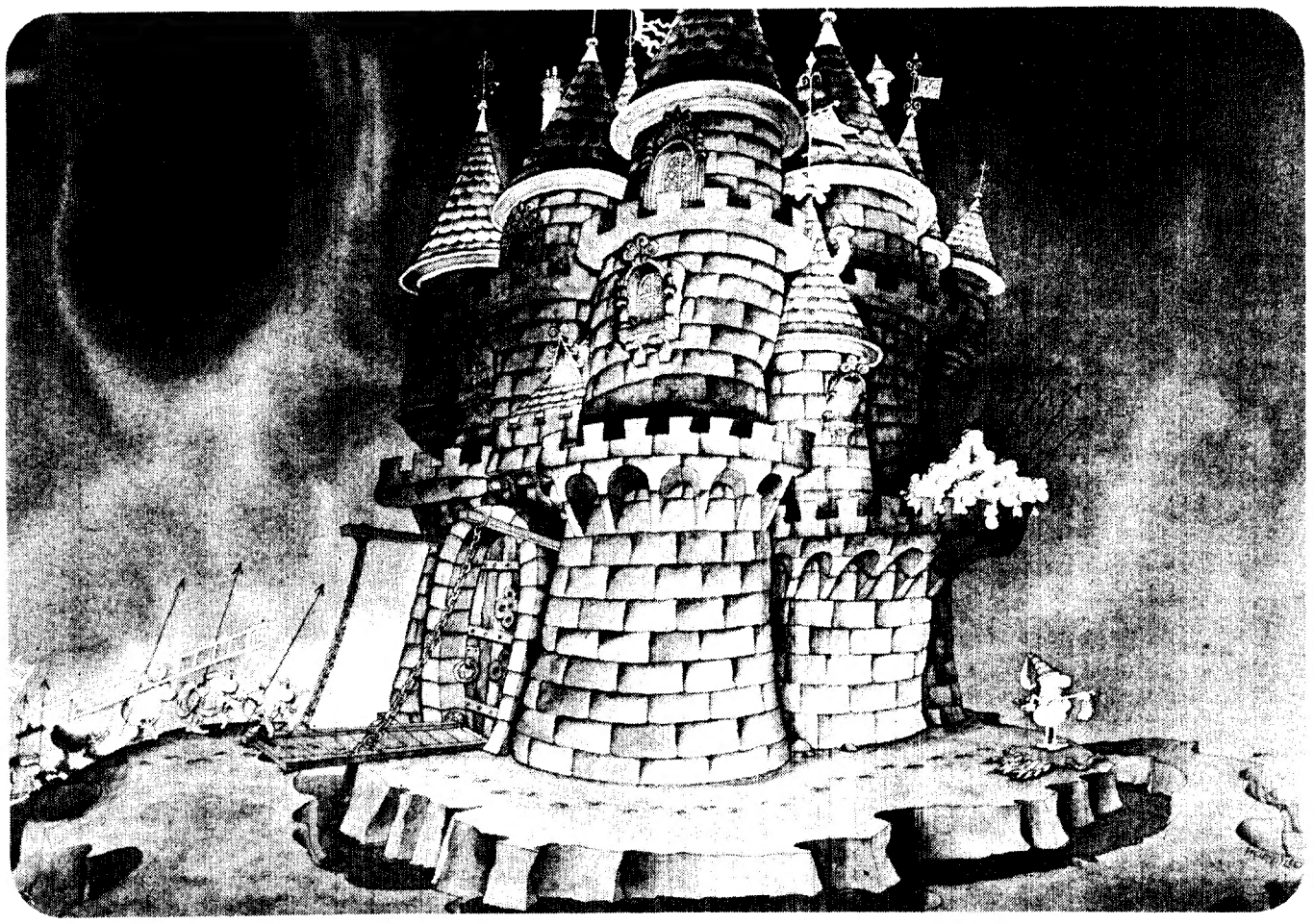
TOURS INGLATERRA
Londres

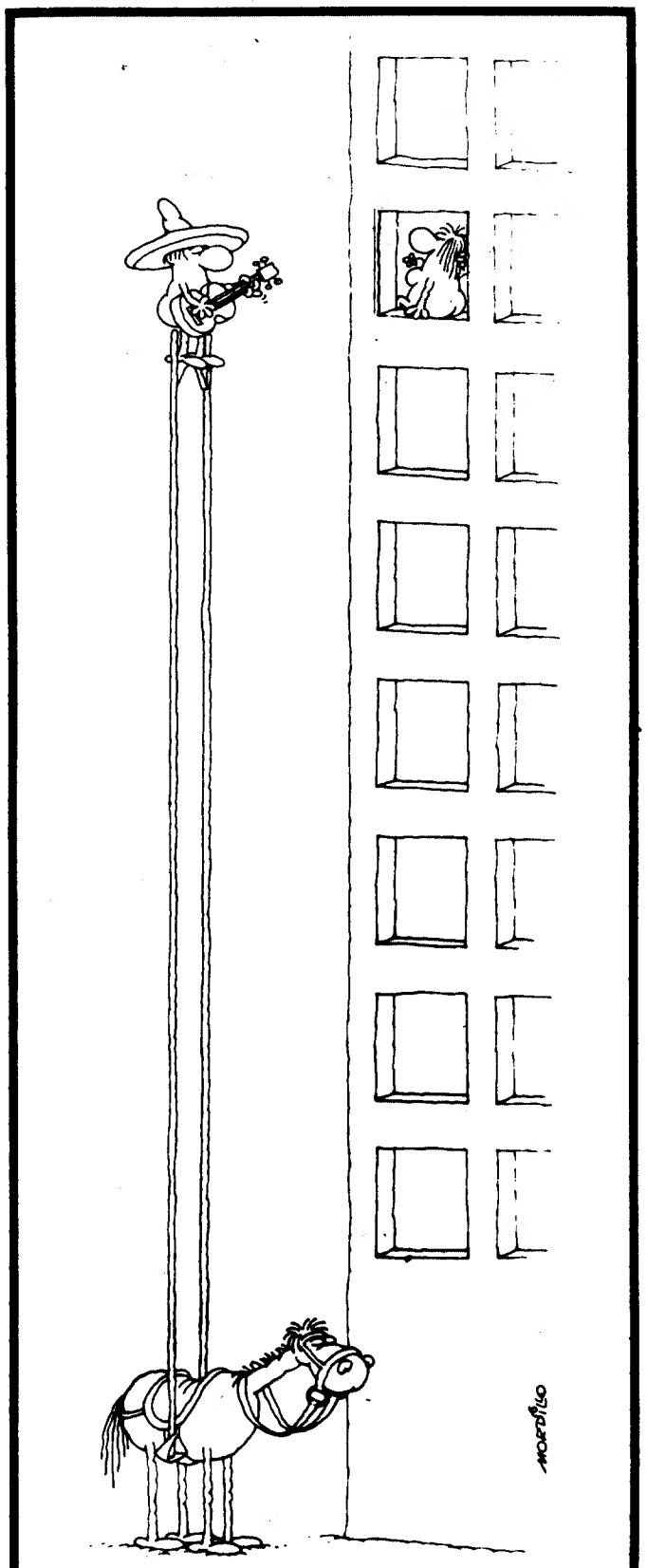
Londres — Edimburgo
Inglaterra — Escócia
Grande Tour da Grã-Bretanha

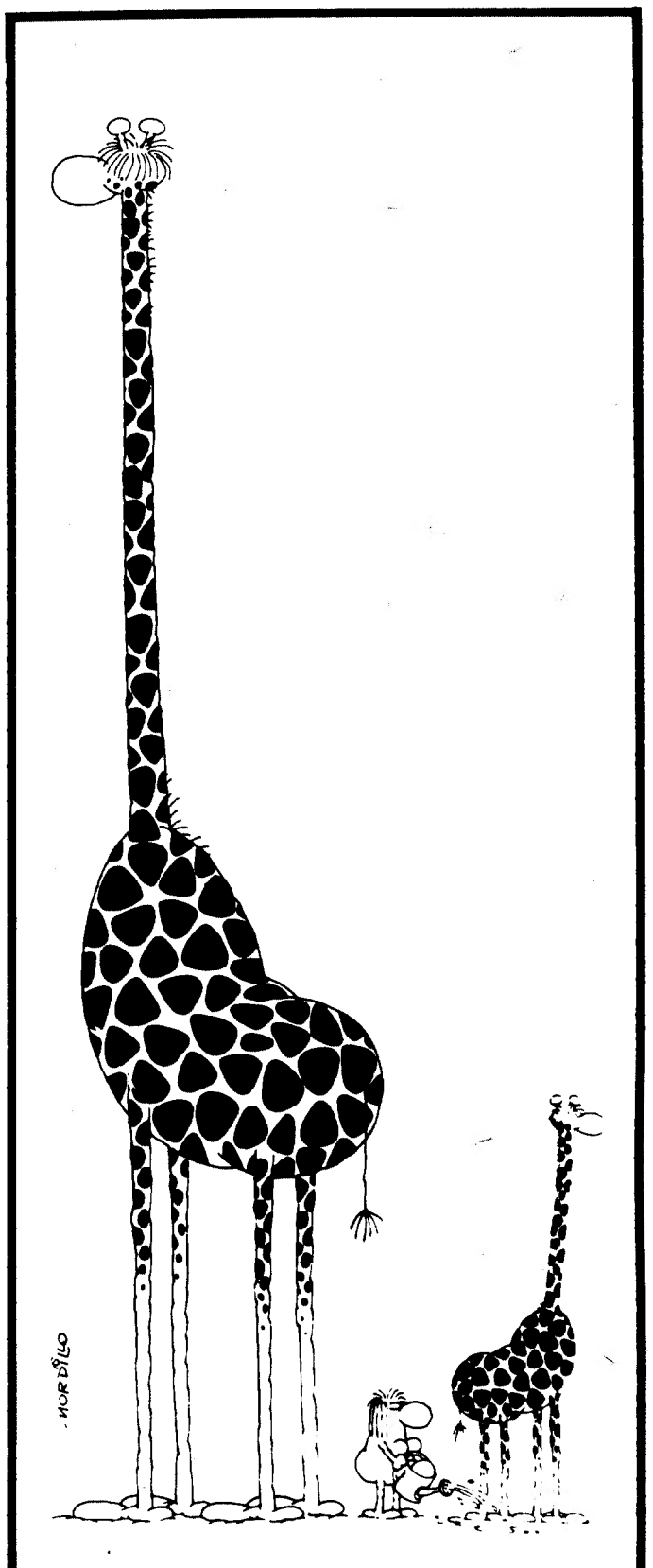
CURSOS DE LÍNGUA INGLESA
DESCUBRA A HOLANDA
SONHO DO JAPÃO
— 4 partidas

TRANSNAUTICA
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
LISBOA
Rua Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua de Júlio Dinis, 739
(Peça-nos programas especiais)

Mordillo







A SEMANA

1 A passada semana foi politicamente marcada pelos apelos governamentais à reintegração dos que militaram ou militam nos movimentos tendentes à independência dos territórios africanos. O primeiro veio do professor Marcello Caetano, na «conversa em família» do dia 3. **«De braços abertos»**, disse o Chefe do Governo, **«acolhemos sempre quantos reconheçam o erro da sua oposição à política portuguesa e se disponham a integrar-se na sociedade que queremos construir com eles»**. E acrescentou: **«Mesmo antigos combatentes de movimentos terroristas, desde que venham de mãos limpas e coração leal, são recebidos cordialmente»**.

2 Dois dias depois, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo anunciava que o Governo, marcando a entrada em vigor da nova Lei Orgânica do Ultramar, oferecia **«a quantos, até agora, nas províncias ultramarinas, hajam tomado partido pelos terroristas, o ensejo de regressar à vida normal da comunidade»**. E a SEIT informava que **«os indivíduos que, por terem actuado nas fileiras do terrorismo ou haverem favorecido acções deste, têm estado sujeitos, nas províncias ultramarinas, a medidas administrativas de segurança, serão restituídos aos seus meios sociais desde que contra eles não pendam processos-crimes ou não sejam objecto de acusações de maior gravidade»**.

3 **O mesmo departamento de Estado informava no dia 8 que 1500 indivíduos beneficiarão da anunciada «medida de clemência» em Angola Guiné e Moçambique. Entretanto a Lusitânia anunciava a libertação de 230 internados num «campo de recuperação» da D. G. S. na Machava, arredores de Lourenço Marques.**

4 A «Época» do dia 5 apontava alguns exemplos, os mais significativos, de destacadas personalidades que, tendo militado em movimentos antiportugueses, vieram a aderir à política governamental. São eles: Rafael Barbosa, que foi secretário-geral do PAIGCV. (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) e Murupa e Kavandame, que foram membros da direcção da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique). Os três, e outros de menos importância política que lhes seguiram o exemplo, regressaram **«à vida normal da comunidade»** após declarações públicas de arrependimento pelas actividades passadas e de fidelidade incondicional a Portugal. É de presumir que sejam actos semelhantes que o Chefe do Governo tinha em vista ao dizer que serão recebidos cordialmente todos os que venham «de mãos limpas e coração leal».

Que assim é prova-o, talvez, o discurso de Filiano Mutemba, um dos 230 libertados da Machava, ao agradecer a medida de clemência ao governador de Moçambique. Eis a transcrição de algumas das suas afirmações: **«Porque o remorso não nos deixa tranquilos, e porque reconhecemos que a culpa foi totalmente nossa, é-nos impossível silenciar uma confissão em público, para que o mundo saiba que o nosso arrependimento é total»**. E mais adiante: **«Há quem diga, nos grandes centros comunistas, que os presos políticos em Portugal, e, extensivamente, nas suas províncias ultramarinas, são massacrados até à morte pelas autoridades portuguesas. É sem fundamento essa afirmação»**. E, a terminar, referindo-se aos libertados: **«Levam consigo uma determinação inabalável de cooperarem na defesa da unidade territorial da Nação Portuguesa, em toda a sua amplitude, de repudiarem viva e activamente o comunismo»...**

5 Comentando a última «conversa em família», o jornal «República» escrevia em editorial, em 4 de Julho, que **«o conceito democrático português tendeu para a prática desse conceito** (de fraternidade»» e apresentava como exemplo o negro Honório Barreto, que foi governador da Guiné, no século XIX. Vindo ao encontro de uma tese que foi defendida pela posição social-democrática em 1969, a «República» escrevia: **«A tradição, interrompida em dada altura, para obedecer a conceitos imperialistas, vinha da grande experiência colonizadora: e quebrada ela vieram golpes de que não nos recompusemos ainda»**. Para o jornal que se reclama da tradição da I República, haveria pois uma tradição colonizadora positiva.

SHELLEY WINTERS

Shelley jovem: dois «Oscars»

HOLLYWOOD — O regresso de Shelley Winters a Hollywood, após dez anos de exílio em Nova Iorque, é uma benção caída do céu. Ela é exactamente aquilo de que esta comunidade em decadência necessita. Com 50 anos, embora pareça mais nova, Shelley Winters é não só uma talentosa actriz como também uma desmedida tagarela. Nem mesmo Hubert Humphrey se lhe compara quando lhe dá para a logorreia, que vem a ser uma insólita palavra para designar a capacidade de falar pelos cotovelos. Shelley Winters regressou a Hollywood para ser a protagonista da versão cinematográfica de «The Poseidon Adventure», de Paul Gallico. Trata-se da história de 10 passageiros do «Poseidon» que se conseguiram salvar, depois de o navio se ter afundado devido a uma tempestade. Shelley Winters fez o papel de Belle Rosen, uma avó que, heròicamente, conseguiu salvar os outros náufragos, acabando ela por morrer.

Shelley quinquagenária

Em contraste com a loira elegante e sensual que costumava interpretar já lá vão 25 anos, Shelley Winters pesa agora 89 quilos e tem o que se pode dizer uma figura imponente.

Mas Shelley tem uma explicação para esse aumento de peso. Aliás, nada existe que ela não consiga explicar.

O que uma pessoa tem a fazer é disparar: **«Então, Shelley, como vai isso?»**, para as palavras lhe começarem a correr da boca em catadupas.

«Você quer saber porque ganhei todo este peso? Para começar, sou naturalmente gorda. Mas o meu agente chamou-me e disse-me: «Shelley, é o melhor papel do mundo. Deves ser tu a interpretá-lo. É uma coisa muito importante. Mesmo muito. Mas tens de pesar mais 12 quilos. Penso que aumentei um pouco mais».

«Está a ver, interpreto o papel dessa mulher gorda, mas que tinha sido campeã olímpica. Tenho de conter a respiração durante três minutos. Tenho de nadar com esta corda para o outro lado, ou qualquer outro sítio. Mas sou uma ex-campeã olímpica. Consigo tirar toda aquela gente do navio. Morro no fim. É um grande papel.»

«Você, provàvelmente, sabe que tenho o monopólio de dois tipos de papel: prostitutas e mães. Deve haver, no espírito dos homens, qualquer conexão entre os dois. A única mãe que não interpretei foi a Virgem Maria, e já estava preparada para o fazer em «The Great Story Ever Told». Mas o director, George Stevens, assustou-se. Pelo menos neste filme faço o papel de uma avó, uma ex-virgem».

«A minha filha está muito crescida. Que lhe parece? Tory tem 19 anos. Anda na escola em Radcliffe, fala várias línguas. Passa o Verão com o pai».

«Quem é o pai dela? Vittorio Gassman, o actor italiano. Porque é que me casei com ele? Sei lá... Casei-me tantas vezes que já nem me lembro. Seja como for, Vittorio foi o meu segundo marido. Casei-me com ele em 1952».

«O meu primeiro marido? Tenho que ir até aí? Chamava-se, e continua a chamar-se, Mack Mayer. Casámo-nos durante a guerra. Não me consigo lembrar. Já não sei como foi o casamento. Foi mandado para o ultramar. Pouco vivemos juntos. Não houve nada. Esqueci-me de quando nos divorciámos. A última vez que o vi foi no tribunal, depois da guerra. Acho que se casou com uma italiana, tem três filhos e vive em Chicago».

«O que tem isto a ver com a minha filha? Tory é um encanto. Fala cinco línguas. Dá-se muito bem com o pai. Anda muito com Massimo Arcoli, filho do homem que monta os filmes de Vittorio de Sica. Que pode uma mãe fazer? Os filhos crescem, e partem».

«Quem foi o meu terceiro marido? Tony Franciosa. Um homem maravilhoso. Muito «sexy», mas com um temperamento dos diabos. O nosso casamento falhou porque Tony só vivia para a carreira dele».

«Agora, vivo num avião da TWA. Ando de um lado para o outro, mas vou radicar-me na Califórnia. Depois deste filme, passo a dedicar-me à minha autobiografia. Você não sabe? Tive três pequenas peças representadas na «Actores Playhouse», em Nova Iorque. Chamaram-se «Uma noite de descanso de um passageiro barulhento». Quis fazer uma declaração. Sobre quê? Sobre mim, sobre um liberal e a sua posição política desde a Segunda Guerra Mundial até ao Vietname, passando pela Coreia».

As peças de Shelley Winters eram semi-autográficas. Também se focavam nela questões sexuais. As críticas, porém, não foram muito animadas.

Segundo a crítica, **«Shelley Winters torna o sexo tão feio e estúpido que até o mais ardente «voyeur» se sentiria desanimado».**

Shelley, porém, nunca perde a coragem. Foi toda a vida uma mulher persistente. Uma das duas filhas de um alfaiate, Joe Schrift, nasceu em St. Louis, Illinois, no dia 18 de Agosto de 1921. Tinha 11 anos quando a família se mudou para Brooklyn, em Nova Iorque. Passou a frequentar o Liceu Thomas Jefferson. Antes de terminar o curso, trabalhou como modelo. Um

AOS CINQUENTA ANOS

Com o seu segundo ex-marido Vittorio Gassman

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
NEXUS APRESENTA
HOJE, ÁS 21h45.
BLACKGROUND
DUO OURO NEGRO
OBJECTIVO
VICKY
VERY NICE
VIOLAS
TUMBAS
COROS
A RAÇA HUMANA É UMA GRANDE TRIBO DISPERSA COM UMA ORIGEM COMUM.
BLACKGROUND TOCA A SUA MÚSICA.
BILHETES A VENDA
GRUPO B 10 Anos
PRODUÇÃO nexus

DL/DOMINICAL ESPECTÁCULOS

Por LLOYD SHEARER «Camera Press»/ ADS/DL

dia, quis entrar numa revista chamada «Alfinetes e Agulhas», mas não foi aceite por não ter o cartão do sindicato dos actores. Começou a frequentar uma escola de arte dramática e acabou por conseguir alguns papéis. Foi, depois, trabalhar para a «Columbia Pictures», tendo interpretado pequenos papéis em filmes de terceira ordem: «What a woman», «Two Man submarine» e «Stepping Out».

Decidiu prosseguir na carreira e vencer. Recebeu lições de dança. Aprendeu a dizer com Charles Laghton, bateu-se por conseguir papéis, trabalhou em produções teatrais de todo o género, ao mesmo tempo que tentava, em vão, ser aceite pela Metro, a Warner e a 20th Century-Fox. Mas não desanimou.

Acabou por conseguir uma carreira brilhante. Impetuosa, engraçada, inteligente, confusa, mordaz, preocupada, vibrante, talentosa, sem papas na língua, zaragateira, Shelley Winters, como muitas outras boas actrizes, passou, anos e anos, nas mãos dos psicanalistas.

Em 1945, George Gukor ofereceu-lhe uma oportunidade em «A Double Life», contratando Shelley para fazer o papel de uma criada, assassinada por Ronald Colman. A interpretação foi muito aplaudida pela crítica. Seguiu por aí adiante, até conquistar dois «Oscares» como actriz secundária em «O Diário de Anne Frank» e «A Patch of Blue».

Shelley Winters, com 50 anos, deixou de se preocupar com a linha, depois de ter experimentado inúmeros processos para emagrecer. **«O que ela não quer é seguir uma dieta», afirma Ed Feldman, um dos seus produtores. «Diz sempre que sim mas meia hora depois está a perguntar o que há para a sobremesa e a comer uma fatia de bolo».**

Para além de tudo isto, Shelley Winters preocupa-se e trabalha por aquilo em que acredita. Fez campanha por Bobby Kennedy, em 1968. Sentiu profundamente a sua morte, batendo-se por uma lei estabelecendo um rigoroso «controle» do porte de armas. Nas eleições de 1968, lutou pelas candidaturas de Humphrey e Muskie. Têmo-la, agora, mais uma vez a apoiar Hubert Humphrey, com toda a verborreia de que é capaz.

Shelly em «The Poseidon Adventure», com Jack Albertson

DL show

Está marcada para quinta-feira, no Teatro Villaret, a estreia da comédia dramática «Os Contestatários», de Ana Diosdado, em versão de Armindo Blanco. O elenco é constituido por Margarida Mauperrin, João Perry, Maria Emília Correia, Vasco Morgado Júnior, Henrique Viana e Ribeirinho, que é também o encenador da peça.

«A querida mamã», actualmente em digressão pela província, com Laura Alves na cabeça de cartaz, está hoje em Palmela.

Por sua vez «Empresta-me o teu apartamento» também em «tournée», com Henrique Santana à frente do elenco, tem um espectáculo marcado para esta noite em Vila Viçosa.

Está marcada para hoje, às 16 horas, em Cascais, uma «Garraiada» na Praia da Ribeira, vulgo Praia do Peixe, animada por um **cavalinho** da Sociedade Musical daquela vila.

Também em Cascais exibe-se às 22 horas o Rancho Folclórico do Cartaxo, no arraial «Os Santos».

Esta noite «O Auto do Curandeiro» está no Clube 1.º Acto de Algés. A encenação é de Joaquim Carvalho.

Margarida Mauperrin

Amália Rodrigues já cantou duas vezes em Nova Iorque, com a orquestra de Kostelanetz. Agora, o famoso maestro veio até nós e é provável que Amália volte a cantar pela terceira vez com aquela orquestra. Se isso acontecer Amália será apresentada no Lincoln Center, cenário dos grandes espectáculos de bailado, ópera e concertos.

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na Av. Combatentes da Grande Guerra, 10-C (José Bravo).

À VOLTA DE DANIEL GELIN

Prosseguem na França as filmagens da película «Minables», numa realização de Daniel Moosmann, com Daniel Gelin, Philippe Ogouz, Lucienne Hamon, Brigitte Fossey e Tania Lopert nos principais papeis. Gelin interpreta a figura de um industrial que se quer livrar da esposa por simpatizar com um jovem vendedor de enciclopédias.

VANESSA VAI SER CRISTINA

ROMA — Vanessa Redgrave, a intérprete de «Maria Stuart», vai encarnar de novo a figura de uma rainha na película dedicada à vida de Cristina da Suécia, intitulada «Abdicação». As filmagens terão lugar em Roma, sob a direcção de Robert Fryer.

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

APRESENTAM

Em últimas representações pelas 21,45 h.

«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»

de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso da Companhia, 2.ª-feira GRUPO B — 10 anos

TRABALHO TEMPORÁRIO MANPOWER

para entrada imediata:
DACTILÓGRAFAS

*

Se é um(a) profissional competente colabore connosco e alargue as suas perspectivas profissionais e humanas.

*

LISBOA
P. JOSÉ FONTANA, 9-C

Siga uma carreira profissional aliciante

Venha para ASSISTENTE de BORDO

OFERECEMOS:

— Remuneração muito acima do normal
— 13.º mês
— Subsídio de férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais
— Viagens

SE POSSUIR:

— Pelo menos a secção de letras, sem deficiência, do 2.º ciclo liceal; ou
— 2.º ciclo liceal com uma deficiência em cada secção desde que não seja em Português, História e Geografia; ou
— Equivalências oficiais devidamente comprovadas

E REUNIR OS SEGUINTES REQUISITOS:

— Idade mínima: 18 anos
— Idade máxima: 28 anos
— Solteira ou viúva sem filhos
— Nacionalidade Portuguesa
— Altura mínima: 1,55
— Boa apresentação
— Não usar óculos
— Falar fluentemente inglês e francês (alemão como valor de preferência)

As interessadas devem dirigir-se à

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Divisão do Planeamento do Pessoal
Edifício 25-1.º — Aeroporto de Lisboa

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

ERA UMA VEZ A PANDILHA

Era uma vez uma revista. Nasceu em Lisboa, no princípio duma época teatral. Não chegava a precisar de incubadora, mas nos primeiros tempos de vida teve as dificuldades dos nascidos para a má sorte. Não cresceu. Diz-se que o ambiente não lhe foi favorável. O mesmo acontece à maior parte das suas irmãs. Uma ou outra filha de melhores famílias sempre vai conseguindo uma prorrogação do prazo de vida.

Ao fim de um certo tempo de dificuldades, a carestia da vida, a necessidade de conhecer novas caras, de se dar a conhecer a novos olhos, levou-a até ao Porto. Mas, quando se deu a partida já levava no olhar um certo medo da morte.

Uma dívida contraída pelo pará obrigou-a a ficar nos bastidores. Contudo, um banqueiro amigo, daqueles que protegem as desgraçadas, emprestou-lhe algum dinheiro. A verdade é que isso não era bastante. Os olhos que ela desejava não acorreram em número suficiente. E ela, a pobre revista tem inúmeros estômagos que não páram os seus apelos de alimento.

Por fim marcou data para voltar para Lisboa, já sem objectivos de pisar o palco. Comprou passagens. Fez as malas. Disse para consigo e para os jornais:

— Domingo vou-me embora.

Afinal partiu antes. Um fim precipitado. Pobre revista.. Já deve ter desembarcado em Santa Apolónia, ou deve vir à boleia até à Rotunda do Aeroporto.

Por cá as suas irmãs continuam a lutar. De palco em palco. Algumas com êxito. As mulheres e as revistas não são todas iguais. A revista que o diga.

ROGÉRIO VIDIGAL

Max e Anabela: pandilha morreu

NA ALEGRIA NA RÁDIO

Numa destas manhãs, o locutor de um posto de rádio exultava, felicíssimo, pela sorte que tinhamos, ele e nós, de estarmos vivos, de sermos pessoas, de fazer sol, de irmos daí a nada para o trabalho, numa autêntica girândola de sonoridades cor-de-rosa.

Era tal o seu optimismo que só não me convenci ter acordado no paraíso porque a dona da casa onde me **comensei** me beliscou com o tardio das horas, com o desperdício da luz (ainda) acesa, com a vez dos outros hóspedes à espera da casa de banho, com...

O locutor, que a não ouvia, continuava contagiante: deite as preocupações para trás das costas, esqueça as inquietações, deixe a realidade e pense antes nas coisas agradáveis, sonhe, olhe o ceu azul, as flores, o sol, as aves.

Tentei fazer-lhe a vontade apesar de ser difícil encontrar pássaros em Almirante Reis e sol em céu de chuvisco, mas não passei daí, incurável que sou de péssimismo, de descrença. E mal geral nosso, este, o da descrença! Na realidade somos quase todos uns grandecíssimos macambúzios, piores do que gatos pingados, cheiramos à distância a cera e a fado, não há risos nem primaveras que entrem connosco.

Velados de crepes por dentro carpimos, silenciosos, lutos abstractos que nos moem e movem até à perdição. Como no amor de.

O fatalismo corroi-nos as entranhas, os pensamentos, as alegrias, as relações, não nos deixa florir, sorver a história, aspirar o clima.

E do sangue diz-se. Nascemos assim e assim passaremos — **infelizezinhos!**

A energia só nos espicaça a sério a (má) lingua. Nessas alturas então sim, tornamo-nosgrandiosos, terríveis. À mesa do café ela é uma bomba atómica: volatiliza mundos, estilhaça sistemas, esfanica culturas, pedras, pessoas.

Claro que há quem recuse este masoquismo, quem o denuncie, quem lhe resista. São vozes isoladas, poucas ainda, mas que já não soam só no deserto. Nem nas telefonias.

Nelas reside, quem o duvida? a grande esperança, o grande exemplo a seguir. De facto, a primeira coisa que temos a fazer é desanuviar o cenho, abrir as janelas, os lábios, mudar de cara, de maneira de ser — que não é nada consequência de distorções sociais mas sim causa provada de muitas, de muitíssimas.

O resto acontecerá depois suavemente, já que as engrenagens havidas só estão à espera do nosso optimismo, da nossa confiança, do nosso **relax,** para (nos) embalarem a jeito e a preceito.

Vamos, pois, esquecer as chatices da vida e sonhar, ar;ar..

FERNANDO DA COSTA

AS «SOIRÉES» E OS INTERVALOS

Para que servem os intervalos de cinema? Não, há decerto, oroginalidade na pergunta, mas parece-me oportuna. Se, com um pouco de boa vontade, se pode admitir um intervalo dois já acho demasiado. É, que, num tempo que cada vez dá para menos, queimar meia hora numa sessão, para se fumarem dois cigarros ou se exibirem «tailleurs» e penteados, é condenável desperdício.

Acontece que as «soirées» começam demasiado tarde nesta terra, onde parece que as pessoas não têm de trabalhar no dia seguinte. Com início ás 9 e 45 da noite documentários (na maioria inúteis), dois intervalos e a fita própriamente dita, é muito difícil que a sessão nocturna termine antes da meia-noite e meia hora. Mesmo usando de todas as pressas, não se consegue estar na cama antes da uma e meia da madrugada, o que é demais para quem, como a maioria dos trabalhadores, tem de estar de pé antes das oito.

Certos cinemas, quando a fita perdeu metragem por motivos alheios á vontade do exibidor, não hesitam em prolongar os intervalos para que a sessão não termine antes da hora fatídica e os espectadores não fiquem com a impressão de que foram enganados.

Ora, atendendo a que o fumo é prejudicial a exibição de vestidos e penteados podem bem fazer-se noutros sítios; temos todos de nos levantar cedo, etc, qual é a gerência de cinema que toma a iniciativa de arranjar as coisas de modo a que a «soirée» termine no máximo ás 23 e 30? Era um bom exemplo e talvez pegasse.

TORQUATO DA LUZ

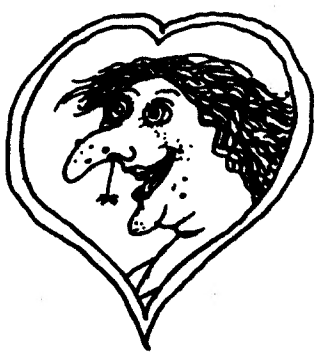
Gigantones, fardas e barrigas

ESTA UBÉRRIMA ARTE TEATRAL

Neste momento, em Paris, estão a funcionar 23 teatros. Aqui mais perto, em Madrid, nada menos de 20. Em Lisboa estão abertos o «Monumental» com uma revista e o «Laura Alves» com uma farsa. Na província circulam «Empresta-me o Teu Apartamento», «A Querida Mamã» e a revista «Pronto a Despir». Chega-me às mãos, entretanto, um pequeno comunicado da «Casa da Comédia», em que se diz:

«Num cenário de grande beleza natural, a «Casa da Comédia» apresenta esta semana pelas 22 horas no «Palácio Galveias» (na Praça do Campo Pequeno), um belo espectáculo popular, com a peça «Vida de D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança», numa adaptação de Herlander Peiroteo, que também encenou esta versão portuguesa, divertida e jocosa do grande tema do Dom Quixote. A população de Lisboa, graças à iniciativa da Câmara Municipal, que adquiriu estes espectáculos, pode divertir-se com esta «chançada», onde terá ensejo de apreciar as mais cómicas situações, os mais arrojados «travestis» e até alguns momentos de fado. Outro motivo de grande interesse reside na colorida e artística cenografia do pintor João Vieira, sem dúvida uma obra-prima de inventiva e criação. As cabeças dos cavalos, as máscaras dos gigantones, as fardas, os barriga, são por si só razão para entrenimento e riso. Participam do elenco alguns dos melhores artistas da cena portuguesa, como Isabel de Castro, Maria Emília Batista, Graça Vitória, Joaquim Rosa, Carlos Cabral, Jorge Vale, Victor Ribeiro, etc. Os versos das novas canções cantadas por dois trovadores são da autoria da poetisa Natália Correia. Este espectáculo estará em cena até 14 de Julho e o público não deve perder esta oportunidade que lhe é proporcionada neste período de Festejos da Cidade de Lisboa, promovido pela sua Câmara Municipal.

Daqui até ao Inverno, que outras perspectivas teatrais se podem enxergar? Está em ensaios, no Villaret, uma comédia dramática espanhola de Ana Diosdado, «Os Contestatários», o maior sucesso (mais de duas mil representações) dos últimos anos em Madrid, e parece que Vasco Morgado, único empresário que nem no Verão entra em férias, pensa em qualquer coisa com Camilo de Oliveira. Isto depois de uma temporada em que Camus, Tchecov, Lorca e Ibsen não interessaram o público e em que os êxitos foram apenas dois, o «Tartufo» de Molière/Marsillach e a «Virgínia Wolff» de Albee. Autores portugueses tivemos quatro: António José da Silva, José Régio, Almada Negreiros e Luso Soares, sempre admirável o primeiro, mesmo quando nas mãos de amadores, e discutíveis os três últimos como autores teatrais. Iniciativas (para usar uma expressão em voga) à «margem do sistema», houve a dos «Bonecreiros» e agora a da «Comuna», produto de uma cisão no primeiro grupo citado. E acho que foi tudo.



Em matéria de teatro amador registaram-se algumas tentativas interessantes, sendo quase unânime a opinião de que o grupo de Campolide, sob a direcção de Joaquim Benite, marcou pontos mais uma vez, com a sua versão do mesmo texto de António José da Silva encenado pela «Casa da Comédia».

Enfim, bem feitas as contas, passamos literalmente sem teatro, mais uma vez. Ou o pouco que tivemos esteve longe do satisfatório. Pessoalmente recreei-me com algum teatro em livro; vem a propósito chamar a atenção dos leitores para «O Fosso», de Jaime Gralheiro, e «A 10.ª Turista», de Armindo Mendes de Carvalho, agora lançados na colecção de teatro que o «Jornal do Fundão» começou a editar, textos provàvelmente irrepresentáveis na actual conjuntura, mas que ficarão como testemunho para o futuro.

Domingo passado, à míngua de outros chamarizes mais estimulantes, fui ver uma garraiada a Alferrarede, a 3 km de Abrantes. Pretexto para passear, para arregalar os olhos na contemplação de oliveiras e hortênsias. Em algumas pequenas cidades e vilas do trajecto vi cartazes anunciando «Empresta-me o Teu Apartamento» e «Pronto a Despir». Nos cafés e esplanadas pequenos grupos apáticos discutiam as peripécias da mini-copa.

Releiam Garrett; ele explica muita coisa sem os sectarismos contemporâneos.

ARMINDO BLANCO

FACTO CULTURAL: "O DELICADINHO" NO 6.º MÊS

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

PODES CRĒR AMIZADE

As bancas dos jornaleiros, aqui, no Rio de Janeiro, são uma festa de cores nos dois metros quadrados da sua aparente fragilidade, contruída com paredes de papel. É o oscilar ao vento de mil e uma revistas de todos os tipos e para todas as idades, temperamentos e gostos. Mas agora não dá só revistas ilustradas. Dá, principalmente, em edições luxuosas, sucessivas colecções de fascículos sobre tudo que nos cerca e é, ou foi verdade, ou contínua hipótese, no misterioso espaço sideral.

Uma amiga minha, a Dilma, entrou nessa rotina comprando o longo seriado **Cozinha em Todo o Mundo**, a três cruzeiros por semana. Isso foi há dois anos. Hoje está gastando uma pequena fortuna, pois, por velocidade adquirida, continua consumindo toda a sorte de enciclopédias que saem em fatias. Tem fascículos que, com tempo e paciência, irão um dia formar volumes sobre história universal, animais, raças, plantas, vulcões, grandes vultos disto ou daquilo, moda, bordados, artesanato, moedas, orixás, estilo, seitas religiosas, música, elegância, mares, rios, arquitectura, como-ser-boa-dona-de-casa, etc, etc., que ela já não tem como pôr em ordem no seu pequeno apartamento do Leblmn.

Insatisfeita, numa edição também para bancas de jornaleiro, está agora coleccionando as obras-primas do romance universal, e iniciou-se numa outra: a dos grandes cientistas. Esta mais cara: dez cruzeiros todos os sábados.

Mas, é claro, nada disto ela lê. Olha gravuras e vai amontoando...

— **Mas, querida,** disse-lhe eu, **porque está esperando? Cultura é tão essencial como comer e beber...**

— **Sabe? Começarei a ler quando ficar velha.**

— **Não há velhos. Só há gente que está morta sem dar por isso.**

Sorriu, mas não desiste. Vai assim cooperando com as tentações da sociedade de consumo.

Mas cada um se diverte como gosta, não é? Ela tem a amparará-la, há cinco anos, um banqueiro, dono de Rolls-Royce, sujeito gordo e sorridente, mas a quem as damas da Liga da Libertação Feminina dão o nome desagradável e injusto de porco chôvinista (escreve-se assim mesmo).

Ao saber disto ficou irritadíssimo.

— **Estou entre dois fogos. As mulheres me chamam de objecto. E ontem, em Brasília, um deputado considerou um perigo nacional as minhas colecções de fascículos por terem, disse ele, a finalidade secreta de manter a mulher brasileira costurando, bordando, fazendo quitutes, afastando-a assim dos assuntos mais importantes da actualidade. Leia você, leia. Olhe o que ele disse: Isto é manter a mulher encarcerada entre as paredes da desinformática social.**

Respondi-lhe, a rir.

— **Você sabe, esse género de deputados, em Brasília (principalmente os da oposição) cumprem o seu papel de lobos da corte.**

E começamos a falar no futuro do mundo...

1984

Perguntei-lhe se, por acaso, sabia da existência de um livro publicado várias décadas atrás, intitulado «1984».

— **Não, o que é isso?**

— **1984 é o ano que está mais agressivamente perto de nós, do que o ambicionado ano 2000, entende?**

Mas o que ela tinha em cima da mesa (descobri de repente) era a «Laranja Mecânica», do inglês Anthony Burgers, livro agora editado no Brasil.

— **Você comprou para quê?**

— **Sei lá. Pensei que fosse um livro de receitas de refrigerantes que pudesse utilizar com os electrodomésticos da minha cozinha...**

— **Não querida, não é nada disso...**

SUA EXCIA

Foi quando entrou em cena, de surpresa, o já mencionado banqueiro que, aliás, estava habituado à minha presença naquele seu lar ilícito (o verdadeiro é numa cobertura da Atlântica) mas neste já se bebe um escocês legítimo. Dilma convencera-o de que nunca trabalhara comigo no teatro, mas que era, sim, minha sobrinha, por parte da sua genitora. Coisas da vida...

Cairam nos braços um do outro. Sabem como é. Desembrulhou não sei quantos presentes trazidos por ele. Gritinhos. Beijos. Etc. E eu, bebendo. Por fim, Delma foi bus ar o inevitável cafézinho, enquanto ele, tirando o paletó e desfazendo o nó da gravata, contou:

— **Pois é. Cheguei ontem de Lisboa.**

— **Óptimo, e que tal?**

— **Estamos incluindo Portugal nos conglomerados internacionais que fazem parte da nossa nova política. Um bom negócio para eles...**

— **Cada um joga com os trunfos que tem!** respondi não exactamente à toa.

Dilma trouxe o cafézinho, enquanto ele confessava que se divertira às pampas assistindo numa casa portuguesa à transmissão pela tevê de jogo de futebol, aqui no Brasil, em que Portugal venceu por quatro a zero.

— **Ficaram orgulhosos?**

— **Qual! Riram à bessa. Quando os nossos locutores começaram naquele jargão que nos é habitual, se, de começo, se contiveram, talvez para me respeitar, a verdade é que não resistiram, e pouco depois romperam às gargalhadas. Não entendiam néca. Mas estavam achando gozadíssimo...**

— **O jogo?**

— **Não, meu caro, os locutores. Divertiram-se menos, quando, o Eusébio marcava um golo, do que tentando perceber a fala dos comentaristas, com seus badalos, e sinos, e gritos que nós conhecemos de sobra. E eu, você quer saber, vendo-os rir estava curtindo um barato. Os portugueses ainda não estão na nossa, de levar tudo no embalo.**

IRRITAÇÃO

Mas de repente mudou de tom. Vira em cima da mesa o mencionado volume de «Laranja Mecânica». Levantou-se, pegou no livro, indagando de cara amarrada:

— **Onde é que você arranjou isto?**

— **Comprei!** respondeu serena, a Dilma.

Então, o nosso banqueiro contou pa mim:

— **Na semana passada estava eu em Nova Iorque e acho que vi esse negócio num cinema. Um tal de «Clockwork Orange», não é?**

— **É,** esclareci. **E que tal?**

— **Uma vergonha. Uma desonestidade. Uma torpe exibição de violência que só tem por fim desmoralizar o «establishment», e os necessários métodos de repressão social. Olha, Dilma, joga essa porcaria** (disse outra palavra) **que me dá nauseas. É um lixo.**

E ia mesmo atirar o livro pela janela. Então reagi:

— **Pára aí, meu chapa. Não suja a rua. Você não sabe que estamos em plena campanha para manter limpos os logradouros públicos? Me dá o livro que eu dou a ele o destino que merece, tá?**

Concordou. Virei o copo, vim embora, e aqui estou em casa depois de ter lido a «Laranja Mecânica» do começo ao fim.

A LARANJA

Eu não sei se o livro está à venda em Portugal. Creio que ainda não. O filme é tao recente que, por isso mesmo, tem menos possibilidades de já ter sido exibido em Lisboa. Portanto vocês vão permitir que eu hoje lhes fale da «Laranja Mecânica» A verdade é que o livro assusta um pouco. Por várias razões. A principal é a gíria usada pelo narrador que conta a sua própria história. Uma gíria nova, formada por palavras compostas, ou inventadas, não à maneira de Joyce ou de Guimarães Rosa mas pela necessidade de não colocar a acção em nenhum país determinado. Estamos portanto longe dos Estados Unidos, ou da Inglaterra, como nesta tradução, estamos longe do Brasil. Mas estamos num país a fingir, que é menos amanhã do que hoje, onde a juventude ama a violência por si mesma, como necessidade natural ou visceral, no seu acaso de ter nascido. Fala-se uma linguagem diferente. A de hoje está perdendo a sua (ouso dizê-lo?) virilidade.

O mestre por vocês, creio eu, admirado, Carlos Drummond de Andrade, escreveu esta semana uma crónica intitulada **Do Jeito que a Língua Vai**. Vou transcrever dois ou três trechos:

a) **Tequinicalmente o meu frende está com a razão, mas remembre que hoje as coisas se resolvem não sensicalmente.**

b) **Olhaí, não vai bilivando no que te disserem sobre a base da Margarete... Ela é uma tatiladeira, fabuliza tudo.**

c) **O mestre laiquiou a bedilingua da «Laranja Mecânica?»**

— **Não. Achei obinoquissível, rialmente. Nada de briticismos populizantes! Sou muito dijeloso do nosso gênio idiomatical. Só na privacidade é que... anderstande?**

O livro assusta, como já disse, pela linguagem. Não sei como será no filme de que vocês conhecem de sobra e noticiário, pois muito Stanley Kubrick tem dito e escrito a propósito da transcrição da obra para o cinema. O autor, eu li, que não gostou. Entende que na primeira parte o homem do 2001, ultrapassou realisticìmente os limites do horror e da violência, quando ele criara apenas uma saga mitológica e picaresca dos instintos à solta de uma mocidade desiludida e desorientada.

Certo, que eu não vi o filme. Mas aqui está o livro. Escrito, é preciso que saibam, numa prosa ágil bem necessária aos leitores.

Estão, talvez, desejando que eu lhes fale do que nele acontece. Bem, a «Laranja Mecânica» é apenas isto: a lacerante confissão de um delinquente juvenil, o Alex, que conta a história dos seus excessos criminosos e da reeducação a que é forçado numa terrível lavagem cerebral que o força, horas seguidas, a assistir à projecção cinematográfica dos mais tenebrosos actos de violência. E tome filme! Até vomitar tudo que dentro dele o mantivera como chefe de «gang».

Vou transcrever para vocês alguns períodos, quando ele, nas duas últimas páginas, já regenerado, confessa:

A TRISTE CONFISSÃO

«Sim, sim, sim, era isso. A mocidade tem que passar, ah é. Mas a mocidade é apenas ser de um certo modo como um animal. Mas agora, quando eu termino esta história, irmãos, eu não sou jovem (tem dezóito anos) não mais ah, ah, não. Alex assim cresce, oh meus irmãos, é tudo que no meu odinoque (leia abandono, solidão) vocês não podem ir. Mas vós, oh meus irmãos, lembrem-se de vez em quando do vosso Alexinho como era. Amen. E essa quel toda».

Quel, é claro, é palavrão. Mas universal. Bem, se vocês não lerem o livro, não faz mal. Creio que deixo aqui esboçado o personagem que, ao acabar a sua história começa em busca de uma companheira. Como toda a gente.

Copacabana — Fim de Junho de 72

LIVROS RECEBIDOS

Da Editorial «O Século», acabo de receber **Tributo a Bertrand Russell, O CANCRO,** de Geoge Beau, **O VEADO FLORIDO,** de António Torrado, e **DESAFIOS DO FUTURO,** de mais autores. De José Cardoso Pires, **O DINOSSAURO.** De Gulbenkian, o sétimo número de Colóquio-Letras. Da Portugália: **TEMPO TÁCTIL** do poeta José Augusto Seabra. De todos, em breve, falarei um pouco. Obrigado.

Externato

Sebastião da Gama

CURSO DE FÉRIAS

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO

Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531

(em frente da Cervejaria Portugália)

O CINEMA ITALIANO NO APOGEU

ROMA — O cinema que atravessa momentos bastantes precários em muitos dos países industrializados, parece estar a renascer em Itália. O ano passado aumentou o número de espectadores nas suas salas, pela primeira vez desde 1959; iniciaram-se, esta Primavera, as filmagens de novas películas, com a participação de nomes tão destacados como Sofia Loren, Luchino Visconti, Frederico Fellini e Franco Zeffirelli.

Romy Schneider é Isabel da Austria e Helmut Berger o «Rei Louco» em «Ludwig»

A indústria cinematográfica italiana, que quanto a volume de produção rivaliza com a de Hollywood, está a ganhar novos brios, graças aos 535.733.000 bilhetes vendidos em 1971. Aquele número significa mais 10.727.000 do que em 1970, invertendo-se com ele a tendência que tirou aos cinemas um terço dos seus frequentadores, desde o ano recorde de 1955.

Sofia Loren interpreta o principal papel feminino de «O Homem da Mancha», versão cinematográfica do imortal» D. Quixote» de Cervantes, dirigida por Arthur Hiller, realizador canadiano de 48 anos, muito conhecido já pelo seu «Love Story».

Visconti está a filmar «Ludwig», a história de Luis II, rei louco da Baviera, que governou de 1864 a 1886. Dentro em breve, poderá ser visto em todo o mundo o filme «Roma», narrativa semi-autobiográfica de Fellini, inspirada na capital italiana, assim como «Irmão Sol e Irmã Lua», uma biografia cinematográfica de S. Francisco de Assis, realizada por Zeffirelli.

«O Homem da Mancha» é uma das películas que estão actualmente a ser rodadas nos ultramodernos estúdios de Dino de Laurentis, nos arredores de Roma, e que foram os mais prejudicados pela crise do cinema mundial, tendo estado encerrados durante um certo tempo. Dino de Laurentis vendeu, o ano passado, aqueles estúdios a uma empresa imobiliária, tendo declarado que se limitaria à função de realizador. Sofia Loren encarna em «O Homem da Mancha» a figura da Aldonça Lourenço, a jovem camponesa transfigurada, pela imaginação de D. Quixote (Peter O'Toole) na bela Dulcineia del Toboso, senhora do seu coração.

Visconti esteve na Alemanha a filmar «Ludwig», película em que Helmut Berger interpreta o papel do rei louco, sendo a figura de sua prima, a imperatriz Isabel da Austria, vivida por Romy Schneider. Segundo Visconti, o filme foca três aspectos da vida de Luis II: a sua amizade com Wagner, as relações com Isabel da Áustria e a megalomania que o levou a construir castelos por todo o seu reino.

VISCONTI

Luis II morreu afogado num lago, aos 40 anos de idade. Visconti afirma que procurou averiguar as circunstâncias daquela morte, mas nada conseguiu esclarecer. A seu ver, trata-se de um assunto a que os descendentes do Wittelbach, a família real bávara, não desejam que se dê publicidade. **«Foram infrutíferas as minhas investigações na Baviera»**, declarou. **«Nenhuma das fontes que consultei me foi de grande préstimo; tudo continuará a ser, também para mim, um mistério.**

O filme será o terceiro de Visconti sobre tema alemão, depois de «Morte em Veneza», adaptação de uma novela de Thomas Mann, e «O Crespúsculo dos Deuses», sobre a ascensão do nazismo. Visconti afirma que, embora ainda não tenha renunciado a um projecto anterior de filmar parte de «Em busca do tempo perdido», de Marcel Proust, espera ter a energia suficiente para abordar, na sua próxima realização, outro tema germânico, que será a adaptação de «A Montanha Mágica», de Thomas Mann.

FELLINI

Se a Alemanha fascina Visconti, como se vê, Fellini, por sua vez, sente-se atraído por Roma. «Roma» é a sua terceira película ambientada na capital italiana, depois de «La Dolce Vita» e «Satiricon». O seu último filme, tal como os anteriores, não tem, verdadeiramente, um argumento. Os espectadores contemplan uma série de impressões do artista, belamente fotografadas e grotescamente representadas, da Roma que conheceu depois que se mudou para ela, vindo da sua Rimini natal. Vêem-se cenas tiradas de um espectáculo de variedades dos tempos da guerra, pantagruélicas refeições num restaurante popular, os prostíbulos durante a época fascista, a perfuração de túneis para o «metro» e a descoberta de uma mansão da Roma antiga, além de um desfile de modas eclesiásticas, pouco menos surrealista. Como de costume, é a grande variedade do elemento humano integrado entre os «extras» o que mais desperta a atenção.

Por JOHN EARLE

Exclusivo FWF/DL

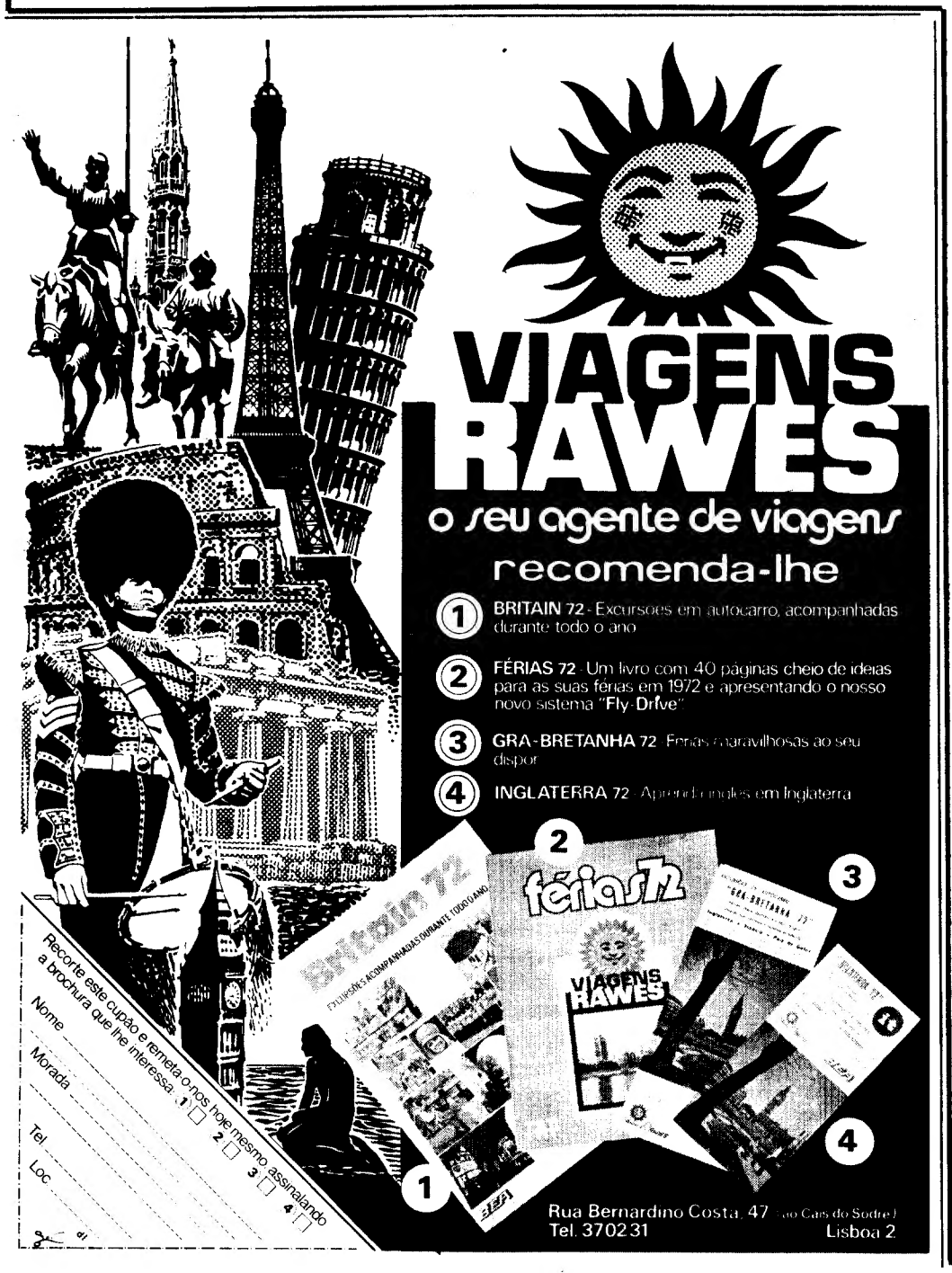
«Roma» está, agora, a ser exibida em Itália, depois de uns começos muito acidentados. Após ter sido rejeitada por um conhecido produtor, Fellini teve de suspender, temporàriamente, as filmagens por se terem esgotado os fundos fornecidos por outro patrocinador. Diz-se que Fellini teve de suprimir algumas das cenas que tinha projectado. Uma outra surgiu-lhe por puro acaso, durante uma carga da Polícia para correr de uma praça de Roma um grupo de «hippies», que Fellini pensava contratar como simples figurantes. A Polícia interrogou também um dia os seus «extras», a propósito do assassinato do gerente de um hotel, numa rua próxima daquela em que se encontravam.

ZEFFIRELLI

Zeffirelli, outro artista da câmara, realizou o seu «Irmão Sol e Irmã Lua», com um elenco em grande parte britânico. Graham Faulkner encarna S. Francisco e Judy Bowker a primeira figura feminina, Santa Clara. A mensagem do filme é evidente. Zeffirelli deseja demonstrar que a repulsa dos «hippies» pela sociedade moderna e a sua busca de valores fundamentais foi precedida por um movimento análogo, entre um grupo de jovens pertencentes, principalmente, às classes abastadas. Isto há perto de oito séculos.

É provável que divirjam as opiniões acerca do filme. A poesia, o lirismo e a veemência espiritual não são fáceis de passar para as telas dos cinemas. Mas se existe alguém capaz de triunfar em tal empenho, essa pessoa é Zeffirelli.

O Ludwig real e o da tela



JULIETA NO AUTO CARRO

CARTA DE NOVA YORK

De RAMON SENDER, especial para o DL

NOVA IORQUE — O facto a que vou referir-me deve ter ocorrido em 1952 ou talvez 1952. Certo dia, que não posso precisar de momento, recebi um convite de Frances Grant, secretária-geral da «Inter-American for Democracy and Freedom», para assistir a um banquete em honra de Rómulo Gallegos que vindo do México, onde se encontrava exilado, estava de passagem em Nova Iorque.

O modesto banquete-homenagem, onde fui acompanhado de minha mulher, teve lugar num pequeno restaurante, próximo de Times Square.

Estvam presentes cerca de vinte pessoas. Além de Gallegos e France Grant, viam-se Germán Arciniegas, então professor na Universidade de Columbia; Benjamin Cohen, jornalista chileno e subsecretário da ONU, Eugénio Florit, poeta e professor cubano; Ovidio Gondi, da delegação de Israel nas Nações Unidas, minha mulher eu e Carlos Dávila.

Carlos Dávila — a quem me refiro agora particularmente — grande jornalista e diplomata, ex-Presidente do Chile e Secretário da OEA (Organização dos Estados Americanos), faleceu em 1954. Mas, mercê de uma transmutação vital, noutra forma, vive ainda a encanta presentemente os nova-iorquinos.

Estranho? Misterioso? Peço ao leitor curioso que continue a leitura desta crónica até ao fim, sem saltar qualquer parágrafo.

Vou poucas vezes ao teatro e por uma razão muito simples: desgraçadamente, a arte teatral está em decadência, e o que se representa na Broadway, na maioria das vezes, não é concebido como arte, mas como simples distracção. O público frequente da Broadway — principalmente homens de negócios — não deseja ir ao teatro para pensar ou para sofrer espiritualmente, mas apenas para se «relaxar», isto é, para esquecer as preocupações do dia-a-dia.

Há, no entanto, excepções. Por isso, no final da temporada, costumo ir ver as peças que maior êxito alcançaram e se salvaram por darem prova de mérito indiscutível.

Este ano — a temporada teatral aqui começa em Setembro e acaba em Junho — a obra de maio êxito na Broadway, que conquistou dois prémios, entre eles o dos Críticos Dramáticos, foi «Two Gentlemen of Verona».

Por ocasião da estreia, em Setembro do ano passado, o «New York Times» fez da obra uma critica demolidora. O empresário Joseph Papp era de opinião que a peça não estaria em cena mais de oito semanas. Todavia, tanto o «Times» sabichão como o empresário Papp, um emigrante polaco que tem o mérito de haver criado o Teatro Popular e de introduzir Shakespeare em Nova Iorque, enganaram-se redondamente. «Two Gentlemen of Verona» constituiu o maior êxito de bilheteira do ano e continuará nos cartazes na próxima temporada. E são os artistas que constituem o elenco — um conjunto admirávelmente equilibrado de brancos, negros, latinno-americanos, porto-riquenhos e filipinos — que mantêm a cena.

«Two Gentlemen of Verona» é uma divertida paródia de «Romeu e Julieta». A acção passa-se em Verona, na Itália. Mas, o que em Shakespeare é rivalidade entre Capuletos e Montechios, drama e morte, em «Two Gentleman of Verona» é comédia, riso continuo, bailado e o grande amor de Romeu e Julieta.

O factor tempo não existe: pelas ruas de Verona circulam bicicletas e os vizinhos, por vezes, comunicam pelo telefone...

Os ianques fogem do drama. Consideram que a vida é bastante dramática já. Logo, para que dramatizar ainda os momentos de ócio?

Schiller escreveu a Ode à Alegria. Os nova-iorquinos fazem-na sua: são alegres. O espírito de Mark Twain subsiste ainda.

O teatro da Broadway é muito caro: 15 dólares por um lugar na plateia. Nas sessões da tarde — matinées — é mais barato: custa apenas 9 dólares.

Minha mulher e eu decidimos ir à sessão da tarde, no sábado último. O espectáculo começava às 14 horas. Saimos de casa às 13 e 30 e dirigimo-nos ao cruzamento da rua 73 e Broadway, para tomarmos o autocarro que nos levaria ao ponto em qua a rua 44 cruza com a Broadway, lugar onde se encontra o teatro que tem em cena «Two Gentlemen of Verona».

O autocarro não ia cheio e pudemos sentar-nos. Minha mulher tem por «bom» costume dar-me discretamente uma cotovelada quando descobre uma jovem bem feita, não vá eu distrair-me e não a ver...

A dois passos do lugar onde estávamos e de pé, apesar dos lugares vagos que havia, encontrava-se uma linda moça, de idade compreendida entre os 20 e os 25 anos, esbelta, morena, de olhos negros e brilhantes, rosto oval, portadora de um busto «fora de série». Vestia uma calça azul — «dungarees», como aqui lhe chamam.

Ouvindo-nos falar espanhol, a jovem olhou-nos esboçando um leve sorriso. Devido aos frequentes cruzamentos, o autocarro atrasara-se um pouco. Iam-se aproximando às 14 horas. A moça mostrava uma certa impaciência. Consultava o relógio com frequência e ia reparando no número das ruas.

Por fim, o autocarro parou na Broadway, antes do cruzamento com a rua 44. A jovem de «dungarees» foi a primeira a descer e desapareceu como um foguete.

Chegámos ao Teatro Saint James. Faltavam uns minutos apenas para as 14. Entrámos e sentamo-nos. A nossa fila era próxima do palco.

Subiu o pano. O cenário representava uma praça de Verona. A seu tempo entrou Romeu e, pouco depois, Julieta.

Julieta! Que surpresa para nós! Julieta era a jovem que tinhamos visto no autocarro!

Sim, Julieta era Diana Dávila, filha de Carlos Dávila que estivera connosco, vinte anos antes, no banquete de homenagem a Rómulo Gallegos, levado a efeito por um grupo de amigos e admiradores, no pequeno restaurante de Times Square.

E é Diana Dávila, com a sua formosura, com a sua graciosidade latina e o seu talento artistico, que tem contribuido para que a peça «Two Gentlemen of Verona» seja na Broadway o grande êxito teatral de 1972

Julieta: ode à alegria de viver

TRABALHO TEMPORÁRIO MANPOWER

DAS 9-12,30 E DAS 15-17,30
INSCRIÇÕES PERMANENTES PARA TODAS AS PROFISSÕES

*

Se é um(a) profissional competente colabore connosco e alargue as suas perspectivas profissionais e humanas

*

LISBOA
P. JOSÉ FONTANA, 9-C

uma boa desculpa não indemniza prejuízos

UM SEGURO NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*RC FAMILIAR IMPÉRIO

O seguro que paga por si... ...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus.
Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**
O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**
A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**
De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais.
Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?
A Império oferece-lhe um novissimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.
100$00 POR ANO — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia.
E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.
Mas a Império faz mais.
Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nivel cada vez mais elevado.

CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos
Recorte, cole num postal e envie à Império
Apartado 106 — Lx. 2
Nome
Morada
Profissão

Penta

DL/DESPORTOS INQUÉRITO

QUEM DEVE IR AO RIO?

Começa a 23 de Setembro o VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro, no qual o nosso país estará representado por Paulo de Carvalho, como artista convidado, e por um outro que será escolhido pelos leitores do nosso jornal.

Os votos têm dado entrada e as posições vão-se definindo. Entretanto o «DL» foi à rua ouvir opiniões do cidadão comum. Por entre um certo desconhecimento e relutância sempre fomos descortinando algumas opiniões.

Mário Sargedas, o actor, foi apanhado quando tomava o seu pequeno almoço, e se preparava para a gravação de mais um folhetim no Rádio Clube Português. Diz ele:

— **Tanto o José Afonso como o António Calvário, ou o Paulo de Carvalho, nos podem representar bastante bem. É uma questão de voz e apresentação. Digo mesmo de preparação. É claro que há bastantes mais, alguns dos quais bastante válidos.**

Uma senhora vai calmamente pela rua. Interpelada insiste apenas que se ponha o seu nome completo: Maria da Conceição Dine Calado. Depois a hesitação.

— Não costuma ouvir rádio?

— **Ouço todos os días, sim senhor. Mas não gosto de nenhum dos que ouço cantar. Ponha o Gabriel Cardoso que não é dos piores. Gosto da maneira que ele tem de cantar. Ouvi um programa dele um destes dias gostei imenso.**

O senhor Aníbal Almeida Ribeiro, motorista de praça, olhava atentamente, enquanto não chegava um cliente.

— **Não sou muito adepto dessas coisas. Se fosse para ir um fadista eu ia pela Amália Rodrigues, que é a de maior prestígio. Sem ser no fado ia no António Calvário que tem uma voz à altura de um cançonetista.**

Depois foi a vez de um técnico de electricidade nos responder. Tem 18 anos e chama-se Manuel José Lemos Teixeira:

— **O José Cheta porque gosto bastante da sua maneira de cantar. Ponha antes o Paulo de Carvalho, gosto ainda mais que do Cheta.**

Duas meninas não percebem nada destas coisas, e além disso não querem ver os seus nomes nos jornais, pois são muito conhecidas. Seguimos portanto até que Maria Antonieta Fernandes, empregada de escritório, com ar de férias, acede a responder:

— **Bem é muito difícil, sabe?**

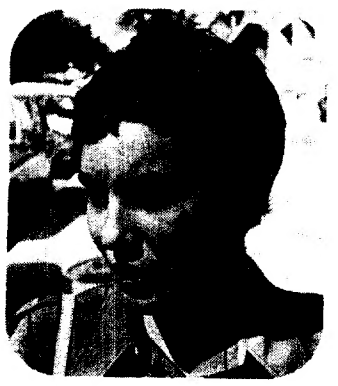
— Mas não ouve rádio?

— **Muito pouco. Nem me lembro de nenhum nome. Ah! pois, existe o Paco Bandeira, gosto da maneira como ele canta.**

De vermelho vestida, nos seus 18 anos, quase saltitando, a estudante Maria Helena Flores, uma das poucas pessoas que, das por nós interrogadas, já sabia do que se passava, desde a realização do Festival até à possibilidade que os leitores têm de votar no seu cantor preferido. Quanto às suas preferências:

— **Tanto se me dá que lá vá este como aquele. Isso não me interessa. Não estou a par dos nomes deles.**

De qualquer modo os votos vão chegando e alterando mais ou menos as posições na classificação. No meio da indiferença de uns, do entusiasmo de tantos quem será nomeado para estar no Rio de Janeiro a cantar uma nossa canção? Quem será?


Helena Flores

Antonieta Fernandes

Conceição Calado

Mário Sargedas

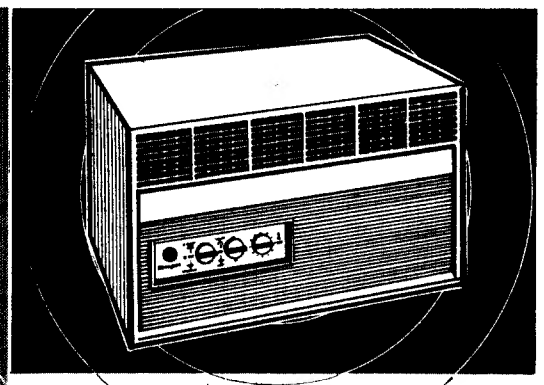
PARA REPRESENTAR PORTUGAL NO VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho. 185-1.º — LISBOA

ar condicionado! frescura, conforto; numa só palavra: Westinghouse



Os condicionadores de ar da WESTINGHOUSE proporcionam-lhe um verão mais fresco, um ambiente mais agradável; enfim, o ambiente de que necessita.

Em qualquer local em que se encontre, a WESTINGHOUSE permite-lhe viver à temperatura que mais lhe agrada.

Os condicionadores de ar WESTINGHOUSE foram especialmente concebidos a pensar em si!

unigrupo

Pode estar seguro (e fresco) se é Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 58 — LISBOA

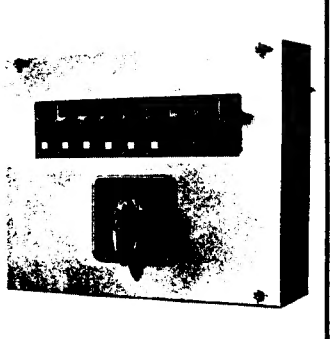
Por favor enviem-me folhetos sobre os condicionadores de ar WESTINGHOUSE.

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

QUADROS NORMALIZADOS PARA APARTAMENTOS



METÁLICOS COM DISJUNTORES AUTOMÁTICOS

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA

TEL. 654165 - LISBOA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.

Rendimento assegurado.

QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO INFORMAÇÕES DETALHADAS

Nome .....

Morada ..... Telef. .....

D L

DL/DOMINICAL REPORTAGEM

EXAMES EM MESA REDONDA

Texto de MÁRIO CARDOSO

A jovem voltou-se para trás, pediu os cigarros à amiga, e momentos depois, soprava descontraídamente o fumo, atenta a uma pergunta. O facto em si nada teria de especial se acaso não se passasse no decorrer de um exame escolar, nesta terra em que a solenidade tem os seus templos e as suas regras: efectivamente, na Escola de Artes Decorativas António Arroio, ensaia-se o exame em mesa-redonda — experimentado já ao ano passado —, em que três examinandos e os examinadores travam uma conversa séria mas descontraída acerca da História, disciplina que faz parte do 2.º ano (e último) da secção preparatória para Belas-Artes.

Ambiente mais franco e aberto.

A DESCONTRACÇÃO NA SERIEDADE

— **A experiência começou no ano passado, com a disciplina de Português. Este ano, com a de História continuámo-la, principalmente devido ao entusiasmo do professor Gustavo de Freitas, que tem a seu cargo a disciplina. É uma experiência que visa tornar mais aberto e franco o ambiente de exames, pôr o aluno tão à vontade como o está no decorrer das aulas, e esperamos continuar com ela e ampliá-la. Pelo menos enquanto houver exames.** — diz-nos o subdirector da Escola, pintor Marcelo Moreira de Sousa, que preside às provas.

Era realmente diferente o ambiente do exame a que assistimos: duas raparigas e um rapaz sentados em frente dos professores, com os livros abertos nas páginas de gravuras que eram motivo para uma conversa calma, uma máquina de projectar «slides» que oportunamente era utilizada para exemplificar e esclarecer determinados pontos da matéria focada. Não havia ambiente pesado nem roer de unhas ou mexer nervoso de pés — apesar de ser a primeira vez que os alunos faziam exame desta forma conjunta.

«PODEM DISCUTIR»

— **Isabel, qual lhe parece que seja a maior necessidade do Homem?** — pergunta o professor Gustavo de Freitas. A jovem acha que são os transportes (uma forma indirecta de reflectir os problemas do dia-a-dia citadino...), e a conversa generaliza-se. O professor apenas tem que conduzir as achegas que cada um vai dando: conclui-se que, sem se alimentar, a espécie humana — com todas não sobrevive. O examinador não deixa, porém, de acrescentar:

— **Vocês, se discordarem de qualquer coisa, digam, podem discutir à vontade uns com os outros. Até mesmo connosco, é claro!**

Isso, porém, não chega a verificar-se: tanto as moças como o rapaz não são de grandes falas; embora descontraídamente, dizem pouco mais que o indispensável. Uma das alunas, talvez mais ouvinte que participante, é provocada pelo professor, que lhe pergunta a opinião sobre a escultura gótica que ela própria antecipadamente escolhera para falar: a conversa acaba uma vez mais por se generalizar.

— **Esta forma de exames parece-nos muito mais positiva. Os alunos estão muito mais à vontade do que quando interrogados individualmente, e não deixem de revelar da mesma forma de conhecimentos. De resto, o contacto entre nós e os alunos, neste tipo de exame, é afinal o mesmo que se verifica ao longo do ano, na António Arroio: à-vontade e respeito mútuo que todos praticam naturalmente** — afirma-nos no final o professor Gustavo de Freitas, corroborado pelo seu colega António Mirrado Paisana. E acrescenta:

— **É claro que esta forma de examinar exige muito maior atenção aos professores. Mas tem, sem dúvida, muito mais interesse.**

ALUNOS APROVAM

O exame terminara. No corredor, os que tinham acabado a prova conversavam com as três moças que se seguiriam. O ambiente era de agrado, passada a experiência. Célia Rodrigues, já professora de Desenho de Formação Feminina numa escola e portanto aluna externa, confessou:

— **Como era a primeira vez que fazia um exame assim estava mais atrapalhada que nos outros. De qualquer forma, acho que desta maneira é melhor. Podemos conversar, e a relação entre as pessoas é diferente.** E ria-se, talvez por estar tanta gente a olhar para ela...

Por seu turno, Isabel Ralo, também aluna externa e professora de Desenho do ciclo preparatório, afirmou-nos — cigarro de novo entre os dedos:

— **O exame feito assim em conjunto permite-nos desenvolver mais as ideias e até ajudarmo-nos uns aos outros no sentido de chegarmos àquilo que queremos dizer. É melhor, realmente.**

Por fim, Joaquim Ramos, barba farta no rosto jovem, corroborando as impressões das colegas, pôs ponto final na questão:

— **Olhe, até podemos discutir com os professores. Deixamos de ser réus num julgamento...**

«Deixamos de ser réus num julgamento...»

«A relação entre as pessoas é diferente».

A PRIMEIRA DAMA É UMA BELA ACTRIZ

Todas as noites chega ao teatro pontualmente, veste-se de profissional do amor, exageradamente pintada, a cabeça de cabelos de algodão loiros platinados, a bolsinha que, baloiçando, bate sobre a coxa nua, uma voz rouca, uma ladainha de palavrões, anda em cena de um lado para o outro a seduzir marinheiros. Helle Virkner Krag, de 44 anos, é a protagonista do espectáculo **Cirkusrevyn**, uma revista satírica que está actualmente em cena no parque de diversões Bakken de Copenhaga, na Dinamarca. Para a ver, os dinamarqueses fazem bicha todas as noites. Os jornais têm publicado a sua fotografia. Nos salões fala-se de escândalo.

Depois da rainha Margrethe e da rainha mãe Ingrid, Helle Virkner é, de facto, a terceira senhora da Dinamarca: há 12 anos desposou Jens Otto Krag, secretário do Partido Social-Democrático e actual primeiro ministro. **«Não compreendo o que possa haver de estranho: sempre fui actriz. Como mulher do primeiro-ministro não me sinto obrigada a desistir»**. declarou ela **«Por outro lado, sou uma boa esposa e uma mãe atenta: meu marido e meus filhos nunca tiveram motivo para se queixarem de mim»**.

Os escândalos nunca meteram medo a Helle Virkner. Vistosa, provocante e de temperamento muito vivo, começou a representar ainda muito jovem para o cinema, depois passou para o teatro, tornando-se conhecida sobretudo pela sua ha-

EM CENA. Helle Virkner Krag, mulher do primeiro ministro dinamarquês, tal como aparece numa revista.

bilidade para representar papeis muito audaciosos. Há dois anos foi declarada a actriz de maior talento na Dinamarca, mas os críticos mais perversos continuam a afirmar que **«mais do que talento, tem um belíssimo corpo»**.

Depois de um casamento, quase clandestino, com um homem psicológicamente muito afectado (a união durou, ao que parece, poucos dias), Helle voltou a casar-se, com Ebbe Rode, um actor 15 anos mais velho do que ela.Quando tinha 32 anos, aconteceu o clássico imprevisto: uma noite de Verão encontrou-se sentada num banco de um parque de Copenhaga ao lado de Jens Otto Krag. Passados poucos dias, partiram ambos para a Côte d'Azur, onde os surpreenderam jornalistas e fotógrafos.

Para calar as más-línguas e não arruinar a carreira política dele, casaram-se precipitadamente e desde então habitam uma modesta moradia em Egerenvej, uma ruazinha na periferia de Copenhaga. Têm dois filhos: Christian de 11 anos e Atrid de 9 anos. Dizem ser felizes como no primeiro dia, embora por duas vezes, recentemente, se tenha falado de divórcio.

Crítica maliciosa. Às críticas e às mexeriquices que a vida pública de Helle suscita, opõem-se calorosamente os amigos do casal. **«É uma mulher maravilhosa»**, dizem. **«Até sabe cozinhar lindamente, coisa que as dinamarquesas normalmente ignoram»**. Como prova desta sua habilidade de cozinheira citam as receitas que Helle deu durante uma entrevista e que foram publicadas há dois anos num semanário; muitas leitoras experimentaram-nas e ao jornal chegaram avalanches de cartas de cumprimentos.

Entusiastas a seu respeito são também os hóspedes oficiais (muitos são homens

Por WALTER ROSBOCH

públicos estrangeiros) que têm passado alguns dias na sua pequena casa (sem telefone) no extremo norte da península da Jutlândia na qual, sempre que pode, se refugia com o marido e com os filhos. A todos, gente famosa ou não, Helle reserva um acolhimento familiar. É ela quem faz a limpeza, que prepara o comer, lava e engoma, ocupa-se dos filhos, do marido, dos convidados com igual calor e sempre com alegria.

É impossível, para todas as pessoas que a conheceram bem, compartilhar as críticas maliciosas de qualquer suspeita lançada à toa (há quem se pergunte, perplexo, como faz para se transformar, duma forma tao perfeita, em mulher de costumes fáceis). **«Calúnias, maldades, invejas»**, diz Ingeborg Springborg, de 30 anos, professora de línguas e amiga de Helle. **«É uma mulher de grande classe, que sabe fazer tudo bem»**.

«Violino» passa das três mil

É pouco provável que qualquer dos espectáculos montados na Broadway atinja o número de representações da comédia musical «Fiddler on the Roof» (3225). O anterior recorde fora «Life with Father» (3224). «Oh Calcutttá» alcançou já por seu lado, as 1250 representações. Os críticos, todavia não lhe profetizam o êxito de «Fiddler on the Roof» (Violino no Telhado).

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

VALVANUZ

Esperado em 12 do corrente

GALEONA

esperado em 21 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV

LISBOA-2

MATAM PARA SER ALGUÉM

Uma infância triste, o medo dos outros, a falta de amor: talvez isto explique em parte os atentados cometidos ultimamente e que, na aparência não tinham objectivos de carácter político.

Uma vida de pobreza, uma infância triste e sem amor, pais inexistentes e mães possessivas, desilusões contínuas e isolamento social. Estas as características que tornavam comuns três assassinos (Lee Harvey Oswald, que matou o presidente John Kennedy, James Earl Ray que disparou contra Martin Luther King, Sirhan Bishara Sirhan, o assassino de Bob Kennedy) e Arthur Herman Bremer que, na segunda-feira, 15 de Maio, tentou liquidar George C. Wallace, candidato democrático ás eleições presidenciais, na cidadezinha de Laurel no Estado de Maryland.

É esta a conclusão de um estudo levado a cabo por David Abrahamsen, um psiquiatra de Nova Iorque, autor de numerosos livros sobre factores sociais e psicológicos que condicionam o comportamento criminal. **«Há uma semelhança impressionante»**, diz **«entre a vida de Bremet, um solitário sempre fechado em si próprio, e a dos outros três assassinos»**.

Também Donald W. Hastings, professor e director da Faculdade de Psiquiatria e Neurologia da Universidade de Minnesota, se interessou pelo problema, tendo efectuado um estudo sobre nove homens que atentaram contra a vida de oito presidentes americanos (quatro tiveram êxito). Chegou ás mesmas conclusões de Abrahamsen: todos excepto os dois nacionalistas porto-riquenhos que em 1950 tentaram matar o presidente Harry Truman (queriam que os Estados Unidos concedessem a independência a Porto Rico), acusavam sintomas de esquizofrenia paranóica e haviam tido uma infância infeliz.

Para eles não existia absolutamente um móbil político. O próprio John Wilkes Booth, o assassino do presidente Abraham Lincoln (disse-se na altura, que o tinha feito para vingar os confederados do Sul derrotados na Guerra de Secessão era um doente mental.

Também, no caso dos quatro estudados por Abrahamsen, a infância foi um período particularmente difícil. O pai de Oswald mor-

ANALOGIAS. Arthur H. Bremer, o agressor de Wallace. Um psiquiatra de Nova Iorque descobriu nele desconcertantes analogias com os assassinos dos dois irmãos Kennedy e de Martin Luther King.

reu antes do nascimento do futuro assassino de Kennedy e o rapaz foi criado por uma mãe protectora e demasiado possessiva. Os pais de Ray e de Sirhan batiam-lhes frequentemente e ambos abandonaram a família quando os filhos não tinham ainda dez anos. No caso de Bremer, as relações com o pai foram melhores, mas a mãe era uma mulher autoritária que não lhe permitia sequer que jogasse o futebol.

Sem mulheres. Para todos, pois, as relações com os outros e com as mulheres em particular, foram um completo malogro: Ray e Sirhan, por exemplo, nunca tiveram uma relação amorosa (os psicanalistas consideram que este facto seja o resultado de uma infância em que não conseguiram afirmar a sua masculinidade). Sem um amigo, qualquer dos quatro nunca confiou em ninguém. **«Este tipo de comportamento»**, diz Hastings, **«é característico de quem nunca teve confiança na própria família e lentamente se transformou num paranóico: tem medo dos outros, pensa que se não continuar na defensiva pode ser atingido»**.

Também, subsequentemente, a sua vida foi um malogro contínuo. Oswaldo, quando fugiu para a Rússia, pensava ser acolhido como um héroi: ficou extremamente desiludido quando se deu conta de que os russos não sabiam o que fazer com ele. Ray não fez outra coisa que não fosse entrar e sair da prisão. Uma vez, durante um processo, quis improvisar-se advogado de si próprio, obtendo como único resultado piorar a própria situação.

Sirhan quis primeiramente seguir a carreira diplomática mas não, conseguiu terminar os estudos universitários; depois tentou tornar-se um famoso jóquei.Quando um cavalo o cuspiu da sela,ficoutãomagoado que desistiu do sonho. Também as ambições de Bremer foram sempre frustradas:queria tornar-se escritor ou fotógrafo de nomeada, mas os únicos lugares que conseguiu encontrar foram os de porteiro e de bilheteiro de autocarro.

«Todos estes factores» concluiAbrahamsen,**«levam um homem a tornar-se assassino. O assassino de quem, ao contrário deles, conseguir tornar-se alguém»**.

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

HITLER

1 - A técnica da persuasão

Quase não reparara que, sùbitamente, alguém se tinha erguido e começara a falar, a princípio de modo hesitante e tímido, como se procurasse as palavras adequadas para exprimir os pensamentos cuja grandeza não cabia nas acanhadas fronteiras da linguagem vulgar. De repente, porém, o discurso adquiriu intensidade. Sentime suspenso das palavras do orador. Escutava...

«Sentia alternadamente calor e frio. Não sabia o que estava a acontecer. Era como se os canhões fizessem ouvir a sua voz... Estava fora de mim. Gritava: viva! Ninguém pareceu surpreendido. O homem olhou para mim durante alguns momentos. Os seus olhos azuis fixaram-se no meu olhar como uma chama. Era uma ordem. Nesse momento tornei a nascer».

OS OLHOS

O indivíduo que se exprime nestes termos é Josef Goebbels, descrevendo o que sentiu ao ver Hitler pela primeira vez na enorme arena do *Munich Zirkus Krone*, em Junho de 1922. Goebbels era evidentemente um mentiroso, um hábil mentiroso profissional que se tornou administrador-director de uma indústria nacional da mentira. Aqui, porém, o mentiroso está a falar verdade. A entrega a Hitler daquele homenzinho duro e céptico foi feminina e total. *«Quero que Hitler seja meu amigo»*, escreveu mais tarde nos seus diários. *«Tenho a sua fotografia sobre a mesa de trabalho, Jamais me resignaria se me visse obrigado a duvidar deste homem».*

Os olhos de Hitler. Os olhos são esferas de substância gelatinosa inexpressiva, como os anatomistas nos dizem em vão: estes pontos salientes feitos como que de borracha contorcem-se e transmitem a emoção à sua volta. Porém, tal como o coração continua a ser o símbolo da vida, os olhos permanecem o símbolo da vontade. Homens e um mundo foram arruinados pela vontade de Hitler. Os sobreviventes voltam a abordar a questão dos seus olhos. Tornaram-se o epíteto de um escritor, o dever de um turista.

«Aqueles grandes olhos azuis, semelhantes a estrelas», disse Goebbels *«Os olhos eram tão extraordinários que tudo o mais passava despercebido. Nunca na minha vida vi outra pessoa cuja aparência — como dizê-lo? — fosse tão completamente dominada pelos olhos».*

Franz Von Papen, que permitiu que Hitler tomasse as rédeas do poder, não era da mesma opinião. *«Achei-o curiosamente vulgar. As fotografias da Imprensa não tinham dado a mínima ideia de uma personalidade dominante, e não consegui descobrir qualquer qualidade interior susceptível de explicar a sua extraordinária ascendência sobre as massas. Envergava um fato azul-escuro e lembrava perfeitamente o pequeno burguês. Com a sua tez pouco saudável, o pequeno bigode e o curioso corte de cabelo, tinha um aspecto boémio indefinível. As suas maneiras eram modestas e educadas e, embora tivesse ouvido falar muito da qualidade magnética dos seus olhos, não me recordo de me ter sentido impressionado com eles».*

Hitler, em 1934, no Dia do Partido do Reich, em Nuremberga

Anthony Eden viu *«olhos glaucos, azuis-claros»* ligeiramente salientes, chegando a admitir que Hitler sofresse de hipertiroidismo.

Os olhos de Hitler eram na verdade grandes, sobressaindo visìvelmente, o que dava a impressão de estarem *«cheios de luz»*, acentuada pelo belo cabelo negro. Quem o tivesse conhecido em rapaz — errando, por exemplo, pela ponte de Linz, à espera que a sua amada Stefanie, a sua primeira paixão, passasse a acompanhada pela mãe — teria ficado impressionado com o olhar deste jovem. A princípio, poderia muito bem ter voltado a cabeça para trás para ver que género de monstro o fazia dilatar assim os olhos com terror. Seguidamente, e depois de rejeitar a ideia de que este rapaz delgado e trajando com excessivo apuro fosse cego, poderia ter começado a sentir-se embaraçado: talvez se tratasse de um olhar de muda reprovação. Ter-se-ia esquecido de abotoar o casaco? Ou haveria vestígios de ovo no cachecol?

. Quando era novo, as mulheres achavam que os seus olhos eram belos, mas havia algo mais. A sensação de serem despidas mentalmente parece ter contribuído para o efeito devastador de Hitler sobre as mulheres anos mais tarde. Sob o aspecto político, era extremamente útil. Sabia tudo acerca do mito dos olhos, como é natural, e servia-se dele. Nos comícios partidários de Nuremberga, disse certo dia, *«tinha de se esforçar por fixar cada homem nos olhos, pois todos eles, ao passarem por ele, tentam captar o seu olhar.*

Com o decorrer do tempo, começou a sofrer de astigmatismo, usando uns vulgares óculos de aros metálicos para examinar os seus mapas. Os óculos davam-lhe o ar de um irascível merceeiro de aldeia. As fotografias públicas de Hitler com óculos ou em trajo de banho eram rigorosamente proibidas.

O ÓDIO

Sabemos o que Hitler fez. Começamos a compreender

Continua na pág. seguinte

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

1 HITLER
A técnica da persuasão

Continuação da página anterior

que tradições históricas e que insuficiências da sociedade alemã permitiram que os alemães se voltassem para ele como para um salvador. Todavia, o mistério pessoal de Hitler persiste. O filho de um funcionário de Alfândega austríaco, o mau aluno, o irascível e pouco culto diletante, conquistou e dominou uma nação como nenhum homem o fez até agora. Sem qualquer direito de casta tradicional à autoridade formal, obteve a rendição da nação mais autoritária da Europa. Sem abrir a Bíblia, levou a nação mais diligentemente cristã do Ocidente a um crime que excede mesmo o extermínio dos índios americanos.

As teorias deterministas que pintam Hitler como mera máscara do recente fascismo capitalista são fúteis, o mesmo se podendo dizer das teorias segundo as quais Hitler foi apenas mais um homem de Estado alemão dotado de sorte excepcional — *«Hamlet sem o Príncipe»*, como comenta um jornalista alemão. Hitler, com grande pesar dos autoacusadores, não era como qualquer de nós. Era um ser humano totalmente excepcional, nem louco nem fisicamente anormal, mas portador de uma carga de força de vontade que estava para a vulgar determinação humana como uma central eléctrica está para uma lâmpada de bolso.

O motivo continua obscuro. Como explicações, a procriação consanguínea entre os seus antepassados ou um pai autoritário não se revestem de qualquer significado. Em tudo aquilo que de autêntico sabemos acerca de Hitler como rapaz e aluno, nota-se a mesma convicção frenética e messiânica. Ele chefiaria; ele modificaria tudo; ele esmagaria a oposição.

Carisma é uma bonita palavra. Conquista-se tornando as pessoas subitamente conscientes de que o que dizemos não são apenas palavras. Fidel Castro exprime-a, através dos seus intermináveis e excêntricos discursos como banhos na *«sopa quente e diluta»* enérgico e diligente Rudi Dutschke possui-a, mas já o mesmo não acontece com Daniel Conh-Bendit. Hitler, porém, aliava à convicção as dimensões de um ódio atemorizador e impiedoso.

Não era apenas a sua concentração intencional da responsabilidade por todas as coisas num único alvo complexo — o Bolchevismo-judaico plutocrático — que numa famosa passagem de *«Mein Kampf»* ele expõe como uma táctica *(«A arte suprema de todos os «leaders» de multidões verdadeiramente grandes sempre consistiu, acima de tudo, em não dividir a atenção do povo, mas sim concentrá-la constantemente num inimigo. Quanto mais unida for esta expressão da vontade de um povo para lutar, maior será a atracção magnética de um movimento e mais violento o choque do seu impacto»).* Era igualmente o despertar do medo puro e simples — dele — na sua audiência, que seguidamente atenuava canalizando-o para o ódio.

A eloquência perante as multidões era o meio de que Hitler se servia, não só por ter perfeita consciência da sugestão das massas, «a força de milhares acumulada *na mente de cada indivíduo presente»*, mas também porque a oratória de Hitler consistia, em larga medida, na livre associação de ideias, um saltar de imagem para imagem até que a cadeia de ideias se rompia bruscamente, as luzes associativas se apagavam, e o seu discurso terminava.

Na rádio, este género de arenga errante podia parecer bizarra; na televisão, teria sido absurda. Stephen Roberts, em *«The House that Hitler Built»*, descreve-o errando de estímulo para estímulo antes de acabar de maneira bastante inesperada, mesmo num anticlímax, interrompendo o discurso para erguer a mão e gritar alguns *slogans* antes de terminar.

Algumas destas associações de ideias foram reconhecidas no ensaio de Kenneth Burke *«The Rhetoric in Mein Kampf»*, publicado nos anos 30. A Alemanha humilhada, em simbolismo sexual, torna-se *«Siegfried sem cornos»:* as massas são femininas, ansiosas pela dominação do *«leader»* forte, mas «seduzidas» pelo astuto Judeu. Servindo-se da sedução, ele envenena o sangue da massa pela miscigenação (aqui a corrente de associação entre acto e metáfora vacila), e Hitler então, *«através de simples associação de ideias»*, crítica violentamente a doença venérea, a prostituição e o incesto.

Do mesmo modo, as suas imagens da conversa tola e fútil de um parlamento judaico democrático fundem-se com as suas impressões da Viena multilingual, onde observou pela primeira vez um parlamento da galeria, com aquilo que a ele lhe pareceu o regatear ordinário nas ruas de magiares, checos, judeus e polacos, enquanto a alma alemã do *Reich* sangrava até à morte. Não é uma coincidência o facto de Hitler ter o costume de escutar com furiosa atenção os discursos dos deputados checos no parlamento, embora não falasse uma única palavra de checo. Desde esse momento, as ideias de hibridez racial e democracia parlamentar ficaram indissolùvelmente ligadas.

O injurioso conceito de Hitler de *«Bolechevismo-judaico»* era semelhante. O capitalismo internacional e o marxismo internacional não passavam de braços da mesma conspiração, promovida pelos financeiros judeus e *«esse Mordecai moderno»*, Karl Marx. Como Kenneth Burke faz notar, jamais se dá ao trabalho de explicar de que modo a vitória do bolchevismo judaico podia ser também a vitória do *big business* judaico. Em vez disso, descreve a imensa alegria e alívio de que se sentiu possuído quando *«compreendeu»* que o marxismo e o capitalismo internacional constituiam aspectos do mesmo fenómeno racial. *«De um débil cidadão do mundo, transformei-me num anti-semita fanático.»* A ideia de que os judeus eram culpados de tudo libertou-o finalmente da necessidade de prestar mais atenção à economia clássica — ou, facto ainda mais agradável — à dialéctica marxista.

Na verdade Hitler, que assassinou muitos daqueles que o contradiziam, foi toda a sua vida o inimigo do dogma. Desde a infância, considerou sempre qualquer conjunto de regras formuladas, e quase as próprias leis da natureza, um desafio directo à sua própria existência como uma personalidade. E este o significado de *«Hitler o artista»*. Não era um artista, mas via a vida do artista como o caminho da fuga à submissão, disciplina e obediência. Quando seu pai tentou obrigá-lo a tornar-se funcionário público, respondeu que queria ser pintor.

Pintou e desenhoú, sem grande resultado, tendo vendido mais tarde, quando se encontrava numa situação financeira difícil, alguns postais ilustrados e desenhos publicitários. Tentou o drama, conseguindo que sua irmã Paula concordasse em que ele lhe ditasse as primeiras páginas de uma peça anticlerical acerca do divórcio. Tentou a ópera, ditanto a August Kubizek, no quarto de ambos em Viena, o começo de uma bombástica versão alemã de *«Wieland the Smith»* com *Leitmotiven* que tentou tocar de ouvido ao piano.

Kubizek, que estava a estudar música, provocou a cólera de Hitler ao dizer-lhe que era indispensável saber alguma coisa sobre escalas.

Durante largos anos, interessou-se sobretudo pela arquitectura, desde os dias em que, com 17 anos de idade, errava por Linz, concebendo uma cidade totalmente nova com todos os seus pormenores, até aos últimos anos no *bunker* de comando da Prússia Oriental, falando de arcos triunfais em Berlim, que fariam com que o Arco do Triunfo de Paris se parecesse com um buraco de rato. O seu gosto foi sempre pavoroso. A faceta «artística» era apenas uma desculpa para não aceitar coisa alguma da experiência dos outros, não aprender nada sistemàticamente e escarnecer de todas as pessoas limitadas pela tradição: diplomatas *(«nada mais fazem do que pastar em recortes de jornal»)*, oficiais do estado-maior, sacerdotes e, sobretudo, advogados.

As tentativas artísticas de Hitler revelaram que ele possuía outros talentos pouco utilizados. A fertilidade mental e a visão para o pormenor eram espantosas. A sua «Conversa de Mesa», para citar apenas um exemplo, encontra-se repleta de observações eruditas e inteligentes acerca dos motores refrigerados a ar. Era um mestre do pormenor técnico, particularmente com novas armas, domínio em que as suas sugestões se revelavam frequentemente úteis e originais. Como consultor técnico independente, Hitler poderia muito bem ter tido um futuro inofensivo para a humanidade. Como ditador, isso deu origem à desastrosa tendência para se esquecer da madeira para as árvores: quando se tornou necessária uma nova estratégia para a ofensiva da Crimeia, Hitler costumava dissipar as suas energias falando de capacetes de pele ou de rações vegetarianas e acabando por dar descuidadamente a ordem menos indicada.

Uma vez por outra, porém, a sua concepção de estratego amador era acertada. O risco de aguentar a todo o custo em Estalinegrado e tentar «furar» próximo da cidade em direcção ao Cáucaso valia bem a pena; hoje em dia, os generais sobreviventes são unânimes em responsabilizar Hitler pela catástrofe, mas o ver-

Milhões de Alemães, foram fascinados por este estilo truculento

dadeiro responsável foi Goering, que mentiu ao garantir encontrar-se em condições de abastecer a bolsa de Estalinegrado por via aérea.

A VONTADE

«Vontade» é, hoje em dia, uma palavra antiquada. *«Carisma»*, com a sua implicação do imerecido, da dádiva de Deus, é mais popular. Porém, a força de vontade, latente e depois deliberadamente cultivada, foi o caso de Hitler. Hitler é o produto supremo da *«Idade da Vontade»*.

Isto não significa apenas que Hitler adoptou a religião da força, do direito de o forte exterminar o fraco, embora tivesse lido o seu Nietzsche e, como reconhecedor de batalhão na Primeira Guerra Mundial, tivesse percorrido os caminhos lamacentos da Flandres com Schopenhauer no bolso. Significa igualmente que cultivou a força de vontade como outros rapazes cultivam os músculos físicos — com o mesmo objectivo de adquirir formas de influência sobre outros. Von Papen escreveu acerca da sua *«extraordinária e indefinível capacidade de prender os indivíduos, e sobretudo as massas, à sua vontade»*. Hjalmar Schacht, o seu perito financeiro, confessou que *«a coisa que mais me impressionou neste homem foi a sua convicção absoluta da rectidão do seu ponto de vista e a sua determinação em o traduzir em acção prática»*. Hitler treinou-se para influenciar outros. *Toda a minha vida pode ser resumida como o esforço incessante para persuadir outras pessoas»*, disse ele certo dia. Foi a única disciplina que alguma vez praticou completamente.

Entre o ideal medieval de virtuosa resignação e a noção moderna de igualdade de oportunidade garantida pelo Estado, existe uma brecha. Foi a Idade da Vontade. Foi a idade em que abundaram teorias de auto-aperfeiçoamento, em que foram vendidos milhões de livrinhos sobre como escrever cartas, falar correctamente, observar a etiqueta e, de maneira geral, chegar à perfeição pelo esforço próprio. Vai desde *«Umgang mit Menschen»* («Como Manobrar as Pessoas») de K:nigge, no começo do século dezanove, passando pela doutrina de *«auto-ajuda»*, até *«Como Conquistar Amigoe e Influenciar as Pessoas»*, de Dale Carnegie, publicado já em 1938.

Baseia-se sobretudo — como literatura e como uma doutrina — na suposição de que, se quisermos ser bem sucedidos, devemos aprender a técnica de *«submeter os outros à nossa vontade»*. Este objectivo podia ser alcançado apelando para a consciência dos seres superiores à nossa volta — a condolência agradàvelmente fraseada, as meias palavras indicadas; ou para o seu inconsciente — os milhares de alunos da Inglaterra de Eduardo VII que se faziam acompanhar do seu equipamento para hipnotizarem os amigos. Desenvolva a vontade, aprenda uma série de habilidades pormenorizadamente especificadas, obrigue os outros a submeterem-se aos seus desejos sexuais, sociais ou financeiros, torne-se um fascinador...

A brecha entre os ideais era também uma brecha entre a ambição e o resultado. Especialmente no começo do século vinte, surgiu uma classe de jovens de ambos os sexos que tinham beneficiado da educação universal adoptada muito recentemente, mas que ainda enfrentavam uma sociedade estruturada em classes e hierárquica que friamente os convidava a *«conhecerem o seu lugar»*. Educação nas filosofias da Revolução Francesa, os idealistas hegelianos, a nova estética — e depois? A secretária do escrevente, a pena, o servilismo, os olhares de soslaio do filho do patrão passeando no parque com uma bela mulher — a mesma vida que seus pais, pelo menos, não compreendiam ser a morte em vida.

Foi nessa altura que chegou Hitler.Precisamente uma dessas vítimas da educação para o desapontamento, ele tomou o mesmo caminho da evasão. Produziu-se pormenorizadamente. Com uma atenção inquebrantável, estudou a técnica de fazer com que a sua vontade se fizesse sentir sobre os que o rodeavam. Gradualmente, no albergue de Viena e, depois de 1918, em comícios políticos nos quartos das traseiras dos *«pubs»* de Munique, ele adquiriu esta experiência.

Existem inúmeros exemplos. Baldur von Schirach, mais tarde chefe da Juventude Hitleriana, persuadiu Hitler a dirigir-se aos estudantes de Munique, sendo obrigado a mostrar-lhe a sala onde deveria falar. Era um longo rectângulo, com a plataforma destinada ao orador numa das extremidades. Hitler deu instruções para que a plataforma fosse deslocada para o centro, de modo que lhe fosse possível ficar de frente para uma audiência ampla e com pouca profundidade agrupada à sua volta, em vez de uma audiência estreita com a extremidade voltada para ele. Ou, por exemplo, a observação de Edgar Mowrer de que *«ao fazê-los pagar para serem admitidos, com a sua arte de encenar, declarações e sugestões de massa, cria-se de facto a impressão de que são eles* (a audiência) *que estão a apelar para ele»*. Ou a sua secretária da Casa Castanha, que chamava a atenção do visitante por servir de apoio a um quadro de comando de campainhas com nada menos de 72 botões. Ou o seu uso deliberado da cor vermelha, ou a sua escolha cuidadosa das precisas proporções da bandeira da suástica, ou a sua impudente dissertação em *«Mein Kampf»* sobre o uso da propaganda contra as pessoas menos cultas. Ou mesmo — pormenor característico — o vivo interesse de Hitler pelas técnicas de amplificação.

Talvez ainda mais notável, considerando o género da personalidade de Hitler, era o seu domínio de outro sector do exercício da vontade: ser suave. É certo que Hitler tinha uma faceta curiosamente feminina, sentindo prazer em passar frequentemente horas sentado a uma frágil mesa, tomando café e mastigando ruidosamente pastéis de nata que comia em grandes quantidades; e é igualmente um facto que se apresentava sempre janota, mesmo no meio da pobreza, dormindo sobre as calças para conservar o vinco. Porém, até meio da sua vida, Hitler foi sempre um conversador desagradável: uma observação de carácter político podia levá-lo a passear nervosamente de um lado para o outro sem se dirigir a ninguém em particular, enquanto a conversa morria e o chá arrefecia.

O mais notável foi ter aprendido a tolerar alegremente muitos dos que considerava tolos. Os visitantes estrangeiros achavam que ele escutava atentamente as suas observações, esperando cortezmente durante alguns momentos para ter a certeza de que tinham acabado de falar antes de responder. Podia mesmo parecer respeitoso. Um após outro, diversos asnos distintos deixaram Berchtesgaden convencidos de que Hitler era na verdade um moderado, genuinamente, preocupado com os excessos de certos grosseiros elementos nazistas companheiros dos anos de luta, e que aguardava apenas o momento táctico adequado para afastar estes extremistas. *«Herr Hitler»* estava sempre prestes a pôr termo à desagradável opressão física dos judeus. Só um reduzido número de pessoas inteligentes compreendeu que ele permanecia fiel a todas as palavras de *«Mein Kampf»*.

Intencionalmente, Hitler mantinha-se inconstante e afastado. Durante anos, recusou deixar-se fotografar, a fim de transformar a curiosidade pública a seu respeito numa obsessão. Depois de assumir o poder, nunca se fixou numa residência permanente. Não deveria haver nenhuma *«janela frouxamente iluminada no Kremlim»* onde Estaline trabalhava enquanto o seu povo dormia; nenhum Palácio de Buckingham; nada da estável rotina monárquica que Franco criou. O «Berghof» de Berchtesgaden era, na prática, pouco mais do que uma casa de férias.

Hitler negociando o pacto de não-agressão com Molotov

Por NEAL ASCHERSON «Observer» / DL

A vida de Hitler continuou a ser de nómada; encontrava-se permanentemente na estrada ou no ar. Em rápidos automóveis que devoravam as *autobahns,* ou a bordo de aviões, percorreu o *Reich* em todos os sentidos. As refeições eram piqueniques de Verão à beira da estrada ou incursões em restaurantes próximos, onde os homens transpiravam e as mulheres choravam de excitação ao verem quem se instalava na mesa do canto. A terminar, havia o habitual comício, a garrafa de água mineral *«Fachingen»* na plataforma, os ferozes cânticos de louvor. Uma ou duas crianças acarinhadas, flores e, depois, a partida para o próximo trecho do percurso. Em tempo de guerra, as viagens eram mais secretas, entre os abrigos de cimento armado de um quartel-general e outro. A sua capa impermeável militar de cor de bronze era o traje que envergava a maior parte do tempo e os seus motoristas os indivíduos que melhor conhecia em todo o mundo.

EUA

Era uma vida de viagens e encontros alterados de um momento para o outro. A situação era muito semelhante à dos primeiros anos de Munique, quando Hitler abandonava constantemente as instalações do partido para empreender uma interminável digressão pelos salões de chá, interrompida por súbitas visitas a amigos ou a fim de assistir a sessões cinematográficas de tarde. Havia poucas probabilidades de uma mulher lhe pôr efectivamente a vista em cima, embora Hitler — ao contrário da lenda hoje em dia — fosse perfeitamente normal no aspecto sexual e adorasse ser alvo das atenções do sexo feminino.

Começou como um puritano extremamente romântico. Embora idolatrasse a loura e pequena Stephanie durante anos, em Linz, jamais teve a coragem de se lhe dirigir. Depois, numa Viena repleta de raparigas bonitas e fáceis, apoderou-se dele uma raiva fria contra a prostituição, tendo-se conservado cuidadosamente «puro».

O jovem Kubizek achava isto estranho, sobretudo considerando a atracção de Adolf pelas mulheres, mas de acordo com a fidelidade ascética do seu amigo aos seus ideais. Anos mais tarde, Hitler assemelhava-se a muitos puritanos no seu exagerado entusiasmo pela vida sexual *«natural e saudável»*. Aprovava a nudez, desde que não fosse «negróide», «semítica» ou a sua, e escandalizou os seus adeptos com o género de fotografia — robustas camponesas dotadas de abundante cabelo púbico — cuja exposição encorajava.

Os seus amores foram poucos mas profundos. O suicídio, em 1931, de Geli Raubal, sua sobrinha, com a qual viveu durante vários anos em Munique e no Obersalzberg, foi um terrível golpe. Há dúvidas sobre se ele chegou efectivamente a ter relações sexuais com Geli, bem como sobre as alegadas diversas ligações amorosas com outras mulheres, tais como Leni Riefenstahl, a realizadora cinematográfica, ou a irmã de um dos seus motoristas, Jenny Hang. Provàvelmente, houve um ou dois encontros sem significado. Detestava as mulheres teimosas e, sob este aspecto, Eva Braun foi a mulher indicada para ele acabar os seus dias. Era bonita, dócil, intelectualmente vulgar e sem ambição. Apesar do modo descuidado como a tratava, parece que a sua presença se tornou extremamente importante para Hitler nos últimos tempos da sua existência.

Nada resta de Adolf Hitler ou de Eva Braun, segundo parece, com excepção de alguns dentes e pedaços de osso maxilar calcinado guardados algures numa caixa de cartão soviética. Consideràvelmente mais, porém — e sem dúvida muito mais do que se admite de bom grado — ficou da pavorosa Europa que Hitler construiu. Estas relíquias não são apenas os montes de cinza humana, de viúvas, orfãos e aleijados, as alterações cataclísmicas no mapa político que o Terceiro *Reich* deixou atrás de si.

O MERCADO

Existem, por exemplo, relíquias institucionais em todo o Continente que Hitler, tal como Napoleão, trouxe com as suas conquistas e que um dia constituirão tema para um livro interessante e impopular. Muitas delas são fragmentos do aparelho do Estado para guiar o capitalismo que era característico do fascismo. O sistema holandês de preços dos vegetais, a estrutura checa dos salários e preços e os interesses do Governo francês na indústria do conhaquesão três exemplos.

O próprio Mercado Comum, nalguns aspectos mais gerais, assemelha-se às ideias nazistas sobre o futuro da Europa. O pensamento económico de Hitler, tal como era, girava em torno da noção de um futuro essencialmente continental, em contraste com um futuro oceânico, para o comércio europeu. Em parte, baseou esta convicção na percepção correcta de que o dia dos impérios coloniais se aproximava do fim e, em parte, na falsa suposição de que lhe seria possível transformar a Rússia europeia numa «India alemã», que tornaria o Continente auto-suficiente no sector da agricultura. A Europa devia

Continua na pág. 21

Torna-se necessária uma perfeita estruturação da acção internacional

A CONTAMINAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

LONDRES A chuva ácida dos altos fornos da indústria britânica do aço mata os peixes dos rios noruegueses. Os pinguins da Antárctida estão impregnados dos pesticidas atirados para as costas do Atlântico. Massas de petróleo flutuante, despejadas por navios não identificados, podem aparecer, em qualquer momento, nas praias deste ou daquele país. A poluição move-se de continente para continente, como a sombra de um eclipse. Poderão estes problemas ser enfrentados por meio de uma concertada acção internacional? Há quem acredite que sim, embora haja, também, quem pense que, por ora, ainda não.

Os organizadores da Conferência de Estocolmo sobre o meio ambiente, celebrada sob os auspícios da ONU, mostraram-se optimistas. As mesas das dúzias de comissões especializadas cobriram-se de resoluções. Pediu-se aos representantes de mais de uma centena de países que aceitassem o princípio da responsabilidade de cada Estado perante os demais, na proporção que lhes cabe dos nossos recursos comuns de petróleo, água, minerais e animais selvagens. Mas, conforme assinalou um perspicaz observador (o dr. Gunnar Randers, da Noruega) foi a NATO que conseguiu exercer pressão sobre os Governos no sentido de legislarem contra a descarga de petróleo no mar, e não as Nações Unidas. Porque terá a ONU fracassado?

A resposta está em que a ONU teve de enfrentar os votos de uma centena de países subdesenvolvidos. Estes não só não têm interesse em combater a poluição como se mostram activos adversários de que nada se faça para a não consentir. Acham que compete aos países ricos tirar as castanhas do seu próprio lume. Não querem leis internacionais que contribuam para onerar o desenvolvimento tecnológico dos países pobres, que ainda não estão contaminados.

O distinto ecólogo Fraser Darling recorda o caso, ocorrido há uns anos, do director de uma importante Fundação Americana que abanou tristemente a cabeça ao receber mais um pedido de fundos para um projecto de conservação da Natureza. **«Os conservacionistas** afirmou **deviam submeter-se à psicanálise. São como os alcoólicos. Torna-se necessário saber o que é que os leva a adoptar a estranha conduta que adoptam»**. Este ponto de vista está muito generalizado. A excessiva exploração dos recursos naturais não costuma preocupar as pessoas, a não ser que se vejam com montes de lixo, mesmo à porta de casa.

O crescimento industrial e a preservação do meio ambiente não são, forçosamente, incompatíveis; mas podem chegar a sê-lo se se considerar indispensável possuir três carros por família e quatro televisores.

Tudo depende, naturalmente, do que se entenda por **crescimento** e de como se pode consegui-lo, para incontáveis milhões de pessoas, sem abandonar toda a aspiração a uma maneira de viver relativamente natural e, por conseguinte, civilizada. Actualmente, países que contêm juntos menos da terça parte da população mundial cosomem mais de 75 por cento dos recursos mundiais.

Por JOHN HILLABY Exclusivo DL/ADS

O AÇO

Calculou-se que, em média, cada cidadão dos Estados Unidos, o país mais rico do mundo, tem ao seu serviço onze toneladas de aço em automóveis e aparelhagem doméstica. Que deita fora, anualmente, perto de uma tonelada de lixo. Tem o equivalente a 400 escravos trabalhando para ele. Como comparar isto com a situação do natural de um país subdesenvolvido? Que aconteceria se procurasse viver como o europeu, o norte-americano ou o japonês? Supunhamos que conseguiria ter o número de automóveis que tem qualquer um deles e acrescentasse os vapores deletéricos de outros dois ou três mil milhões de veículos motorizados à nossa já contaminada atmosfera... Pensemos na nova exigência de energia e matérias-primas decorrente da transferência de grandes massas de pessoas para a cidade, por não encontrarem já trabalho na agricultura devido aos progressos da tecnologia.

Estas são algumas das questões postas por um livro publicado em Londres, que se intitula **«Only one earth»** (Uma só terra), escrito por encomenda dos organizadores da Conferência de Estocolmo. Os seus autores são Bárbara Ward, economista e professora de Desenvolvimento Económico Internacional na Universidade norte-americana de Colombia, e o professor René Dulos, um bacteriologista seu conterrâneo, considerado, por muita gente, como um dos principais expoentes da biologia moderna.

A REDE

O livro expõe a estrutura das leis físicas que governam o funcionamento do Universo e traça a continuidade e interdependência dos processos naturais em relação a toda a gama da existência. Toda esta fascinante narrativa da delicada evolução do Mundo é percorrida por um tema central: o de que, apesar da selecção natural e a sua disputa das existências limitadas de alimento e espaço vital, todos os seres estão ligados numa intricada rede de interdependência. Prudência, cooperação, indiferença e parasitismo desempenham todos o seu papel. Existem grupos de animais capazes de actuarem juntos a fim de se protegerem mùtuamente, como as codornizes que formam os seus pequenos circulos para passarem a noite, cauda com cauda, a fim de se lançarem ràpidamente no espaço, entre grasnidos e rumor de asas, ao menor sinal de perigo. Agrupados, os animais poucas vezes se atacam uns aos outros, desenvolvendo, com frequência, técnicas comuns para se assegurarem alimento ou protecção. Mas qual é a condição do homem, na bioesfera do seu património e na tecnosfera da sua criação?

As nações começam todas a reconhecer que um meio ambiente não envenenado — ar puro, água pura, terra sã, cidades decentes — constituem uma necessidade pública, e que se devem organizar serviços sociais a par da civilidade e da boa educação. Tais serviços devem dispor de dinheiro, porque as comunidades não podem subsistir sem ele. O ar puro e a água pura são, hoje, factores de importância internacional. Além da poluição resultante da indústria, a excessiva desflorestação dos trópicos tem como efeito reduzir a absorção de óxido de carbono da atmosfera por meio das folhas.

Vão parar aos oceanos todos os desperdícios do nosso planeta, tanto minerais como biológicos, e ali se dissolvem e decompõem, para se transformarem, uma vez mais, em

Continua na pág. 18

VENDE-SE
VIVENDA — OEIRAS
300 metros da praia
1.700 contos
TELEF. 26 27 01

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

✝

Engenheiro

Fernando Manuel Martins da Conceição

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Maria de Fátima Assis dos Santos Conceição e mais família, participam que amanhã, dia 10, às 10.30, na Igreja de S. João de Deus será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo-se a todas as pessoas que assistirem a este piedoso acto.

A PO

● PESQ

Rios que são caneiros, ar irrespirável, cidades submersas pelo «smog» e pelos ruídos. Mas algo se pode fazer: ao Tamisa, há dez anos sem vida, voltaram os peixe dos e trais luido boas fidas dinhe

ESTADOS UNIDOS

Cento e vinte milhões de automóveis e camiões em circulação pelas estradas, 2300 jactos que sulcam os céus, 12 milhões de fábricas e de escritórios, 70 milhões de casas particulares, um consumo anual de 710 milhões de toneladas de petróleo (30 por cento das necessidades mundiais), de 530 milhões de toneladas de carvão (a maior parte destinada à produção de energia eléctrica), de uma enorme quantidade de gás natural (quase metade do consumo mundial). Os Estados Unidos, em contínua expansão económica, encontram-se perante dois grandes problemas: assegurar estes fornecimentos a todo o país (em 15 anos, por exemplo, duplicou o consumo de energia eléctrica) e salvar a terra, o ar, o mar, da poluição causada, inevitàvelmente, por esta incessante necessidade de matérias-primas.

«A necessidade de energia e a salvação do ambiente natural», diz S. David Freman, já conselheiro dos presidentes Lyndon Johnson e Richard Nixon, **«estão a tornar-se duas exigências quase incompatíveis. Por agora, energia temo-la, mas do que precisamos mais é de energia limpa»**.

Para obter esta energia limpa, a melhor solução parece ser ainda a nuclear (nos Estados Unidos estão já em funcionamento 25 instalações, 52 em construção e 59 a ser projectadas). Por agora, a produção cobre apenas 2 por cento das necessidades dos Estados Unidos, mas prevê-se que, para o ano de 1990, conseguir-se-á satisfazer mais de metade das necessidades.

A utilização destas instalações nucleares conduzirá a um outro inconveniente: o desaparecimento, dentro de uma vintena de anos, do isótopo 235 do urânio, usado como combustível. Para obviar a este inconveniente, está a estudar-se a aplicação de um novo reactor, chamado «veloz» ou «autofertilizante», isto é, uma espécie de máquina milagrosa que produz mais combustível nuclear do que aquele que consome, alargando, assim, a possibilidades de fornecimento quase até ao infinito. **«Confiamos muito no reactor veloz»**, disse Nixon no ano passado, **«é a nossa maior esperança para abastecer a nação de energia limpa»**.

Todo este processo de transformação das fontes de

DETERGENTES. Uma gondola num canal de Veneza recoberto por uma densa espuma de detergentes.

OLUIÇÃO NO MUNDO

UISA
DL

s, os Estados Uni-studam novas cen-atómicas não po-as. São precisas vontades, leis defi-e dinheiro, muito iro.

REFUGO. Carregamento de latas de cerveja vazias em Birmingham, no Alabama. O problema dos refugos é enorme: os Estados Unidos destroem 4 biliões de toneladas por ano

energia para defender o ambiente natural custa muito dinheiro: está previsto que o Governo dos Estados Unidos, nos próximos dez anos, votará 285 biliões de dólares para este fim (só a indústria privada despendeu, no ano passado, 3 biliões de dólares para combater a poluição das águas).

As consequências poderiam recair sobre o próprio sistema produtivo do país, como nota até William D. Ruckelshaus, chefe do departamento governativo para a protecção do ambiente. **«Queremos modificar a América»**, diz, **«transformando-a num novo tipo de sociedade. Mas esta tentativa poderia arruinar a nossa economia».**

GRÃ-BRETANHA

O grande nevoeiro de Dezembro de 1952 matou em Londres mais de 4 mil pessoas. Há dez anos, o Tamisa era um rio morto. Em 1958, mais de dois mil quilómetros de cursos de água ingleses encontravam-se atingidos pelo máximo grau de inquinamento. Porém, agora, isto são apenas recordações.

A Grã-Bretanha foi o primeiro país do mundo a instituir, em 1970, um Ministério do Ambiente. **«Tendo inventado a revolução industrial»**, diz o ministro Peter Walker, de 50 anos, **«experimentámos os danos da poluição com um século de vantagem sobre o resto do mundo. Por isso, tivemos de agir primeiro do que os outros».**

As leis sobre o ar puro remontam a 1956 e 1968, as primeiras leis sobre a pureza das águas precisamente a 1388, as contra os ruídos são de 1970 e 1971. E os resultados são evidentes, ao alcance de todos.

Nos últimos dez anos, as indústrias inglesas gastaram 350 milhões de libras para se ajustar à política anti-poluição do Governo. A emissão de resíduos inquinantes, pelas fábricas de cimento, diminuíu de 200 mil toneladas em 1958 para 36 mil em 1970; nas centrais eléctricas estes resíduos desceram de mais de um milhão de toneladas em 1958 para 200 mil em 1970; nos altos fornos para a produção de ferro, de 170 mil toneladas em 1959 para 40 mil em 1971.

Ainda mais sensíveis os resultados da luta contra a poluição atmosférica produzida pelas instalações de aquecimento doméstico (as despesas de conversão das instalações de carvão para nafta e gás natural foram cobertas pelo Governo até ao montante de 70 por cento). Dos dois milhões de toneladas de resíduos sulfurosos de 1953, passou-se às 800 mil de 1970. A limpeza do ar significa também mais sol e mais saúde para os londrinos, no Inverno. Em 1950, a cidade teve uma média de uma hora de sol por dia: hoje tem quase duas.

Após o tratamento a que foi submetido o Tamisa (de rio morto, vivem ali agora 20 espécies de peixes), o Governo decidiu gastar 850 milhões de libras nos próximos cinco anos para estabelecer novas instalações de depuração dos rios.

Os ingleses combatem também uma outra poluição: a do ruído. Contra o ruído dos aviões, há uma lei de 1971 (nos próximos anos, os jactos deverão ser 50 por cento menos ruidosos do que os actuais). Contra o do tráfico em terra há uma outra da mesma altura: até 1973 os automóveis deverão reduzir o seu limite de ruído de 84 a 80 decibeis.

FRANÇA

Cinco milhões de pescadores franceses fizeram, recentemente, uma greve para protestar contra as indústrias que inquinam as águas; os viticultores de Chagny (Saône-et-Loire) convocaram manifestações contra a instalação de fábricas de cimento na sua zona; em 22 de Abril, 10 mil parisienses atravessaram Paris de bicicleta: queriam que a circulação automóvel fosse proíbida no centro da cidade. São, todas elas, manifestações que demonstram a sensibilidade dos franceses relativamente a um problema grave, como o da poluição.

Em 1970, tal como na Grã-Bretanha, foi criado em França um Ministério para a protecção da Natureza e do ambiente. O ministro, Robert Poujade, dispõe de um orçamento de 200 milhões de francos por ano, ao qual se juntam as contribuições em dinheiro de outros ministérios e entidades: um total de 1,5 biliões de francos, suficiente para pôr em acção as primeiras providências.

A poluição atmosférica, especialmente nas grandes cidades como Paris, com a transformação das instalações de aquecimento de nafta e carvão para gasóleo, dominuíu, nos meses de Inverno, 25 por cento. A que é provocada pelo escape dos automóveis, teve também uma diminuição de 18 por cento.

MORTO. Um pinheiro morto em Ravenna, Itália, pelos fumos da indústria vizinha. A zona portuária de Ravenna é considerada uma das mais poluidas da Europa.

Quanto à água, pelo contrário, o problema é ainda grave: 2500 quilómetros de cursos de água franceses estão gravemente inquinados (especialmente o Reno, devido às descargas, na Alsácia, da indústria do potássio). Muitas estâncias balneares da Costa Azul e da Aquitânia (bacia do Arcachon) estão precisamente sob a acusação de representar um perigo para a saúde (hepatites, febres tifoides) por causa das des-

Continua na pag. 18

VENDE-SE RÀPIDAMENTE O PRODUTO NATURAL

Deixará de ser o curandeiro. Maurice Mességué, o célebre filoterapeuta (isto é, aquele que cura com as plantas, como prefere definir-se, porque o termo curandeiro, diz, causa-lhe, náuseas) decidiu dedicar-se à cruzada contra a poluição e «as doenças da civilização moderna». A sua declaração de guerra é um livro há pouco publicado: **A Natureza tem razão.**

Mességué, nascido há 51 anos na Gasconha, numa família de pobres camponeses meio bruxos, foi iniciado pelo pai nos segredos das plantas. Aos 20 anos efectuou a primeira cura — de um eczema — com pedilúvios à base de flores de tília e folhas de sálvia. A pouco e pouco, afluiram pacientes de toda a região e, depois, não obstante os inumeráveis processos que lhe foram intentados pela Ordem dos Médicos por exercício abusivo da profissão, Mességué tornou-se famoso. Teve entre os seus clientes o rei Faruk do Egipto, Jean Cocteau, Konrad Adenauer, Winston Churchill, Maurice Utrillo, a Begum (Mességué contou os 25 anos daquela sua experiência no livro **Homens, ervas, saúde).**

Hoje é riquíssimo, possui um **Bentley** e um **Mercedes,** comprou o castelo de Barzillac onde, em certa altura, sua mãe fizera limpeza, com um imenso parque no qual circulam em liberdade faisões e cervos, e 150 hectares de prados e bosques nos quais 20 empregados recolhem ervas curativas e aromáticas. Com os proventos que recolhe da sua venda e com os de uma fábrica de produtos de beleza (todos à base de vegetais), Mességué pode dedicar-se

Maurice Mességué no seu campo de ervas curativas.

deseinteressadamente à sua cruzada.

Nomeado prefeito de Fleurance, uma vilazinha da Gasconha de cinco mil habitantes, destinou uma quantia equivalente a cerca de 180000 escudos para plantar plátanos e sempre-verdes, e pediu a todos os seus administradores — que lhe obdeceram — que se dedicassem á floricultura. Depois convidou talhantes, criadores, produtores de hortofrutícolas, gerentes de supermercados e de restaurantes a vender e a produzir só produtos genuínos: vitelos criados com leite materno, frangos sem estrogénios, hortaliças e fruta sem adubos químicos. A estes produtos com o seu certificado de garantia, reservou os melhores lugares do mercado de Fleurance e as mercadorias, embora custando mais, vendem-se rápidamente. Grossistas e particulares chegam de toda a França para comprar, e Mességué já assinou contratos com comerciantes alemães, belgas, suiços, libaneses.

Efeitos secundários, «A poluição», não se cansa de pregar, **«já provocou o desaparecimento de 120 espécies de mamíferos, de 250 espécies de aves. A gente ignora os efeitos secundários dos pesticidas (assim chama ele aos produtos químicos em geral). A mãe de família não sabe ser uma envenenadora quando cozinha alhos porros tratados com o mortífero Parathion. O camponês que pulveriza a sua horta com DDT não pensa que as narcejas, comendo os vermes envenenados, se tornam estéreis. O criador que pratica a inseminação artificial não se dá conta dos riscos de distúrbios vaginais e dos complexos de frustração das vacas: assim se conseguem vacas traumatizadas e vitelos leucémicos. E preciso cortar o mal pela raíz».**

Para divulgar as suas ideias, Mességue organizou o primeiro congresso internacional para a defesa da Natureza (1500 participantes) e pensa fundar um jornal. **«O Plano»,** explicou, **«será efectuado em várias fases. Primeiro: convencer o consumidor. Segundo: fazer entrar em acção os consumidores contra os retalhistas (bastam 50 donas de casa batalhadoras para obrigar os comerciantes do bairro a vender só produtos naturais). Terceiro: fazer intervir os retalhistas junto dos grossistas, criadores e hortofruticultores, convertendo-os ao produto natural. Finalmente, logo que vivamos em regime de economia aberta, será necessário criar uma Interpol especializada para nos defender contra a interpoluição.**

ELENA GUICCIARDI

MEIO AMBIENTE

Continuação da pág. 16

substâncias úteis. Os mares são vastos tanques de purificação, donde a água sai, outra vez, limpa, para servir o homem, os animais e as plantas, por meio da evaporação e das precipitações. Através do plancton da superfície, faculta o oxigénio a todas as espécies que respiram por meio de pulmões ou guelras... E é sobre o plancton que se concentram as massas de petróleo que os barcos descarregam. Que esperança existe para o futuro?

IMPERATIVO

Os autores de «Only one earth» consideram que a esperança assenta na lealdade do género humano. Apesar dos escritos de Robert Ardrey, há muitos psicólogos modernos a pensar que o homem é um animal perigoso, devido não a um imperativo biológico, mas à facilidade com que se confunde nas suas lealdades. O homem é capaz de exaltar uma abstracção como nunca o faria na sua vida prática. A guerra é um exemplo claro disso. A verdadeira lealdade deve surgir do amor ao próximo, do desejo de protecção e preservação do que é bom. O novo imperativo é ecológico: o único que pode dar ao homem uma visão da sua condição e do seu sentido de dignidade e identidade.

DL/DOMINICAL — VIDA CIENTÍFICA

A POLUIÇÃO NO MUNDO

Continuação da pág. 17

cargas, no mar, de muitas indústrias (em Fos-sur-Mer, próximo de Marselha, deveria ser instalado um importante centro industrial com a criação de um grande porto; se isto acontecesse, toda a costa, desde Marselha a Camargue, estaria ameaçada).

Para combater a poluição, também a indústria francesa está pronta a dar o seu contributo: um bilião por ano (1 por cento dos investimentos), destinados à criação de colossais depuradores. Em Setembro de 1971, três grandes sociedades financeiras (o Banco Lazard, o Banco do Suez e a União das Minas) criaram uma entidade de financiamento privado para a luta contra a poluição: 15 importantes firmas francesas já solicitaram um empréstimo.

ALEMANHA FEDERAL

Antigamente chamavam-lhe «pai Reno», agora baptizaram-no «cloaca da Europa». Há cinco anos, uma equipagem de remadores, um «**shell** de quatro», acabou nas águas do rio, por alturas de Mongúncia. Os quatro remadores e o timoneiro foram hospitalizados devido a queimaduras nos olhos e sintomas de envenenamento. No Verão de 1969, quarenta milhões de peixes morreram no rio, vindo à tona de água e ocasionando obstáculo à navegação. Todos os dias (afirmaram-no os peritos), o Reno transporta nas suas águas 12 toneladas de sulfatos, 26 de cloratos, 11 de cálcio e magnésio. Entre os poluidores, três das maiores indústrias da zona: a Opel de Ruesselsheim, a BASF de Ludwigshafen, a Hoecht de Francoforte.

Se as águas são tóxicas, o ar nada tem que lhes invejar. O departamento metereológico de Munique, na Baviera, afirmou que na cidade, devido às exalações industriais e aos escapes dos automóveis, as horas de sol diminuiram em cerca de 300 por ano, relativamente ao imediato após-guerra. Em Nordenham, outra zona poluída pelos miasmas industriais, nos passados meses houve mortandade entre os animais: primeiro os coelhos, depois os porcos, os vitelos, as vacas. Salvaram-se cães e gatos, mas apenas porque se refugiaram em casa, aonde o ar é mais respirável.

Mais grave ainda é a situação em Knappsack, uma cidadezinha de 20 mil habitantes às portas de Colónia. Abandonada pelas aves, Knappsack apresenta, mesmo na Primavera, um aspecto invernal: árvores despidas de folhas, sem uma borboleta, mas com uma nuvem de poeira industrial (10 toneladas diárias) que paira sobre os telhados das casas. É impossível estar na rua sem contrair uma enxaqueca; a situação é de tal forma grave, que nas próximas semanas a cidade será evacuada. **«É a primeira»**, disseram as autoridades, **«mas não será a última»**.

A única lei até agora aprovada na Alemanha Federal para a protecção da Natureza é a que diz respeito aos refugos: entrou em vigor no Domingo, 11 de Junho. Prevê, com minúcia típicamente alemã, disposições especiais para a destruíção, transformação e utilização dos refugos industriais e privados. As penas para os transgressores são pesadas: até 700 contos e até 5 anos de prisão.

Porém, não basta. Calcula-se que a despesa necessária para salvar homens, animais, água, ar e plantas da poluição seja de qualquer coisa como 52 milhões de contos por ano e mais 48 milhões que deveriam ser gastos pelas indústrias para dotar as próprias instalações com dispositivos anti-poluição. Uma despesa **per capita** equivalente a cerca de 1750 escudos por ano.

E são muitos os cépticos que dizem poder alguma coisa ser ainda feita a tempo. Christian Schuetze, ecólogo de Munique, na Baviera, escreveu um opúsculo: **Veneno e imundície de A a Z**. Entre os conselhos que dá, há um surpreendente: «Lava-te o menos possível, lava os teus objectos ainda menos, ou nem sequer os laves».

CONTROLOS. Dois cientistas soviéticos controlam a poluição do ar na avenida Marx, de Moscovo. Nas cidades russas a percentagem de smog não é elevada; a situação piora, porém, nas zonas industriais.

JAPÃO

Em 1971, 6376 japoneses foram internados em hospitais por graves afecções brônquicas; 304 por envenenamento por águas tratadas com mercúrio (pode provocar a espantosa doença de Minamata: diminuição nos movimentos, na fala, nos sentidos, convulsões, distúrbios mentais e, em alguns casos, a morte) ou cádmio; mais de 48 mil, entre crianças e adultos, sofrem de bronquite crónica devido ao **smog**.

O primeiro livro do Governo sobre a poluição foi publicado nos fins de Maio deste ano. Calculam-se em 5 biliões de dólares, as perdas causadas pela poluição na economia do país (danos nas culturas agrícolas, no património piscícola, despesas para a instalação de depuradores nas fábricas): um aumento de 600 por cento relativamente há 12 anos atrás, o que corresponde a 2 por cento do produto bruto nacional japonês. Um outro estudo, publicado pelo departamento japonês para a ciência e a tecnologia após dois anos de experiências levadas a cabo sobre a poluição do ar, faz negras previsões quanto ao futuro. **«Dentro de 50 anos»**, está ali escrito, **«em Tóquio não existirá mais nenhuma forma de vida vegetal»**. Sobre a poluição foi levada a cabo uma primeira sondagem de opinião a expensas do Governo. A maioria das respostas é favorável a medidas drásticas para travar este impressionante fenómeno. Mesmo à custa de um atraso na expansão económica do Japão.

OXIGÉNIO. Guardas municipais de Tóquio respiram oxigénio para combater a poluição do ar. Em 1971, cerca de 55 mil japoneses sofreram de distúrbios das vias respiratórias por causa do smog.

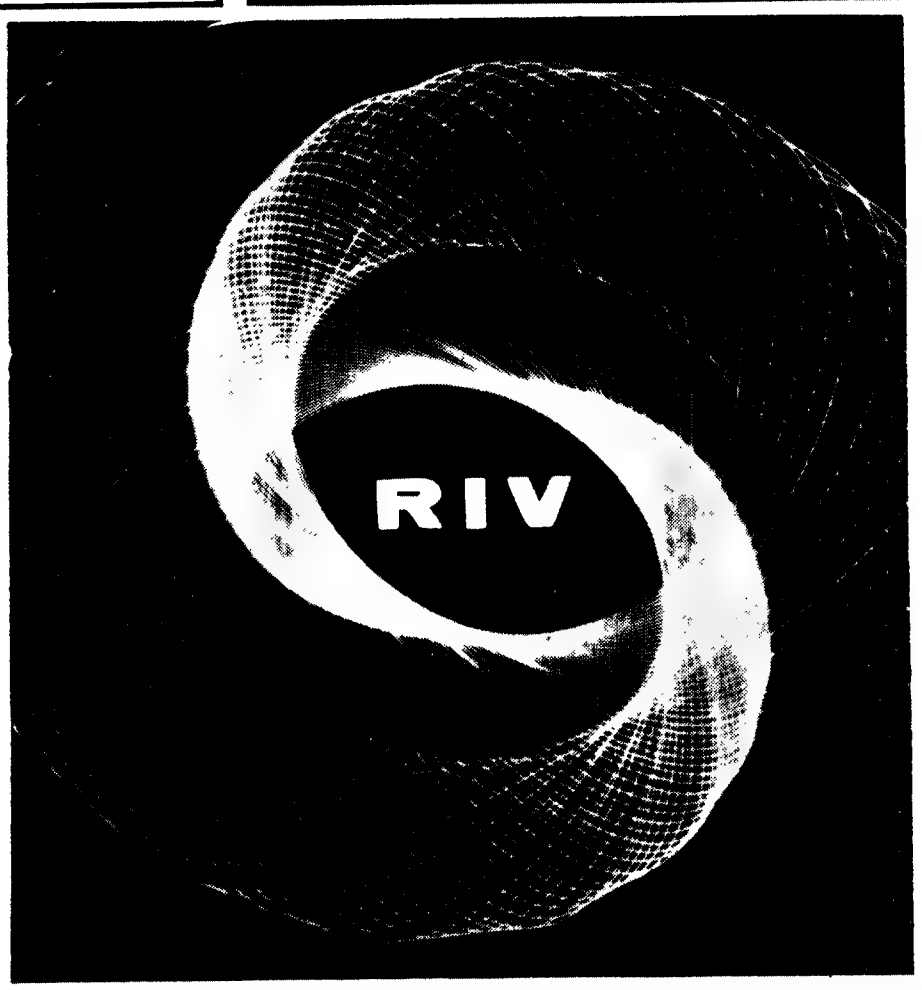
UNIÃO SOVIÉTICA

Já foi tempo em que o esturjão do mar Cáspio, o maior lago do mundo, fornecia 80 por cento do caviar mundial. Hoje, o património de esturjões está dizimado pela poluição causada pelas refinarias e instalações petrolíferas surgidas nas suas margens e também pelas descargas industriais dos estabelecimentos postados ao longo dos 3 mil quilómetros do rio Volga que desagua no Cáspio.

No lago Baikal, na Sibéria (contém um quinto da água não salgada de todo o mundo), houve em 1961 o primeiro alarme quando a pesca do omul, o peixe mais típico do lago, foi reduzida a metade. A **Komsomolskaia Pravda**, o quotidiano da juventude comunista, escreveu que o envenenamento das águas do Baikal, causado pela instalação nas suas margens de umas cinquenta fábricas de papel, podia também pôr em perigo o abastecimento hídrico da cidade de Irkustsk, a maior à beira do lago.

Nas cidades soviéticas a maior causa de poluição é a gasolina dos automóveis, submetida a um defeituoso processo de depuração, ao passo que as instalações de aquecimento, em geral centralizadas, não provocam graves danos. Nas zonas industriais, a poluição é, pelo contrário, elevada: para não perder os prémios de produção, os directores dos estabelecimentos fabris não se preocupam com a adopção de filtros e instalações purificadoras.

Para salvar o mar Cáspio ou, pelo menos, melhorar a sua situação, foi decidido fornecer às fábricas que fazem as suas descargas para os rios Volga e Ural (ambos vão desaguar ao lago) 670 instalações purificadoras das águas. Outras 421 instalações serão montadas até 1975. Para a salvação do Baikal, a Comissão Central do Partido Comunista publicou dois decretos em 1969 e em 1971 (as fábricas de papel que ali funcionam deverão ser dotadas de instalações de regeneração da água). Porém, os resultados têm sido enganadores. Novamente a **Komsomolskaia Pravda** escreveu: **«O inquinamento do Baikal, após o decreto de 1969, não diminuíu, pelo contrário, tem aumentado»**.



rolamentos

RIV

■60 anos de experiência
na produção de rolamentos
de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade
que satisfaz a técnica mais avançada

AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

DL/DOMINICAL — VIDA CIENTÍFICA

À BEIRA DO JUÍZO FINAL?

Por W.K. MAYO

NAÇÕES UNIDAS. — Se a Conferência da UNCTAD, realizada em Santiago do Chile há umas semanas, redundou em lamentável fracasso, a do Meio Ambiente Humano, que teve lugar em Estocolmo, na Suécia, de 5 a 16 de Junho, constituiu um verdadeiro êxito, não obstante as manobras de boicotagem levadas a efeito pela União Soviética.

As delegações dos 114 países participantes, entre os quais a China Continental, estudaram e discutiram o grave problema, esboçado já em primeira mão pelo chamado «Clube de Roma», de colaboração com o Instituto Tecnológico de Massachusetts, tema abordado já há meses pela revista «Ecologist», de Londres, num sensacional estudo intitulado «Plano para sobreviver», elaborado e assinado por um grupo de homens de ciência, entre os quais os prestigiosos Julian Huxley e Frank Fraser Darling.

A dramática disjuntiva é esta: ou a humanidade muda de rumo para se salvar, se é que ainda terá tempo para isso, ou ficaremos à beira da extinção do género humano, que a intuição religiosa pressentiu no mito do Juízo Final.

Não estão agora em causa «valores» político-económicos como capitalismo contra feudalismo, socialismo contra capitalismo ou democracia contra tirania, mas a vida de todas as espécies animais, nas quais está compreendido o Homem, e vegetais. Numa palavra, toda a vida orgânica à face do planeta.

II

A trombeta anunciando a possibilidade do Juízo Final soou no mundo inteiro, quando a tripulação da nave Apolo fotografou pela primeira vez a Terra, fora do nosso planeta.

Só nessa ocasião o Homem compreendeu, pela primeira vez, a insignificância e a pequenez da esfera azul que é a Terra que habitamos, vogando como gota de barro cósmico nas imensidades do Espaço.

Infantilmente, o Homem julgava que a Terra era grande e inesgotável e que, se um dia viesse a mostrar-se insuficiente, a exploração espacial poria outros mundos ao seu alcance, onde a vida humana fosse possível. O que Colombo e os espanhóis fizeram a 12 de Outubro de 1492 — a descoberta de um Novo Mundo! — seria feito pela tecnologia do nosso tempo, a breve trecho. Pura ilusão!...

A Lua, explorada já pelo Homem, é um fóssil monstruoso: não há ali mais que rocha e materiais pulverizados. Os estudos realizados nos últimos tempos pela astro física demonstraram que os restantes planetas do nosso sistema solar carecem de possibilidades de vida para a espécie humana. Pensar noutros planetas mais além, nas longínquas profundidades da Via Láctea, é pura fantasia...

O género humano, filho da Terra, modelado pela Terra, está «condenado», quer queira quer não, a viver no pequeno planeta terrráqueo. Todavia, o homem, loucamente, está fazendo tudo para destruir a vida na Terra e auto-suicidar-se.

III

O reconhecimento de que a vida na Terra está sèriamente ameaçada pelo crescimento geométrico da população e o desenvolvimento exponencial do industrialismo, apresenta problemas de suma urgência. E daí a razão de ser da recente Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano. 1) Os efeitos deste processo de auto destruição são visíveis em todo o mundo: as grandes cidades estão, a maior parte dos dias, cobertas por uma camada de gases tóxicos, produzidos pelo fumo das chaminés das fábricas e das emanações dos veículos automóveis. Se isto se não vier a corrigir, chegará um dia, talvez não muito longe já, em que o sol ficará completamente encoberto. E, não havendo sol, as plantas não poderão realizar o misterioso processo da fotossíntese: não libertarão oxigénio e tanto os animais como as próprias plantas irão morrendo por asfixia.

2) Acabaram as fronteiras nacionais. Na Conferência de Estocolmo, os escandinavos lamentaram-se de que o vento leva até aos seus países, precedentes da zona industrial da Alemanha, gases sulfurosos, que prejudicam pessoas e vegetais.

3) As águas dos lagos e dos rios vão-se contaminando cada vez mais intensamente: morrem os peixes e as plantas sofrem graves danos se tais águas forem utilizadas em regas. O lago Ontário, entre o Canadá e os Estados Unidos, é um verdadeiro charco infectado. O lago Baikal, na Sibéria russa, outro charco envenenado. O México lamenta-se da salinidade do rio Colorado, que ao chegar ao seu território, vindo dos Estados Unidos, prejudica sèriamente as culturas do algodão e toda a agricultura do vale Mexicali.

4) A contaminação das águas dos rios e dos lagos estendeu-se às dos mares, tendo sido observados já efeitos nocivos nas algas (produtoras de oxigénio) e nos peixes.

5) A produção do globo cresce a um ritmo exponencial, muito superior portanto ao ritmo de crescimento da produção alimentar.

6) Os recursos da Terra têm um limite, e o homem da chamada civilização industrial desperdiça-os...

7) A extensão da terra cultivável vai-se reduzindo, porque as cidades crescem, se erguem complexos industriais monstruosos e se traçam estradas e mais estradas.

8) Para dar de comer à população crescente, há que intensificar a produção agrícola, utilizando insecticidas, em doses que, por vezes, envenenam as plantas e as águas.

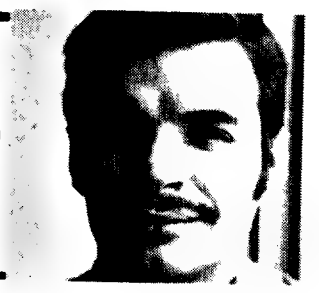
IV

Em suma, produziu-se o desequilíbrio entre o Homem e a Natureza. Poderá restabelecer-se esse equilíbrio vital?

Isso é o que foi estudado e debatido na Conferência de Estocolmo, a qual aprovou uma resolução que, aceite por todas as delegações, constitui um verdadeiro grito de alarme.

Crónica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



A CIDADE TRISTE

A cidade tem os seus momentos tristes: uma morte súbita na via pública, um cadáver a boiar no Tejo. Numa destas noites encaloradas, eu regressava a casa após o cinema. Desci a Rua do Ouro, entrei no Terreiro do Paço e ia meter o carro pela Avenida Ribeira das Naus quando a minha curiosidade foi despertada por uma aglomeração de pessoas e automóveis junto do Cais das Colunas.

«Algum choque» — pensei. E continuaria o meu caminho (os espectáculos, nesta terra, terminam tarde e eu sou incorrigível dorminhoco) se não verificasse que a maioria das pessoas se debruçava do muro do rio, olhando qualquer coisa lá em baixo.

Parei o carro e fui até lá. Era um cadáver, coberto já com uma mortalha. Os bombeiros aguardavam, parece, a chegada do delegado de Saúde para o conduzir ao Instituto de Medicina Legal. As pessoas, em volta, pouco falavam: limitavam-se a olhar «aquilo» lá em baixo. E tinham um ar triste, quase lúgubre. O ambiente era pesado.

Apressei-me a seguir para casa. «Vou ter insónias» — **pensei. Felizmente, dormi. Mas, no outro dia, mal cheguei à redacção, o primeiro gesto foi puxar do jornal da manhã para ver a notícia. Lá vinham três linhas a uma coluna: tratava-se de um indivíduo, não identificado, aparentando 25 anos.**

Dias depois, outro jornal, sob o título «O estranho caso do cadáver que apareceu a boiar no Tejo», dava conta de que o mistério persistia: ninguém aparecera a reconhecer o cadáver; não se sabia se fora suicídio, acidente ou crime; suspeitava-se de ser algum internado em asilo ou casa de saúde (hipótese que ao mesmo tempo se rejeitava, por ser estranho que nenhum responsável por qualquer estabelecimento do género tivesse, até ao momento, comunicado o desaparecimento).

A esta hora, porém, a cidade já esqueceu o seu momento triste. E dorme, decerto, as suas noites descansadas.

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

Novas instalações do Posto Clínico n.º 105 027

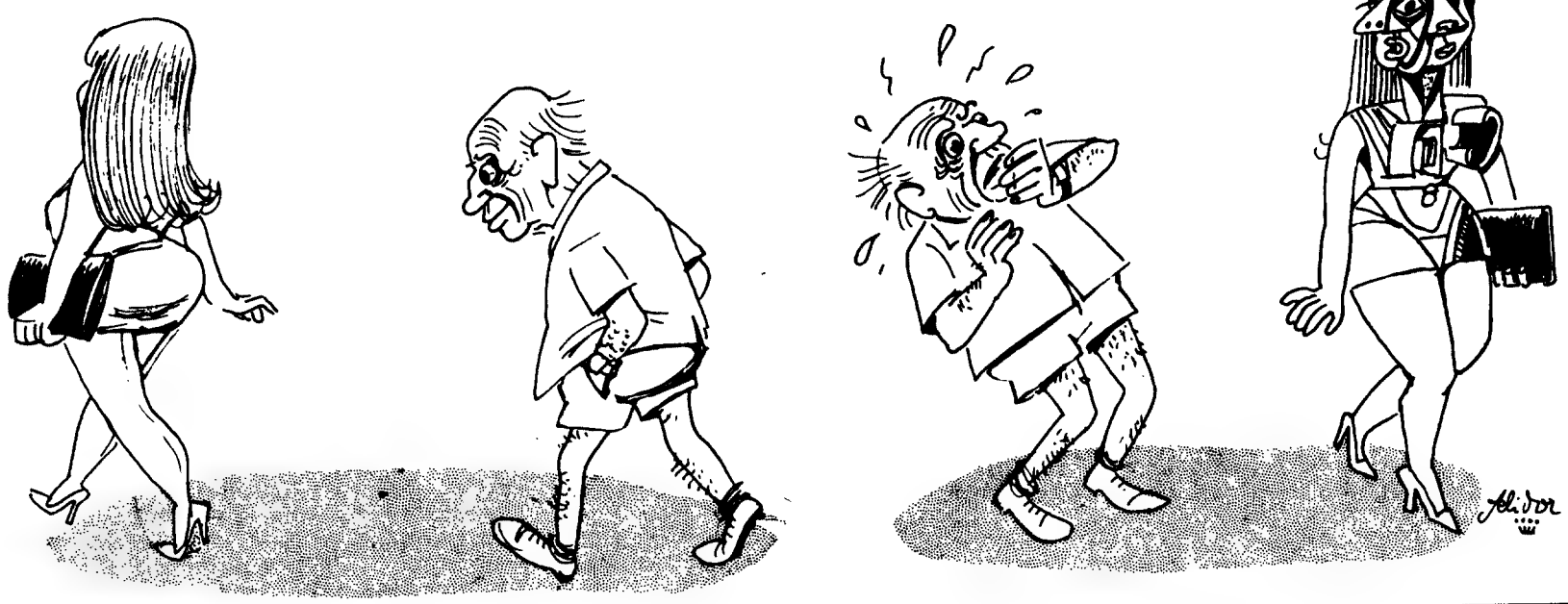
(SANTA JUSTA)

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, comunica que, a partir do próximo dia 10 de Julho, o Posto Clínico n.º 105 027 que tem funcionado na Rua de Santa Justa, n.º 6-2.º-Dt.º em Lisboa, é TRANSFERIDO para novas instalações, sitas na RUA DE S. NICOLAU, n.º 13-3.º-Dt.º — Lisboa.

Assim, a partir daquela data, é alterada a sua designação de «SANTA JUSTA» para «S. NICOLAU», mantendo-se, no entanto, a área anterior e o respectivo número de ordem (105 027).

A DIRECÇÃO

ALIDOR



A SURPRESA DE PICASSO

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

HITLER A TÉCNICA DA PERSUASÃO

QUEM ERA

HITLER, Adolf. Nascido em Braunau-am-Inn, Áustria, 20 Abril 1889, filho de Alois Hitler, (anteriormente Schicklgruber), funcionário da Alfândega, e de Klara (apelido de solteira Polzi, prima em segundo grau e terceira mulher de Alois). Estudou em Linz, Àustria, não tendo obtido o diploma do ensino secundário; reprovado no exame de admissão á Academia de Belas Artes de Viena. Cidadão austríaco. Naturalizado alemão 1932. Regimento de infantaria bávara 1914, ferido 1916, sofre efeitos dos gases tóxicos 1918; Cabo; Cruz de Ferro de 2.ª Classe, Curso de Ferro de 1.ª Classe. 1920 abandonou o exercito; director de propaganda do partido dos Trabalhadores Alemães, posteriormente chamado **Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei** («Nazi»); presidente do partido 1921. 1922 detido por violência política. 1923 fracasso do **Putsch** de Munique; 9 meses de prisão. Ligação amorosa com a sobrinha Celi Raubal, que culminou no suicídio desta, 1931. Janeiro 1933 Chanceler da Alemanha; 1934 Presidente. 1938 anexações Austria e Checoslováquia. 1939 invasão da Polónia; 3 Setembro Grã-Bretanha e França declaram guerra. 57 nações arrastadas para a guerra. Baixas militares, grandes potências exclusivamente, excederam 15 milhões; número total de mortes calculado em 55 milhões; pelo menos 41/2 milhões de judeus mortos em consequência política de Hitler. Guerra na Europa terminou 9 Maio 1945. Desposou 29 Abril 1945 Eva, terceira filha de Fritz Braun; ambos se suicidaram 30 Abril 1945. Publicações: **Mein Kampf.** Passatempos aguarela, corridas de automóveis, ópera (especialmente **«A Viúva Alegre»**), política.

Continuação da pág. 15

tornar-se internamente um mercado livre, mas um bloco autónomo em relação ao mundo exterior. *«O essencial é não repetirmos o erro de nos lançarmos nos mercados estrangeiros... Basta-nos receber café e chá do continente africano. Temos tudo o mais aqui na Europa.»*

Este mercado livre, naturalmente, devia fundamentar-se na restrição da liberdade de raças inferiores escravizadas e deliberadamente mantidas no estado de ignorância. A sua capital devia ser Berlim, e não Bruxelas. Excluindo este aspecto, as semelhanças são notáveis. Uma boa porção do *«mais elevado»* jornalismo nazista sobre os problemas económicos europeus (artigos em *Das Reich,* por exemplo) contém inteligentes previsões dos problemas que se apresentariam.

Existem outras comparações que talvez sejam injustas, mas não podem ser inteiramente suprimidas. O perigoso pensamento-duplo do nacionalismo alemão idealista sempre pregou a iniquidade das fronteiras nacionais: acabe-se com o antiquado conceito de Estado noutros países e deixe-se que a benéfica maré da visão alemã se espalhe por sobre todos eles. Judiciosamente expurgado, este ponto de vista permitiu que algumas pessoas muito curiosas se tornassem entusiastas *«Europeus»* nos nossos dias.

CICLONE

Como é natural, Hitler deixou o seu cunho mais duradouro na Alemanha. Existem sérios argumentos a favor do ponto de vista de que nem tudo aquilo que ele fez à sociedade alemã foi mau. É esta, por exemplo, a opinião do professor Rolf Dahrendorf, um sociólogo que é um liberal da variedade anglo-saxónica e se tornou agora uma das principais luzes do pequeno Partido Democrático Livre. Dahrendorf está interessado naquilo a que chama *«a constituição da liberdade»*, a sociedade moderna flexível caracterizada pela tolerância, espírito público, espontaneidade e aceitação do conflito como um componente normal da vida nacional.

Crê que, sob determinados aspectos — e sem ser esse o seu objectivo — Hitler ajudou a construir os alicerces de uma futura democracia liberal na Alemanha.

Este ponto de vista parece injurioso. E quando Dahrendorf sugere que *'Herr' Ulbricht,* na Alemanha Oriental, prossegue nalguns aspectos o bom trabalho de Hitler nesta direcção, parece ridículo. Todavia, o raciocínio é sólido.

Hitler, efectivamente, não considerava os alemães um tipo de povo colectivo e tribal. Uma vez disse: *«O homem não é dotado pela natureza com o instinto do rebanho, e é apenas através dos meios mais rigorosos que pode ser convencido a reunir-se ao rebanho. Tem o mesmo desejo do cão, do coelho e da lebre de se unir um com o outro sendo uma entidade separada. O Estado social como tal só pode ser mantido por uma regra de ferro: acabe-se com as leis, e a estrutura desfaz-se imediatamente em pedaços».*

Como um esboço rude da sociedade alemã antes de 1933, há algo nesta afirmação. Com excepção da burocracia prussiana, o sentido de responsabilidade pública ou social era quase inexistente. A família era o único domínio em que as pessoas vulgares escolhiam e tomavam decisões. Quando recebiam ordem para pagar impostos ou alistar-se no Exército, obedeciam passivamente. Toda a máquina da política continuava a ser estranha e suspeita.

Era evidentemente difícil transformar pessoas reservadas como esta num «rebanho». Era ainda mais difícil torná-las genuínos cidadãos de uma democracia, convencidos de que tinham um papel a desempenhar nos assuntos públicos e um sentido de responsabilidade pelo bem comum. Hitler penetrou nesta ordem organizada como um ciclone. Por meio de demagogia e terror, acabou em larga medida com a influência das autoridades tradicionais que tinham encorajado esta *primazia do particular»:* as igrejas, os sistemas educacionais, o particularismo local, o direito. Queria que os alemães saíssem dos seus círculos familiares e nas ruas, pondoa sua identidade racial colectiva em primeiro lugar e *«Folk, Reich, Fuehrer»* acima dos seus interesses privados. Mas queria igualmente que os alemães — cada alemão — encarasse a vida como uma luta titânica na qual apenas a vontade individual e a falta de piedade podiam proporcionar a vitória. Queria que cada alemão se libertasse da *«moralidade burguesa»* ao ponto de se endurecer para massacrar os fracos.

Quando o sangue secou na Europa e a odiosa estrutura do fascismo foi demolida, subsistiram certos efeitos desta campanha. Por muito que grande número deles o desejasse, os alemães não se sentiam capazes de se retirarem de novo, pura e simplesmente, para um isolamento passivo. O sentido de responsabilidade cívica, não como um membro do rebanho mas comc um cidadão, sobreviveu numa forma nova. O autoritarismo da sociedade tradicional, o poder da família e da Igreja, depertaram apenas de um modo fraco. Mesmo antes do fim do Terceiro Reich, havia indícios de que a política social de Hitler se estava a voltar contra ele próprio. Um homem que, na sua juventude, foi seleccionado para ser treinado numa escola interna nazi de elite, recorda as consequências de lhe terem ensinado a libertar-se da autoridade e pensar sem receio. A primeira conclusão a que chegou após algum tempo nesta atmosfera foi que o Nacional Socialismo era mau e devia ser destruído.

Este é o fim absurdo desta parte da história de Adolf Hitler. Não termina com os horrores supremos, com os fornos crematórios acesos noite e dia e os polacos de ambos os sexos conduzidos ao local de execução com as bocas cheias de gesso para não gritarem. Não termina mesmo com o suicídio no *bunker*. Termina com este paradoxo que ainda está a mostrar os seus efeitos: o Homem de Vontade forçou o seu povo a desenvolver as suas próprias vontades, sem compreender que lhes estava a dar o equipamento básico para pensar.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

PERALTA AGRIDE CRÍTICO

MADRID — Um tribunal de instância inferior condenou o rejoneador espanhol Rafael Peralta a quinze dias de prisão por ataque a um crítico tauromáquico. Segundo foi afirmado no tribunal, Peralta não gostou da crítica a uma corrida publicada por Benjamin Bentura Remacha num jornal e socou-o várias vezes.

3 HORAS NO TEJO

todos os domingos até 27 de Agosto
PASSEIOS NO TEJO
uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa levada a efeito numa das modernas embarcações da C.P.

preços
adultos 13$50
crianças 7$00

horário
estação do Terreiro do Paço
embarque 15 horas
desembarque 18 horas

bilhetes à venda nas estações de Lisboa.

Caminhos de Ferro Portugueses

ANDARES

PRECISAM-SE, PARA REALIZAÇÃO DE CURSOS, ALUGAM-SE. RESPOSTA A ESTE JORNAL, AO N.º 593

TURISMO NA BANCA

A agência de viagens Thomas Cook and Son, empresa estatal britânica, foi cedida pelo equivalente a um milhão e quinhentos mil contos aproximadamente a um grupo privado: os novos patrões são o Midland Bank (70,3 por cento do capital, terceira instituição de crédito inglesa), a Trust Houses Forte (23 por cento, e o mais importante grupo hoteleiro britânico, de que é director o italo-inglês Charles Forte, interessado em iniciativas turísticas também em Itália) e a Automobile Association (6,7 por cento, um dos dois clubes automobilísticos da Grã-Bretanha).

A venda foi efectuada através de uma haste pública em que os contendores ignoravam as ofertas dos adversários. A oferta do consórcio chefiado pelo Midland Bank prevaleceu finalmente sobre uma outra do grupo representado pelo Barclays Bank em que também estavam interessadas as companhias de transportes aéreos BEA e BOAC. Também por causa desta rivalidade, o preço pago foi mais elevado do que o previsto, se bem que os lucros da Cook tenham diminuído progressivamente de aproximadamente 120 mil contos em 1965 para 60 mil contos no ano findo.

Gigante adormecido (assim é chamado em Londres) a Cook tem 155 agências na Grã-Bretanha e 90 no estrangeiro, além de 250 representações em toda a Europa e conjuntamente com a companhia francesa Wagon-Lits. **«Adquirimos a Cook»**, explica Archibald Forbes, baronete e presidente do Midland Bank, **«porque contamos com substanciais lucros dentro de um periodo que irá variar entre três e cinco anos. Após um necessário trabalho de reestruturação, a Cook poderá render de 200 a 350 mil contos aproximadamente por ano»**.

O programa é vender viagens aos balcões do Midland Bank, realizando, pela primeira vez na Europa, a frutuosa ligação entre os bancos e as organizações turísticas que, nos Estados Unidos, fez a fortuna da American Express. Um outro aspecto interessante do negócio é constituído pelo facto da Cook ter um volume de negócios de cerca de 6 milhões de contos no sector dos **travellers cheques** e dispor, pois, a qualquer momento, de mais de 2 milhões e 500 mil contos líquidos provenientes dos pagamentos antecipados para as viagens feitas pelos seus clientes. Todo este dinheiro pode ser vantajosamente investido a curto prazo pelo Midland Bank.

Esta aliança entre a banca e o turismo suscitou protestos por parte das outras companhias de viagens inglesas, que, no entanto, parecem mais propensas a procurar um acordo do que um desencontro. Houve, pois, polémicas, até no Parlamento, quando o ministro dos Transportes — conservador — , John Peyton, anunciou a venda da Cook, que havia sido nacionalizada a seu tempo por um governo trabalhista. **«O consórcio dá-se conta de que, uma vez novamente no governo, poderemos voltar a nacionalizar a Cook»?**, perguntou o deputado trabalhista Norman Atkinson. Igualmente polémico, o ministro respondeu: **«O consórcio avaliou, evidentemente, a remota possibilidade de catástrofes, como aquela que o senhor imagina»**.

O LONGO ALCANCE

No caso deste recruta, o alcance da lei é realmente longo. O nome pouco apropriado de Raymond Low (ou Raymond Baixo, como lhe chamaríamos em português), corresponde a um indivídio com 2,12m de altura em meias e 2,25m com botas e capacete. Raymond, que tem 27 anos de idade, era um antigo sargento da força dos Lanceiros e que acaba de ingressar na de Somerset. Não havia em estoque um uniforme que lhe pudesse servir e por isso, o alfaite da polícia Tim O' Brien, que tem 1,61m de altura, precisou de uma escada para lhe tirar medidas. Raymond é o elemento mais alto da brigada policial de Somerset e possívelmente de toda a Inglaterra. («Sun»/DL)

XEROX EM CORES

Há três anos, a sociedade americana Xerox (máquinas copiadoras) investiu cerca de 24 milhões de contos para dar início à produção de calculadores electrónicos. Poucos meses depois, a sociedade IBM (calculadores electrónicos) apresentou o seu primeiro modelo de máquina copiadora. Em 1971, a Xerox perdeu cerca de 200 mil contos no novo ramo de actividade. Mas demonstrou não temer a concorrência. Há poucas semanas anunciou o lançamento no mercado, para 1973, da máquina copiadora a cores.

«Trata-se de cor funcional, não fotográfica», adverte Peter McColough, administrador-delegado da Xerox. **«Por outras palavras»**, explica Thomas Abbott, porta-voz da sociedade, **«cores que facilitarão a identificação e a assimilação rápida dos dados fundamentais contidos num documento. Se, numa folha de balanço, por exemplo, as entradas estão escritas a vermelho, as saídas a verde e os lucros a azul, os números na cópia aparecerão em vermelho, verde e azul»**.

A Xerox não revela quantas nem quais as cores que a nova máquina pode reproduzir. Mas alguns protótipos estão já em funcionamento. Têm as dimensões das copiadoras a preto e branco mais avançadas e utilizam papel comum. Produzida em série, a máquina pode imprimir cópias a cores a um custo, diz McColough, **«não mais de duas ou três vezes superior ao das cópias a preto e branco»**.

O anúncio do novo progresso tecnológico tem lugar apenas 6 meses depois da morte de Joseph Chamberlain Wilson, de 61 anos, empreendedor que transformou uma modesta casa fotográfica no colosso industrial que é a Xerox: 46 milhões de contos de vendas e mais de 5 milhões de contos de lucro. Em 1960, após 12 anos de estudos, Wilson produziu à primeira página xerográfica (do grego: escrita a seco), desfrutando a invenção do físico americano Chester Carlson. O projecto da máquina de Carlson foi examinado, e rejeitado, pela Kodak e pela IBM. Nos últimos doze anos, a copiadora tornou milionário, além de Wilson e dos seus herdeiros, mais de 300 americanos que investiram as suas economias na recém-nascida sociedade Xerox.

Mercado. «Não esperamos lucros imediatos com a copiadora a cores», aconselhou aos accionistas Archie McCardell, presidente da Xerox. **«No entanto, estamos convencidos de que existe um enorme mercado, ainda por descobrir, para as cores»**. A Xerox parece decidida a descobri-lo. Antes ainda da copiadora a cores funcionais chegar ao mercado, os técnicos da sociedade estão a estudar um novo processo de reprodução (chamam-lhe «fotoelectrofotorese») que deveria permitir a cópia fotográfica instantânea de imagens a cores.

«As pesquisas são muito prometedoras», diz McCardell.

A meta principal da Xerox, nos próximoa dez anos, continua a ser, no entanto, a do conjunto copiadoras-calculadoras electrónicas, vistas como dois aspectos do único problema da comunicação de dados. É uma rota sobre a qual se desencadeará a concorrência da IBM, dominadora do mercado mundial dos computadores com o seu montante de vendas no valor de 200 milhões de contos por ano. Peter McColough prevê para a década de 80 a automatização total da correspondência de negócios por meio de calculadoras ligadas entre si e com máquinas reprodutoras, talvez a cores. No horizonte da Xerox não há espaço para os antiquados e lentos serviços postais nem, provàvelmente, para os cabos telefónicos tal como existem agora. Uma parte do equivalente a 5 milhões de contos que a Xerox está a despender este ano com a investigação é dedicada ao estudo de um sistemã de transmissão de cópias (facsimile) a velocidade ilimitada, por meio de raios laser.

MEIA HORA DE YOGA

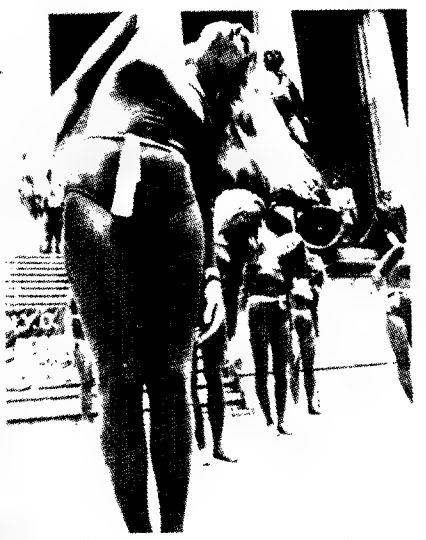
Central Park, o pulmão verde de Nova Iorque. Um Sábado de Maio, às onze e meia da manhã. Duzentas e cinquenta pessoas, de todas as idades, sentadas na relva. Há uma família completa: pai, mãe e os seus três filhos, o presidente de uma grande indústria, estudantes, donas de casa e até uma representação do instituto dos cegos. Todos juntos, obedecendo a uma voz que vem de um estrado a meio do prado, os duzentos e cinquenta começam a mover lentamente as pernas e os braços e a rodar o pescoço. É a hora da lição no Central Park. Lição de ioga, pura e gratuita.

«É uma das 24 actividades desportivas que organizámos no verde de Nova Iorque, para os meses de Maio e Junho», explica Joseph Ritzberg, funcionário do assessorato de parques e recreações do município de Nova Iorque. **«Já por duas vezes, no passado, havíamos apresentado exibições de ioga no parque. Elas agradaram aos nova-iorquinos. Assim, este ano, temos um verdadeiro e exacto curso de seis lições para principiantes no habitual programa de corridas ciclistas, exercícios ginásticos, maratonas e pingue-pongue»**.

AMERICANIZADO. «Aos nova-iorquinos agrada o ioga porque, com toda a tensão que acumulam numa semana de trabalho, têm necessidade de se descontrair, sem se cansar e sem espírito de competição», diz Charles Muir. Juntamente com Michaeline Kiss, uma jovem senhora morena e atlética, Muir, dirige as lições no parque. São os dois instrutores do ioga, com uma licença estatal regular, mas para a Cidade trabalham gratuitamente.

«O nosso é um ioga americanizado», dizem Charles e Michaeline. **«Demasiado frequentemente, as pessoas julgam que o ioga seja um estranho rito religioso quando, pelo contrário, pode ser um fácil exercício relaxante, acessível a todos»**. Ensinam-no com o método aperfeiçoado pelo seu mestre Richard Hittleman, um hábil instrutor de ioga que fez fortuna com livros, discos e um curso de lições televisivas apresentado actualmente em cerca de cinquenta cidades americanas.

Além de agregados ao assessorato de parques e recreações da cidade e de ter dado lições num convento de freiras, Charles e Michaeline estão procurando convencer várias sociedades com sede em Nova Iorque a oferecer lições de ioga aos seus dirigentes e empregados durante as horas de trabalho. **«Temos já um acordo com um banco e uma sociedade produtora de cigarros»**, diz Charles. **«As pessoas descontraídas pelo ioga andam mais contentes e trabalham melhor»**. O seu sonho — e as lições em Central Park são um formidável elemento publicitário neste plano — é que, nos escritórios de Nova Iorque o **coffee-break** (intervalo para o café) seja substituído pelo **yoga-break:** em vez da pausa para o café, instituição sagrada no mundo do trabalho americano, a pausa para o yoga. **«podem fazer-se muitos exercícios mesmo estando sentado a uma máquina de escrever»**, assegura.



GRÁTIS. A esquerda: exercícios de ioga no Central Park. Em cima: um grupo de empregadas executa movimentos preparatórios. O perfeito de Nova Iorque organizou gratuitamente estes cursos para os habitantes da cidade

DL/DOMINICAL — DESPORTOS

MUNIQUE 72: OLIMPÍADAS À VISTA

CAEM "RECORDS" NO VERÃO COMO CHUVA NO INVERNO

Os jogos olímpicos de 1972 terão uma afluência «record»: 123 países representados, 10 500 atletas de ambos os sexos. Em 1968 no México foram 111 os países participantes e 6059 concorrentes. A progressão, de resto, tem sido constante há 12 anos a esta parte. Assim em Roma (1960) houve 84 países e 5337 desportistas; em Tóquio (1964) 94 e 5558. Dos 131 «comités» nacionais reconhecidos pelo Comité Olímpico Internacional só três decinaram vir a Munique: Iraque, Jordânia e Zaire. Cinco (Honduras, Guiné Maurícia, Paraguai e República Centro Africana) inscreveram-se mas não deram comunicação dos seus concorrentes até 30 de Junho (data limite). Entre os 21 desportos do programa, o atletismo é que tem a maior participação — 108 seleções nacionais seguindo-se o Boxe (com 75, tiro, com 71 e natação, com 62.

De notar um outro «record» de participação: o Pentatlo Moderno em que 62 especialistas, de 21 países, disputam a prova, e 20 selecções concorrem à classificação por equipas. E a primeira vez que o Pentatlo conhece tal concorrência.

No sector dos efectivos cabe a Alemanha Federal a formação mais numerosa com 657 atletas (405 homens 118 mulheres e 134 elementos oficiais). Seguem-se a URSS com 626, sendo 501 concorrentes, os E. U. A. 625, com 469 concorrentes; a Polónia 482/376 e a República Democrática Alemã 472/368.

No atletismo a luta entre as grandes potências mundiais prevê-se emocionante e motivadora da queda de muitos «records», apesar da chuva de espantosas «performances» que foram as últimas Olimpiadas.

Aliás, a luta para pisar as pistas de «tartan» de Munique já vai longa e animada, principalmente nos Estados Unidos e no Quénia, as sensações do México. Para os atletas americanos há uma barreira importantíssima a ultrapassar: o número e a categoria dos seus pares. Há 600 atletas a competir em Eugene (Oregon), para que os responsáveis do Comité Olímpico Americano escolham os 60 que farão a viagem a Munique. Daí a luta sem tréguas, os **«records»** a cairem dia a dia e até os cuidados postos nas análises anti-«dopping».

Para já, Bob Seagren estabeleceu novo «record» mundial do salto à vara, ao transpor 5 metros e 63 centímetros, nas provas disputadas em Eugene (Oregon). Steve Smith e Jan Johnson, que disputam igualmente o apuramento para a selecção dos Estados Unidos, ficaram nos segundo e terceiro lugares, respectivamente, com a marca de 5 metros e 50. Pela primeira vez na mesma prova, três atletas saltaram mais de 5 metros e 48 centímetros.

Na mesma reunião, foram igualados dois «records» mundiais de atletismo: Eddie Hart correu os cem metros planos em 9 segundos e 9 décimos e Dave Wottle fez 1 minuto, 44 segundos e 3 décimos nos 800 metros.

Larry Young, o único atleta norte-americano a conquistar uma medalha olímpica nas provas de Marcha, venceu os Cinquenta Quilómetros Marcha no torneio de qualificação para as Olímpiadas, com o tempo de quatro horas, treze minutos e 0,04 segundos.

Young vencera já os Vinte Quilómetros, em 1-35-56, 4, tornando-se assim o primeiro atleta a obter uma dupla vitória no torneio de qualificação.

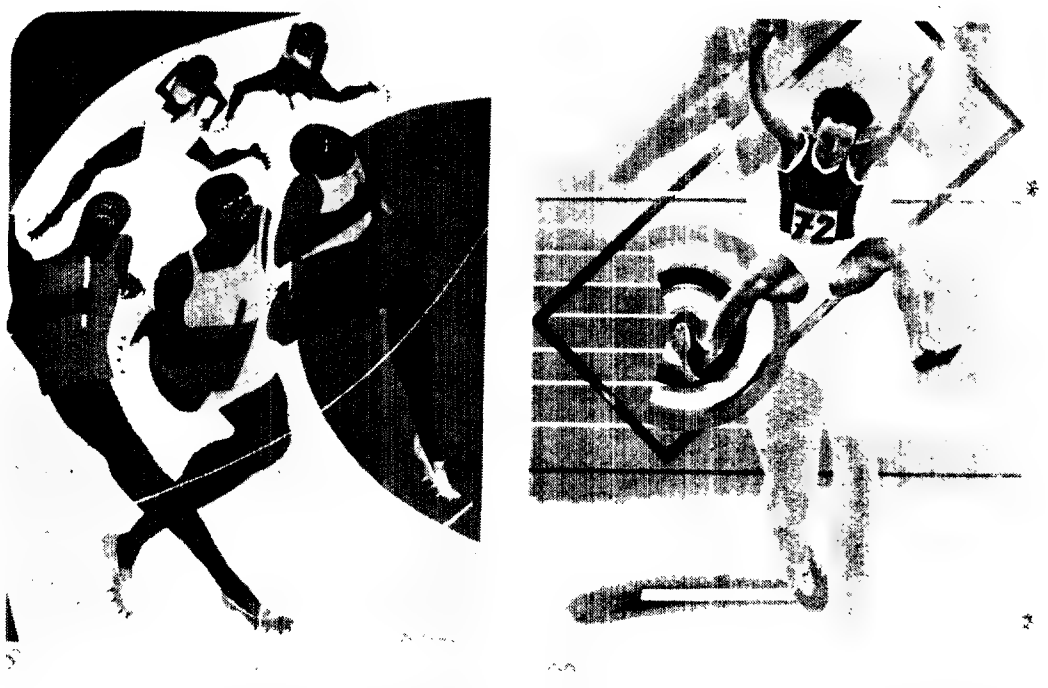
Nas Olimpíadas do México, em 1968, Young ficou em terceiro lugar nos Cinquenta Quilómetros Marcha.

Na Europa vai verdadeiramente quente a fase preparatória dos Jogos Olímpicos, no que toca a «records» obtidos, igualados ou ameaçados. Sucedem-se os «meetings» a alto nível, realizam-se encontros internacionais entre selecções e a chuva de «records» não deve parar mais até Munique, local dos Jogos de 26 de Agosto a 10 de Setembro.

Só nesta semana, já cairam os máximos mundiais do disco, 400 metros femininos e estafeta 4x400 metros femininos além de Monika, que tem 20 anos e é estudante de Educação Física, tinha batido em 22 de Junho, em Erfurt, o «record» europeu dos 400 metros, com o tempo de 51,1 segundos. Ao igualar ontem a marca mundial, qualificou-se como uma das grandes esperanças da Alemanha Oriental para os Jogos Olímpicos de Munique.

A sua compatriota H. Seidler classificou-se em segundo lugar, com 52,4 segundos.

Os dois tempos destas atletas explicam a queda do «record» da estafeta 4x400 metros (femininos), alcançada pela República Democrática da Alemanha com o tempo de 3 minutos, 28,8 segundos. A equipa foi formada por Monika Zehrt (recordista mundial individual, Dagmar Kasling, Helda Seidler e Brigit Rohda. O anterior «record» já pertencia à Alemanha Oriental com 3 minutos, 29,3 segundos.



Olympische Sp... Olympische Spiele Mun...

Os cartazes alusivos aos Jogos Olímpicos, onde o Atletismo é tema. O da direita foi desenhado pelo inglês Peter Philips, o da esquerda pelo americano Jacob Lawrence.

Os dois co-recordistas mundiais do Disco: Jay Silvester (USA) e Ricky Bruch (Suécia), grandes rivais para Munique. Luta empolgante à vista, possivelmente a partir do máximo actual, sessenta e oito metros e quarenta centímetros.

pelo norte-americano Jay Silvester. O atleta sueco bateu por 3,10 metros o checoslovaco Ludvik Danek, campeão europeu.

Bruch ultrapassou em oito centímetros o recorde europeu

Finalmente, e ainda falando de «records», saliente-se a proeza da checoslovaca Eva Gleskova, que igualou recentemente a marca mundial dos cem metros planos femininos: 11 segundos.

Também os africanos se preparam para confirmar e ampliar se conseguirem «performances» excepcionais a juntar à de Bondarchuk (martelo, 75,75) na semana transacta. Temos assim que a Alemanha Oriental venceu a França por 220,5 pontos a 187,5, no torneio de atletismo que terminou na quinta-feira à noite, no estádio de Colombes, e que durou dois dias.

A equipa feminina dos 4x400 metros da Alemanha derrubou o «record» nacional da prova, em meio segundo, com 3 minutos e 28,8 segundos. O anterior «record» também lhe pertencia.

No primeiro dia, a atleta Monika Zehrt igualara o «record» mundial dos 400 metros, com 51,1 segundos, estabelecido em 1970 por Marylin Neufville, da Jamaica.

Além das marcas citadas, o França-República Democrática da Alemanha proporcionou outras provas de respeito: 110 m bar. Siedeck (DDR), 13,6 s; 400 metros homens: Muller (DDR), 46,4 s; 1500 m: Justus (DDR), 3m 39,5 s; 10 000 m: Haase (DDR), 28m 41,8 s; e a certeza de que a Alemanha Oriental está plenamente lançada na corrida às medalhas de ouro. Para espanto dos seus irmãos de sangue que vivem a Oeste.

Em Estocolmo, o sueco Rickey Bruch igualou o recorde mundial do lançamento do disco num encontro internacional de atletismo ali disputado.

Bruch lançou o engenho a 68,40 metros, igualando a marca estabelecida há quatro anos da especialidade, que já lhe pertencia.

Os cinco mil metros foram ganhos pelo inglês Ian Stewart, com treze minutos 29,6 segundos. Em segundo lugar ficou o seu compatriota Richard Wilde, com o mesmo tempo, e em terceiro o belga Emile Puttemans, com 13-33,2. O norueguês Per Halle, que se classificou em quarto lugar, com 13.35,4, estabeleceu novo «record» do seu país.

Outras boas marcas no torneio foram averbadas por Jan Dahlgren, da Suécia, no salto em altura (2,19 metros), Brendan Foster, da Inglaterra, na milha (3-57,2) e pelo polaco Wladeyslaw Komar, no peso (20,49).

os resultados obtidos no México. Alice Annum, estudante ganesa de 21 anos, igualou o «record» americano dos 200 metros femininos, correndo a distância no tempo de 22 segundos e 8 décimos, nos Campeonatos Femininos, a decorrer em Canton (Ohio). Keino, o famoso polícia do Quénia, um dos melhores corredores de meia distância do Mundo, prepara-se para fazer os 3000 metros obstáculos e para defender o seu título dos 1500. A maior baixa na equipa do seu país, , composta de 22 atletas, é a de Wilson Kipriggit, medalha de prata nos 800 metros, em 1968.

À MARGEM DOS «RECORDS»

Os atletas norte-americanos actualmente a treinar no Oregon estão sujeitos a rigoroso controlo anti-doping. (Será bom recordar que há 600 candidatos e 66 passaportes para Munique). **«Procedemos assim tão minuciosamente para que os nossos atletas façam uma ideia do que se irá passar nas Olimpíadas»** — afirmou Robert Giegengack, presidente do «comité» de atletismo dos E. U. A.

O presidente da União Americana de Atletismo Amador declarou ao **«Evening Standard»**, de Londres, que os atletas dos Estados Unidos que discordam dos critérios seguidos pelo Comité Internacional Olímpico sobre o amadorismo projectam levar a cabo manifestações de protesto, durante os Jogos de Munique.

Kelly (e ele não está sózinho) disse estar convencido de que os ideais olímpicos de puro amadorismo se encontram ultrapassados, numa época em que os atletas têm de se dedicar totalmente ao desporto, para manterem a forma e a capacidade de competir internacionalmente. Referindo-se ao presidente do C. I. O., Avery Brudage, acusou-o de pretender policiar o desporto nos Estados Unidos.

Em BEJA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo & Álvaro, Praça dos Duques.

César Figueiredo de Miranda Pombo

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO

Sua mulher, filhos, irmãos, sobrinhos e mais família, participam a todas as pessoas da sua amizade, que amanhã dia 10, na Igreja de S. João de Brito, pelas 19,40 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso. Aproveitam para agradecer a todas as pessoas que os acompanharam em tão doloroso acto, pedindo desculpa de o não fazerem pessoalmente por desconhecimento das suas moradas.

DL/DOMINICAL — TAÇA INDEPENDÊNCIA

PORTUGAL JÁ GANHOU

A comitiva portuguesa ouve explicações acerca do funcionamento do «Mineirão», o estádio onde vencemos a equipa soviética. Reconhecem-se o nosso enviado especial, o presidente da Federação e o médico da selecção

RIO DE JANEIRO, 9 (**Do nosso enviado-especial Neves de Sousa**) — Meio mundo está hoje aqui, na maravilhosa cidade do Corcovado, a fim de comprovar que o melhor futebol fala a língua portuguesa. O futebol de Portugal e do Brasil (os dois grandes finalistas) é a vitória do caldeamento étnico que se processa aqui dentro da melhor tradição portuguesa. Mateu, Carlos Duarte, Iaúca, Dinis, Messias, Jordão, Matine e Eusébio, são «estrelas» de diferentes épocas que mantêm ainda interesse em seu redor; Garrincha, Didi, Zizinho, Pelé, Dário, Jairzinho, Zé Maria Brito, Vantuir e Marco António, outros tantos espectáculos dentro do mais apaixonante espectáculo.

No derradeiro acto desta «Taça da Independência» estarão frente a frente os dois povos irmãos de ambos os lados do Atlântico. Para chegar a esta festa, o Brasil fez apenas três jogos, marcou quatro golos e ficou com as balizas invictas. Portugal fez sete encontros, marcou dezassete golos e sofreu quatro. Ambas as selecções estão batendo os seus «records», sob as ordens dos dois técnicos mais jovens do Mundo...

Não há divisão de opiniões entre este público maravilhoso: é que Portugal (o de antes ou de agora) já ganhou. E por todos os lados os cartazes espalham **Uma Festa Portuguesa Com Certeza.** E certo que as grandes potências do futebol mundial, como a Alemanha, a Itália, a Espanha, a Inglaterra, a verdadeira Irlanda, não vieram aqui. Mas isso não é culpa nossa. O Brasil e Portugal trataram de conseguir o que se exigia para a circunstância: chegar à final.

Como será? Jogará Leivinha (o «foguetão-caçula»)? Estará presente Jordão (o «guri risonho»)? O facto é que o Brasil tem mais ou menos o seu «onze» certo e nós todos estamos aguardando o «caso» de Eusébio. Actuará ele, como homenagem a toda esta gente?

Esta a final esperada. Suceda o que suceder, o título é como se ficasse em casa. O ensaio geral foi mau para ambos os lados, o que é naturalíssimo. Dinheiro e prestígio estão em equação.

E como joga o Brasil? Assim: o lateral esquerdo, Marco António, é igual a Adolfo, só ataca. Vantuir igual a Messias: escorrega muito e faz o desarme já no chão. Gerson desenvolve o seu trabalho num sector muito recuado, quase ao lado de Brito. Zé Maria «cola-se» na ponta esquerda. Clodoaldo tem uma função mais adiantada mas é autêntico «satélite» de Gerson, sempre em apoio do seu trabalho. Jairzinho parte embalado para tentar a recolha dos centros em voo rente ao chão. Rivelino, este, é o «marcador oficial» dos livres e centra quase sempre por alto, procurando as cabeçadas de Leivinha, um jogador alto, estilo de Torres mas fino como Artur Jorge. O guarda-redes Leão defende bem por alto, mas é mau para o lado esquerdo, para mais se as bolas forem rentes à relva. Tostão tem liberdade para fazer o que quiser mas está, agora atravessando um período de má forma. Aliás, parece sem frescura o «team» brasileiro. Mas isso pode ser remediado, por exemplo, com a entrada de Dário, impressionante de força e, como Leivinha, outro homem-golo.

Portugal, após o trabalho de Otto Glória, é o país mais influenciado pelo estilo brasileiro. »Craques» negros atraídos pela fortuna e a fama, são plenos de talento, magia, arte. Com boa preparação física e a nossa improvisação, eles seriam capazes de bater a sistematização dos alemães e dos russos, ombreando com a Inglaterra na supremacia da Europa.

José Augusto

Falei demoradamente com José Augusto sobre os sistemas de jogo dos dois países. A amizade com o seleccionador permite a apresentação de problemas: **Garanto que foram analisados todos os jogos do Brasil através de «video-tapes», recortes e informações várias. É a primeira vez, depois da nossa**

Artur

gloriosa jornada de Inglaterra, que a embaixada dos portugueses forma uma verdadeira equipa.

Mas, e quais são os elementos possíveis de entrar em nosso desfavor? José Henrique pode descontrolar-se; é muito capaz de alternar o óptimo com o péssimo; a sair das balizas é um perigo, já que os nossos adversários chegam muito perto com os seus avanços. Artur peca por fazer muitos «balões», mas redime-se dessa pecha desenvolvendo uma energia espantosa. Humberto continua a ser um jogador pendular; muito úteis as suas deslocações aos «cantos» sobre a baliza adversária, onde pode utilizar com vantagem o seu belo salto e remate de cabeça. Adolfo adianta-se em demasia e pode constituir um perigo se lhe lançarem as bolas para trás das costas. Toni, em grande «forma», com uma força surpreendente, mas tem tendência para se tornar complicativo. Peres é um magnífico atleta, mas de amuos; se as coisas lhe começam a sair bem desde logo, temos homem, se tal não acontece, ele «desaparece» por completo. O mesmo acontece com Jaime Graça. Jordão anda a enfermar de uma apatia que se torna perniciosa; na hora das grandes resoluções, ele bem aparece no lugar, mas falha golos em série. Dinis encontra-se lesionado e Nené habituado apenas a jogar as segundas partes. Eusébio está com a canela direita toda esburacada. Deve sofrer imenso. Será capaz de corresponder às grandes necessidades da equipa?

Zagalo «joga a cabeça» no encontro com Portugal. Nós, os portugueses, apenas uma pequena aposta numa «roleta» que está carregadíssima. Optimo. Todos juntos, vamos a isto. E interpretando quanto se ventila, fazemos uma pergunta: Sofreremos uma goleada ou teremos gabarito para adregar uma vitória?

INFORMAL

Mário Nobre

1 — Os chamados «pequenos clubes» preparam-se para a nova época, que aí está chegando a passos de gigante. Entre eles, destacamos e aplaudimos o esforço desenvolvido pelo simpático e glorioso Boavista — a primeira agremiação que esboçou o profissionalismo entre nós — recrutando jogadores de valor e um técnico que há muito reputamos como dos melhores do mundo: Aymoré Moreira.

2 — Contactámos imenso com Aymoré (Campeão Mundial em 1962, no Chile, á frente da Selecção do Brasil), quando treinava a Portuguesa de Desportos de São Paulo, e habituámo-nos a admirar os seus rasgos de inteligência táctica, transformando a «arma secreta» de que dispunha — Ivair — na chave de vitórias inacreditáveis.

3 — Com um «team» modesto, como era o da «lusa» do Canindé, e de reduzido plantel (18 jogadores), Aymoré Moreira discutiu sempre com o Santos, o Corintians, o Palmeiras e o São Paulo (nos idos de 63 a 66) o Campeonato Bandeirense, classificando-se invariàvelmente, na segunda posição. Nesses anos, a «Portuguesa» foi a «Campeã dos Clássicos», derrotando todos os «grandes», onde ela também se inclui. Uma tarde, no final de um treino no Canindé, comentando esta circunstância com alguns dos seus jogadores, Ivan — o estratego do «team», grande meio-armador, que viera do Rio — observou: **«Isso só demonstra que a «Portuguesa» sabe escolher os seus jogadores e que possui i melhor treinador do Brasil».**

4 — Todos os que conhecem o «curriculum» do irmão de Zézé estranharão por que motivo o «Biscoito» (como é conhecido no Brasil, em virtude da sua homonomia com os famosos «Biscoitos Aymoré») vai ingressar nos «axadrezados» e não no Sporting no Porto ou no Benfica, clubes que há anos o convidaram para seu técnico, não aceitando, então, esses convites por compromissos irreversíveis. Porém, Aymoré sempre teve uma grande ambição: treinar em Portugal. Chegou a altura. Para ele será um ano de «desintoxicação», como ás vezes nos dizia tão absorvente é o meio ambiente futebolístico do Brasil, sobretudo nos grandes clubes. Parabéns, ao Boavista por contratar tão talentoso e culto técnico.

5 — Hoje, no Maracanã, o Brasil e Portugal disputarão a fibal da «Mini-Copa», numa partida que está galvanizando o interesse de todos portugueses e brasileiros. Quem vencerá? Eis a pergunta que formulamos Monsieur de La Palisse diria: aquele que marcar maior número de golos. Nós diremos: que vença o que fizer jus á vitória. Ela, porém, já está alcançada, porquanto atingir a final é prémio de real prestígio. Frente a frente, portanto, esta tarde, o melhor futebol da Europa e da América, através das selecções de Portugal e do Brasil. Glória ao vencedor e ao vencido. E a certeza de que os «melhores do futebol mundial» continuam a falar português!

Se terminar empatado...

Se na finalíssima o jogo terminar empatado, o regulamento prevê:

1 — Uma prorrogação de 30 minutos em dois tempos de quinze.

2 — Se permanecer o empate, cada time terá direito à cobrança de cinco penaltys, que devem ser batidos por jogadores diferentes.

3 — Se ainda persistir o empate serão cobradas tantas séries de penaltys, quantas forem necessárias, para decidir o vencedor.

Antes do início do jogo o juiz acertará com os capitães de cada time a relação dos cinco jogadores encarregados da marcação branca de penalidades em caso de empate.

PESCA: O clube Amadores da Pesca de Abrantes leva a efeito nos dias 12 e 13 de Agosto próximo, o «VIII Concurso Internacional de Pesca Desportiva». Nesta prova, cujo prestígio tem subido gradual e anualmente, participarão, além de portugueses, pescadores de Espanha, França, Bélgica e Itália, em número que se prevê atinja cerca de 500 desportistas. A intenção de convidar representações de outros países europeus só poderá concretizar-se desde que a Organização venha a obter subsídios que lhe possibilitem cobrir as enormes despesas que comporta uma manifestação de tal envergadura.

TORRALTA UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS

TAÇA DA INDEPENDÊNCIA

Eusébio:

NÃO ESTOU REALIZADO

Tendo sofrido um extenso ferimento no joelho direito, durante o jogo com a União Soviética, Eusébio é duvida para a final da Taça Independência. Porém quando lhe suturaram a ferida com oito pontos, o craque número treze apressou-se a garantir:

— Jogo de qualquer maneira. Quer doa quer não, tenho que participar na final da Taça para homenagear o Brasil e para completar sessenta jogos na selecção nacional, igualando o «record» de Coluna. Sei que me vai custar pois o ferimento é muito extenso, mas não posso faltar». Pelas palavras do maior futebolista português de todos os tempos se avalia até que ponto vai o seu desejo de ganhar a Taça que motivou a vinda da selecção ao Brasil. Delas se infere também quão importante o encontro Portugal-Brasil, pode vir a ser na vida do jogador. Assim o compreende a colónia portuguesa, que está completamente rendida ao virtuosismo do grande Eusébio e seus pares e que, por isso, lhe prepara uma tocante homenagem ao entrar em campo para o seu sexagésimo jogo com a camisola das quinas.

Antes do «match» derradeiro conversámos com ele, sobre a sua vida de futebolista e de cidadão:

— Fui 59 vezes internacional, mas já podia ter 63 camisolas da selecção. Falhei três jogos que não deveria ter falhado. Um contra a Bulgária, dois contra o Brasil, um contra o México e dois contra o Chipre. Só no último caso é que não estava aleijado. Nos outros só impedimentos de ordem física me não deixaram ser já o mais internacional dos futebolistas portugueses. Em contrapartida, tenho viajado por todo o Mundo, com o Benfica. Já conheço 50 países.

— Como é que você se lembra do número exacto sem acrescentar um ou esquecer outro?

— Quem fez a estatística foi o Simões que até sabe quantos golos é que eu já marquei. Só me falta ir á Austrália e á Rússia, isto falando de países importantes. A minha primeira viagem foi á Dinamarca, quando fomos jogar com o Aarhus. A seguir veio Paris e Montevideu, continuei sempre a andar de um lado para o outro no primeiro «team» do Benfica. As terras de que mais gosto são Lourenço Marques, Lisboa, Brasil, Suécia, Suiça, Inglaterra e Paris.

— Saudoso:

— Há dois anos que não vou á minha terra e não vejo a minha família que está em Moçambique. Em Agosto, vou lá com a minha mulher e as miúdas. As meninas andam sempre a falar: «As avós vão ficar vaidosas»: Estão também com muita vontade de conhecer Lourenço Marques».

INVESTIMENTOS

Depois, contando alguns pormenores da sua vida financeira, Eusébio revela:

— Outro motivo porque quero ir a Moçambique é para investir dinheiro em terrenos. Os negócios estão a andar e ultimamente tenho-me dedicado mais. Comprei dois andares no Barreiro, na Rua 28 de Maio e estão alugados a um conto por mês. Comprei igualmente duas lojas na Barão de Sabrosa, que agora vou alugar, segundo o conselho do sr. Paiva Neves, do Benfica. Também em Lourenço Marques tenho uma vivenda na Rua Angoans que me rende dois contos por mês e um prédio na Avenida Caldas Xavier em Lourenço Marques, que me dá mais nove contos mensais. Portanto julgo que o meu dinheirinho tem sido bem guardado. Sou ainda sócio de um «stand» de automóveis, tenho um contrato com uma marca de botas e fiz o filme da minha vida. Sempre ocupado, se não é com o futebol é com o negócio.

— Em tantos anos de futebol e em contacto com profissionais de países mais ricos nunca pensou que poderia ter muito mais dinheiro?

— Se tivesse ido jogar para a Itália, quando me convidaram aos 23 anos de idade, hoje era multimilionário. Assim, ganha-se ao nível do futebol português mas não há razões de queixa. Ainda não estou realizado, mas não é só pelo dinheiro. Agora tenho trinta e três anos e espero jogar mais cinco. Esta época tem sido estafante. Faz um ano que estamos a jogar (desde os jogos com o Arsenal), quase sempre a viajar, sem parar. Daqui ainda vamos para a América do Norte: Por mim estou mesmo a precisar de vinte dias sem ver bola. Mas a 16 ou 17 de Agosto voltam os treinos por motivo do Torneio de Cádis e começa nova época sem descanso.

Por fim, o sonho:

— O que mais desejo na vida é ser pai de um rapaz.

N.S.

Eusébio a defender (se): na baliza e no resto.

Diário de Lisboa NA TAÇA INDEPENDÊNCIA

ARTUR JORGE REINVINDICA:

FÉRIAS E DIREITO A FALAR

Além do futebol, Artur Jorge trouxe para o Brasil algumas e prementes responsabilidades sindicais. Ouvimos: **«O Sindicato tem dois grandes problemas a resolver de imediato. O primeiro é de que tem de ser estabelecida contratualmente a autorização para que todos os jogadores possam livremente falar para os orgãos da Informação. O segundo é o de tratar de impor que todos os futebolistas profissionais tenham um mês de férias.»**

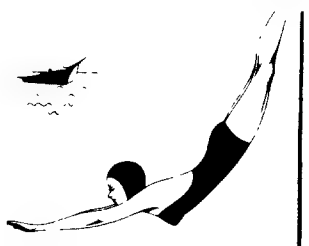
E o presidente do Sindicato dos Jogadores justifica: o Belenenses fez 40 jogos e está de férias um mês; o Benfica jogou 80 e dá 20 dias.

E mais nos diz: **«Tenho tido sorte. Associei-me a meu sogro** (Alfredo Amaral) **num Supermercado no Porto e comprei já um andar em Linda-a-Velha. Quero continuar a ganhar dinheiro, pois pretendo que o meu filho Pedro Jorge venha a completar um bom curso... Fui cinco vezes internacional júnior, duas vezes estive na equipa de «Esperanças» e actuei 14 vezes na equipa principal portuguesa. Como suplente fui convocado 24 vezes. Em três anos como júnior consegui 300 golos pelo Porto, em quatro anos de Académica fiz 170 e em três anos de Benfica já marquei 120. Também «assinei o ponto» nas selecções: cinco na de juniores, dois nas «Esperanças» e seis na turma A.**

E em forma de desabafo: **«Pois, apesar de tudo isto, discutiu-se bastante o preço do meu recente contrato de três anos com o Benfica. Parece que se tem dúvidas do meu valor. Oferece-se uma fortuna a um qualquer desconhecido, enquanto se tentam poupanças no pagamento a quem já demonstrou a sua valia».**

E; a terminar a nossa curta conversa, Artur Jorge não deixou de frisar: **Não se teria reparado ainda que, após Eusébio e Torres, eu sou o melhor marcador de sempre do futebol português? E ainda só tenho 26 anos...»**

Passe o VERÃO
mais ATRAENTE
com
BIQUINIS
ou FATOS DE BANHO
da
Loja da América
Rua do Ouro, 208
Telef. 321764



PREÇOS ACESSIVEIS

TORRALTA UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Spassky

Terça-feira, em Reyjavik

Duelo no tabuleiro entre russo e americano

Fischer

Afinal sempre teremos campeonato mundial de xadrez. Certamente com um suspiro de alívio, o presidente da Federação Internacional da modalidade lá conseguiu anunciar para terça-feira o «match» em Reykjavik, Spassky-Fischer. Se o primeiro for sensível a essas coisas, o segundo sempre terá beneficiado da guerra de nervos que desencadeou.

Vale a pena contar como as coisas se passaram.

Os meios xadrezistas internacionais entraram em alvoroço, logo que foi anunciado o desafio entre o campeão mundial, o soviético Boris Spassky, e o norte americano, pretendente ao título, Bobby Fischer. O grande encontro foi inicialmente aprazado para domingo passado. Uns quinze dias antes, já o russo passeava, para descotrair, pela verde Islândia. Mas, chegou o dia, e do americano nem sombra. Mandou dizer que estava doente...e desapareceu da circulação. Spassky protestou, continuando, embora a passear por terras islandesas. A Federação Internacional de Xadrez deitava as mãos á cabeça, pis via perdido o seu rico dinheirinho. Afinal, chegou-se á conclusão, de que o problema de Fischer era o mesmo: o dinheiro. Na segunda-feira á noite, o banqueiro de Londres Jim Slater um doente do «jogo» aumentou a parada substancialmente.

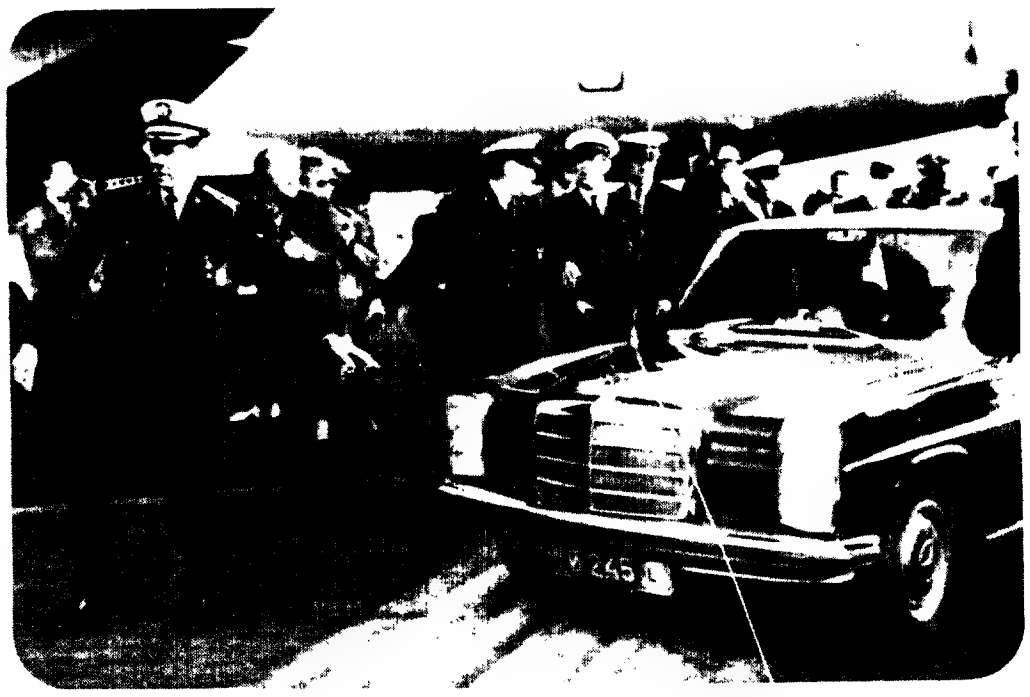
Para ver o combate do século, ofereceu nada menos de 50 mil libras (3.500 contos). E, na terça de madrugada, finalmente, cansado da viagem, o campeão americano desembarcou em Reyjavik. Para evitar mais problemas, a polícia islandesa não deixou que os jornalistas se aproximassem dele. Pouco depois, era a vez de Boris Spassky abandonar uma reunião com os delegados do seu adversário (que, entretanto, ficara a descansar no hotel). O campeão mundial afirmou que Fischer o insultara a ele e à Federação de Xadrez da União Soviética, ao recusar-se a comparecer na data marcada para o início da partida. **«Só no caso de Fischer receber um justo correctivo e apresentar desculpas é que poderei considerar a possibilidade de jogar este «match»** — acrescentou, com uma calma olímpica.»

Novamente atarantados com a evolução dos acontecimentos, os dirigentes da Federação Internacional de Xadrez tentam novo adiamento, enquanto se esforçam por conciliar as posições dos jogadores. Para a Federação, a não realização do desafio representaria autêntico desastre financeiro. E nem sequer era possível pedir indemnizações a Fischer, pois este não assinara um único documento.

Finalmente, e de modo bastante protocolar e frio, o campeão norte-americano mandou um delegado apresentar desculpas a Boris Spassky. Tarde e ás más horas. A Federação, que já adiara a partida de domingo para terça-feira e de terça para quinta, viu-se compelida a terceiro adiamento.

E aqui está contada a história. Se não apareceu mais algum imprevisto de última hora, neste momento o combate do século estará prestes a principiar.

Consta ele, em princípio, de 24 jogos, cada um de 5 horas. Os entendidos afirmam já que há grandes possibilidades de empate, pelo que seria preciso começar de novo. Aguarde-se o resultado, com xadrezística paciência. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma autêntica cimeira russo-americana...ao tabuleiro. Talvez por isso, o clima de guerra fria dominou os preparativos. Guerra fria ou psicológica... Mas, se a intenção do americano era fazer perder a paciência ao russo, não parece que tenha tido sorte. Por alguma coisa ele é campeão do mundo dessa inefável modalidade desportiva, em que há torres e cavalos, reis e peões, rainhas e bispos.



Dir-se-ia que acabou de chegar um político de grande nomeada, mas não senhor. A fotografia documenta a saída de Bobby Fischer, pretendente ao título mundial de xadrez do aeroporto de Reykjavik

Jim Slater, banqueiro de Londres, forneceu o argumento que convenceu Fischer a ir à Irlanda: 3500 contos

LICENCIADO EM FINANÇAS OU ECONOMIA

Grande Empresa Industrial a 140 km de Lisboa pretende licenciado em Finanças ou Economia.

FUNÇÕES:

— Chefia, Coordenação e orientação do serviço Financeiro, dos departamentos da Empresa situados nessa região;

— Estudo, em colaboração com o Director Administrativo, de aspectos de índole económica ligados à exploração Industrial da Empresa.

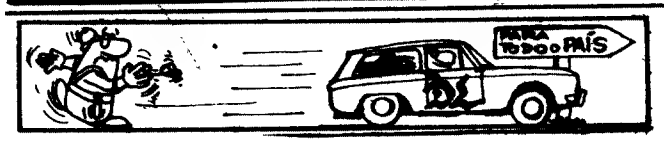
PRETENDE-SE:

* Que tenha cumprido o serviço militar
* Que fixe a residência na Região

OFERECE-SE:

* Gratificação de Natal
* Férias de 30 dias com subsídio
* Facilidades de alojamento e alimentação
* Outras regalias sociais

Resposta com curriculum detalhado, sendo indispensável indicar vencimento pretendido, a GASEL — Ref.ª 101/54 — Apartado 2512 Lisboa.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Domingos Agostinho e Filhos, Ldª., Rua Formosa, 80 - VISEU

O relógio da nadadora

No torneio júnior de natação recentemente realizado na piscina do Sport Algés e Dafundo, bateu o «record» regional de 200 metros/bruços a atleta Florinda Cardia, do Clube Fluvial Portuense.

Participaram no torneio, além deste clube, atletas da Académica de Coimbra, do F.C. do Porto e espanhóis.

Esta jovem e promissora nadadora detém vários triunfos júniores e absolutos sendo considerada campeã nacional e recordista regional de várias modalidades.

A premiar estas suas recentes vitórias, o representante da Timex, sr. Rocha Vieira entregou à campeã um recente modelo Timex à prova de água perfeitamente adequado à sua actividade.

"Algés e Dafundo" em festa

O Sport Algés e Dafundo homenagia hoje a memória de duas das suas mais destacadas figuras de nadadores e dirigentes. Dando concretização a uma proposta aprovada em assembleia geral, procederá ao descerramento de lápidas que denominarão de «Estádio Náutico Rodrigo Bessone Basto» o conjunto das instalações sociais do clube e de «Piscina Fernando Sacadura» o seu tanque principal.

A cerimónia, que terá início às 15 horas, será seguida da 1.ª jornada de um torneio infantil de natação em que participam os mais jovens e esperançosos atletas do clube e os do «Don Quijote» de Madrid. A 2.ª jornada deste torneio terá lugar no dia seguinte, pelas 10 horas.

BELENENSES: AO TRABALHO

Começaram os treinos do Belenenses. No Estádio Nacional Scopelli dá largas aos futebolistas «azuis»: cada um vai para onde quer. Estamos em começo de preparação e os músculos têm que se ir adaptando gradualmente aos esforços que lhes vão ser exigidos.

Os atletas de Belém dividem-se em quatro grupinhos. Um é formado apenas pelo «capitão» Quaresma e pelo guardião Ruas. E, diga-se desde já, que tanto um como outro estão a levar muito a sério esta fase inicial de treinamento. O primeiro, para jogar na época que ainda mal se avizinha, a sua derradeira oportunidade de voos largos e o segundo, percorrendo com segurança o caminho que leva à sucessão de Mourinho.

Outro grupo reune, numa solidariedade que curiosamente se regista, os jogadores ainda presos contratualmente ao Belenenses, mas não viram ainda definida a sua posição em relação à próxima temporada: Teles, Amaral, Virgílio, Ferro Pais, Zézinho e Pena. Este último, dispensado pelo clube, não se mostra disposto a rescindir o seu contrato. Apenas o fará no caso de aparecer quem lhe pague melhor. E isso será difícil depois da época apagada que levou **«o melhor defesa-direito português»** no dizer de Joaquim Meirim. Sem jogos, sem boas exibições lá se vai a concorrência. Ou nos enganamos muito ou Pena vai mesmo cumprir o seu compromisso com o Belenenses. Pelo menos durante mais um ano. Quase nas mesmas condições estão Amaral e o brasileiro Teles, ambos com contratos para além de 31 de Julho e também, pouco dispostos a deixarem o Restelo sem mais aquelas.

Luís Carlos, outro brasileiro, à espera de saber se Santos e Belenenses chegam ou não a acordo) ajuda os ultramarinos Ramalho, Leandro e Júlio, a melhor se ambientarem.

Aliás, o negro santista, é sempre o mais optimista, o mais alegre, de todos os futebolistas do Restelo.

Freitas e Laurindo comandam o último grupo, parecendo até o avançado, completamente alheio ao inquérito que lhe foi instaurado, tal o entusiasmo que vem pondo na sua preparação.

Scopelli: «não lhe falo em nomes»...

Prosseguem as negociações para a assinatura do contrato, mas a presença do «internacional» ultramarino está pràticamente certa: Laurindo continua no Belenenses.

Isolados destes blocos, apenas três atletas: Ernesto e Godinho, ambos com peso a mais, bem como o paraguaio Gonzalez, sobre cuja valia nada mais se apurou.

Murça e Mourinho, no Brasil (com o seleccionado luso) e Calado, a mais recente aquisição azul (com mais oito dias de férias para gozar) são as únicas ausências que, até de momento, se registaram no Vale do Jamor. Também Pedro (que comprou o seu documento de desvinculação) e Estêvão (que parece quase certo no Montijo) não estiveram no Estádio Nacional: para eles a camisa azul foi etapa que se cumpriu.

Passemos agora em revista, o nome dos 23 jogadores que iniciaram os treinos: Ruas, Ferro Pais, Pena, Quaresma, Freitas, Laurindo, Gonzalez, Leandro, Júlio, Ramalho, Virgílio, Teles, Amaral, Zézinho, Ernesto, Godinho, Quinito, Parreira, Minervino, Gomes e os ex-juniores Teles, Canena e Silva Santos. Carlos Serafim prossegue a sua recuperação, com tratamentos diários no posto clínico do Restelo e João Cardoso continua impedido de se treinar por via dos seus deveres militares.

À sombra do arvoredo, acompanhado dos massagistas Fontes e João Silva, o argentino Scopelli segue a preparação dos chutadores de Belém. Sempre calmo e aparentando boa disposição, o responsável pelo futebol «azul» parece muito interessado em nos esclarecer:

«É preciso explicar bem o que se está a passar. Alguns dos jogadores que aqui se vêem, iniciaram os treinos porque estão presos ao clube por contratos que continuam válidos. Isso não quer dizer que fiquem...»

Realmente já tinha reparado na presença de Pena, Teles, Virgílio e outros atletas cuja dispensa o Belenenses já anunciou...

«Não lhe falo em nomes. Não lhe digo nem que sim nem que não. Pode ser que saiam. O que é necessário é frisar que o facto de estarem aqui não quer dizer nada.»

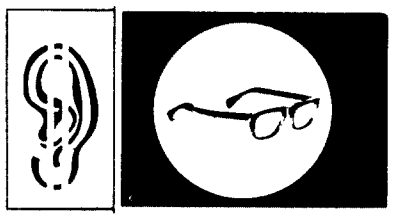
Depois, Scopelli, falou-nos no esquema da preparação (que prevê o começo dos treinos com bola no começo da semana que vai entrar). Do regresso de Peres Bandeira. Da continuação das sessões de treinamento no Estádio Nacional. Da digressão ao Ultramar.

Mais uma época de esperanças se vai viver em Belém.

Luís Carlos com Leandro, Júlio e Ramalho, três elementos que vieram reforçar o quadro do Belenenses.

SURDOS

CASA SONOTONE



ESPECIALIZADA EM PRÓTESE AUDITIVA. A mais antiga e actualizada no ramo. Procedemos a exames e demonstrações, que são gratuitas, apresentando as últimas novidades em aparelhos de bolso, atrás da orelha, óculos via aérea e óssea, brincos auditivos. Vendemos pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão. Laringes Electrónicas para os operados à garganta. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer marca e de qualquer casa, em Lisboa como na Província e Províncias Ultramarinas. Desde já um grande OBRIGADO pelas vossas visita em

Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/1. Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26

MOCAR, S. A. R. L.

PEUGEOT — ALFA ROMEO

Ex.mos Clientes,

Durante o período de férias que fica compreendido de 31 de Julho a 1 de Setembro inclusive, as nossas Oficinas de Assistência:

N.º 2 — Alam. das Línhas de Torres, 157-A
N.º 3 — Rua Luciano Cordeiro, 79 A, B e C
N.º 4 — Rua dos Soeiros, Lote B-2

encontrar-se-ão encerradas, mantendo-se porém em serviço a nossa Oficina de Assistência:

N.º 1 — Rua D. Luís de Noronha, 40

aonde estaremos ao Vosso dispor.

MUITO OBRIGADO

NECESSITA:

PREPARADORES

Curso Industrial completo ou 2.º ciclo liceal sem deficiência em ambas as secções

RECTIFICADORES

Instrução primária, bons conhecimentos de desenho de máquinas e prática comprovada da especialidade

OUTROS REQUISITOS:

— Nacionalidade Portuguesa
— Serviço Militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

OFERECE:

— Vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidades inerentes às funções
— 13.º mês
— Subsídio de férias
— Salários diferidos
— Regalias sociais
— Viagens

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas

Resposta à Divisão do Planeamento do Pessoal até ao dia 18 do corrente—Edifício 25-1.º andar—Aeroporto de Lisboa

TAP
TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PUBLICO

CASAMENTO

Cavalheiro cego, novo, solteiro, culto, sério e muito educado, com alguns meios e casa posta, deseja para fins matrimoniais, senhora de 30 a 38 anos, pobre que viva necessitada, mas honesta. Resposta a este jornal n.º **590**.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Provincia, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)

Telef. 369384 5 6

TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

DE 9 A 15 DE JULHO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Tempo benéfico para tratar com as amizades, êxito nas relações amorosas e sociais, andará mais acessível mais condescendente. Oportunidade que não deve deixar passar harmonizar todas as suas coisas. Se porventura, andar indiferente com alguém ou tiver motivos de queixa de a, b, ou o terá nesta altura, o ensejo para esquecer sem melindre para a sua personalidade.

DINHEIRO: Diligencie no sentido de obter aumento da situação financeira, porque só encontrará facilidades neste campo; já porque a semana em si, é excepcionalmente auspiciosa e também porque da parte dos outros há tendência a facilitarem-lhe a vida. Os que têm andado em maré de pouca sorte podem agora tirar uma boa recuperação.

PROFISSÃO: Dedique toda a sua atenção à profissão se quizer colher bons proventos, desenvolva-a grandemente, e ponha os seus projectos em acção e fará bons negócios. A sorte acompanha-o em todos os aspectos.

SAUDE: Bons prognósticos no alívio dos seus males. Os que estão de saúde continuarão a beneficiar deste bom aspecto.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Os seus assuntos domésticos poderão dar-lhe algumas preocupações; as circunstâncias evoluirão em seu benefício se souber conservar a calma. Duma longa paciência resultará o sucesso.

DINHEIRO: Trate de evitar as dissipações, pois o dinheiro gasto perdulàriamente talvez lhe venha a fazer falta. Reflicta duas vezes, antes de o empregar.

PROFISSÃO: Procure adaptar-se melhor às exigências da sua profissão, pois o sucesso exige por vezes que lhe sacrifique a tranquilidade da sua vida, familiar. Este é um período em que muito lucrará sendo paciente.

SAUDE: No plano fisiológico a ameaça pesará esta semana sobre o seu sistema nervoso.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Período feliz e tranquilo, tanto no domínio puramente sentimental como no quadro familiar. Fará novas relações agradáveis e interessantes, mas procure dispersar a sua atenção e não se esquecer de alguns assuntos importantes, relacionados com pessoas que tem de considerar.

DINHEIRO: Chegou o momento de revelar fortaleza de ânimo, determinação, combativa e expediente, pois são estas características que formam a base de uma sólida reputação financeira.

PROFISSÃO: Use da maior franqueza possível em todas as suas atitudes. Não faça nada que possa reflectir-se na sua integridade, e tenha calma quando lidar com patrões e companheiros de trabalho. Também é conveniente evitar os planos de mudanças e reformas no emprego e nos negócios.

SAUDE: Será aconselhável que use de precauções no que se refere à sua saúde, pois são possíveis algumas perturbações no seu organismo.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Procure ser hábil, confie na sua intuição, sobretudo no que se refere aos assuntos sentimentais ou familiares. É possível uma reconciliação sentimental, desde que saiba proceder com espírito de compreensão. Se tem uma viagem a fazer, este é o momento mais indicado para isso.

DINHEIRO: Obterá lucros por boas decisões e energia mental, firmeza e determinação nos empreendimentos. Os actuais aspectos restabelecerão a harmonia no seu orçamento, ou pelo menos, bastante virão beneficiar as suas condições financeiras.

PROFISSÃO: Mostre-se realista nos seus assuntos profissionais, ainda que neles se encontrem misturadas algumas pessoas amigas. Terá oportunidade de expressar os seus sentimentos e de ser escutado.

SAUDE: Melhoria na saúde e do seu estado físico geral, com excelentes efeitos sobre o moral.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Semana feliz em que abundará a afabilidade e a benevolência para com os semelhantes e a ternura dispensada à pessoa amada. Período muito auspicioso para a celebração de matrimónios e tratar de assuntos que se identifiquem com ele.

DINHEIRO: Boa inspiração que vos impelirá para a frente em assuntos que de facto resultarão lucrativos. Também terá vantagens provenientes da sua popularidade, e de grande consideração que nutrem por si.

PROFISSÃO: As boas influências astrais concedem uma visão clara e muito intuitiva dos acontecimentos respeitantes à sua missão profissional. Possibilidades de convites para assumir cargos de importância e responsabilidade. Momentos em que grandes planos de desenvolvimento encontram um clima bonançoso para actuarem.

SAUDE: Impertinentes resfriados que atacarão a cabeça e causarão sofrimento.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: As suas qualidades permitem-lhe criar relações úteis e simpatias entre as pessoas com quem convive de perto. O plano afectivo apresenta-se, portanto, prometedor.

DINHEIRO: Há possibilidades de sentir inclinação para assumir encargos onerosos, pensando nos bons resultados que visa obter. Não tome tais compromissos. Condicione-se às suas possibilidades de momento.

PROFISSÃO: A sua preocupação neste período, deverá ser unicamente no sentido de conseguir moderar a sua vontade impulsiva de acção rápida, pois não se esqueça de que o sucesso depende também do conveniente equilíbrio entre o trabalho e o raciocínio ponderado.

SAUDE: Cuide da saúde; possibilidades de vertigens.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Dedique-se aos seus assuntos sentimentais: às amizades e aos seus familiares. De maneira alguma assuma atitudes arbitrárias, deixe que ou outros também se manifestem. A felicidade esta semana estará na cooperação e tolerância que evidenciar.

DINHEIRO: Uma boa vibração astral facilitará os seus interesses pecuniários. Como terá aumentada a sua vitalidade financeira, poderá assumir novos compromissos, metendo-se em novos empreendimentos.

PROFISSÃO: Os astros lhe darão oportunidade de progredir, e se traçar bons planos de trabalho mais assegurada estará a sua prosperidade no futuro.

SAUDE: Será boa seguindo as probalidades.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Durante esta semana não é bom confiar demasiadamente na sua simpatia tratando-se do sexo oposto. A vida doméstica e conjungal decorrerá sob aspectos razoáveis. Em suma, os astros mostram-se incertos no tocante a amores.

DINHEIRO: Não alimente grandes esperanças quanto a um substancial apuramento de dinheiro, durante este espaço de tempo, o momento não é pois, para especulações financeiras, pois há indícios de pouca sorte neste género de actividade. Portanto, nada de aventuras.

PROFISSÃO: Período um tanto morto no quadro profissional; não se precipite porque tudo voltará ao normal. Na verdade, esta não pode ser considerada uma semana muito progressiva, mas contudo, não haverá a registar uma diminuição sensível, no seu trabalho rotineiro.

SAUDE: A semana será satisfatória, no entanto, poderá ter acessos de tose, principalmente, na parte da manhã.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Os casos de amor, noivados e vida social estão sob maus aspectos. Há possibilidades que parentes venham a interferir nos seus planos. Sobre essas vibrações, os astros e as dificuldades se combinam para transformar os planos e impedir o progresso e a harmonia.

DINHEIRO: Alguns lucros por empreendimentos diversos, mas resista à tentação de aplicar em assuntos arriscados ou duvidosos.

PROFISSÃO: Esforce-se por merecer a confiança dos outros, sobretudo, dos superiores. Tome cuidado com os amigos de ocasião, evite entrar em confidências e defenda o seu prestígio. E uma boa ideia concentrar a sua energia no que se refira a trabalho e negócio.

SAUDE: A saúde pode deixar um pouco a desejar.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Proceda com cautela, reflicta bem nos seus actos e viva com moderação. Assuma uma atitude calma, pois a paciência e a perseverança darão os melhores resultados. Poderá sentir um grande desejo de efectuar mudanças, tanto em casa como na maneira de viver, contudo, abestenha-se porque os astros não se apresentam de feição a essas coisas.

DINHEIRO: No que se refere a finanças este é um período para colher e guardar, e não para semear, o que equivale dizer que deve ter cuidado com as especulações e com a aplicação do seu dinheiro.

PROFISSÃO: E conveniente proceder de forma a permitir o equilíbrio nos seus afazeres quotidianos. Não obstante, poderá obter boas protecções, mas independente disso, não é conveniente tomar grandes compromissos.

SAUDE: A sua saúde será incerta esta semana, porque se agitará muito e se fatigará mais do que seria necessário.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Os astros recomendam esforços pertinazes no sentido de se libertar de tudo o que possa anular os seus nobres sentimentos. Essas manifestações negativas do seu temperamento são apenas o reflexo de uma insatisfação interior. Procure reagir à depressão e ao abatimento.

DINHEIRO: Não gaste em demasia com os prazeres. Procure não levar uma vida superior às suas disponibilidades financeiras. Lembre-se que as probalidades de aquisição serão muito menores nesta altura.

PROFISSÃO: Não tome determinações ousadas no domínio profissional antes de estar seguro da colaboração prometida. O desenvolvimento um pouco lento dos seus negócios não compromete o sucesso.

SAUDE: Não será má esta semana. Deve fazer por descançar e tentar distrair-se um pouco.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Tudo quanto se refira à sua vida privada, deverá ser atacado agora com vigor. Esta é realmente uma ocasião favorável que terá para concluir assuntos que até agora não puderam ser terminados.

DINHEIRO: Propício para resolver os casos anteriormente que lhe pareciam então insolúveis. É conveniente dar maior expansão aos seus empreendimentos. Contudo, cautela nas despesas, pois a família talvez pretenda gastar mais do que realmente o permite a sua bolsa.

PROFISSÃO: E chegada a altura de pôr os seus planos em acção sem desfalecimentos. Neste período deverá confiar mais no seu trabalho do que na propaganda, e reafirmar a sua fé nas coisas que para si têm uma significação especial.

SAUDE: Enxaquecas persistentes acompanhadas duma impressão de fraqueza.

EMÍLIA BRAVO

SALA E "LIVING"

Havia — ainda há — nas casas (em algumas casas) uma sala chamada de visitas. Havia-as — há-as — fechadas, para não se gastar a carpette, para o sol não comer as cores, para não se partir nada. Conheço uma mulher que não consente que outras mãos que não as suas limpem a sala de visitas. São mãos pagãs, iconoclastas, que poderiam quebrar alguma imagem. A sala de visitas burguesa e tradicional só abre as suas portas àqueles que explicam a sua existência e lhe deram mesmo o nome: às visitas. Elas podem portanto fazer aquilo que aos da casa é negado pela guardiã do templo: sentarem-se nos maples e nos sofás, com naturalidade, num dia qualquer, a qualquer hora.

Vem isto a propósito (ou a despropósito) de uma notícia que há tempos li no jornal. Um par de namorados algarvios, vendo constantemente os turistas estrangeiros a beijarem-se nas ruas, com o maior dos à vontades, resolveu trocar um beijo **rápido e fugido**. Mesmo rápido e fugidio o beijo português foi, porém, visto por um polícia e — a lei é a lei — eis os jovens multados em quatrocentos escudos. Pois é. Somos muito diferentes com os que recebemos e com aqueles com quem coabitamos. Temos sala de visitas, não adoptámos ainda o living-room»

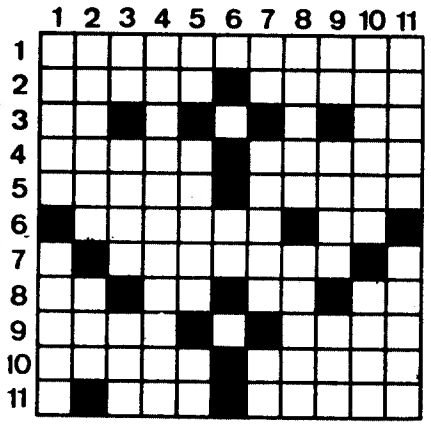
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 134

HORIZONTAIS

1 Desguarneceras (fig).
2 Verbais. Bebo (pop).
3 Nota musical. Contracção da preposição a e artigo definido. Prefixo de privação.
4 Venera. Estimais.
5 Enfiada. Tépida.
6 Ruim. Ligue. Autores (abrev).
7 Borrifaram.
8 Rio da Russia. Aqui. O mais. Cério (s.q).
9 Cidade da Africa ocidental sobre o Níger. Magnete.
10 Antigo jogo que simulava um combate. Adeja.
11 Pega. Cidade de França.



VERTICAIS

1 Domesticar. Destino.
2 Arrepiam. Botequim.
3 Apelido. Gostar muito de. Bondosa.
4 Malha. Dais aviso de alguma coisa em voz alta.
5 Osmio (s.q). Arrenda. Em partes iguais.
6 Em a.
7 Rei de Basã. Desejara. O mesmo que bétele.
8 Guarneço de arames. Combinar.
9 Batráquio. Lavram. Comuna rural autónoma, na Rússia.
10 Abaixa. Rosto.
11 Velhaca. Castigos.

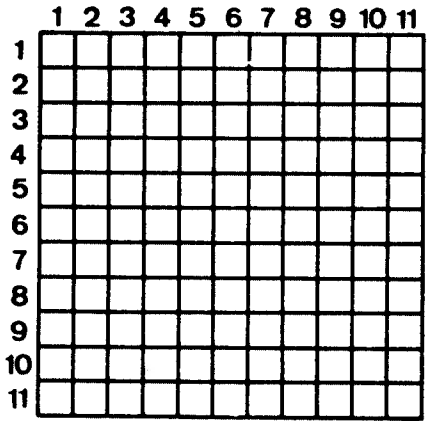
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 292

HORIZONTAIS

1 Malta. Cama de lona, suspensa, em que dormem os marinheiros a bordo (pl).
2 Designação da ervilha, em algumas regiões. Exportação.
3 Viscera dupla. Raer. Vês.
4 Instrumento com que se extrai o leite da maniçoba. (Bras). Serra de Portugal.
5 Aparentar.
6 Artigo definido. Ladrão do mar (pl). Cálcio (s.q).
7 Rima. Formar as abas a.
8 Antes do meio dia. Derribar. Batráquio.
9 Rema para trás. Chiste. Teor. (inv.º)
10 Instrumentos para atirar setas. Mete em mala.
11 Mulher que foi amada por Petrarca. Nome de fruto.



VERTICAIS

1 Peso indiano. Freguesia do concelho de Celorico da Beira.
2 O mesmo que indigo (matéria corante). Gastara.
3 Autoridades. Calor, quentura (Bras).
4 Oferece. Circular. Sufixo que designa estado.
5 Ramagens. Serra de Portugal.
6 Berilo (s.q). Exclusiva.
7 Moi. Longe.
8 Artigo definido. Unir por casamento. Pronome pessoal.
9 Animação. (fig). Desgraça.
10 Planta acerácea. Devoto.
11 Sadias. Barata aquática do Brasil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 133

HORIZONTAIS:

1 Apregoariam.
2 Arasses.
3 Ar. At. SS. An.
4 Rea. Asa. Pré.
5 Aida. Aral.
6 Orágono.
7 QUEM. Aves.
8 Ulm. MIV. Ame.
9 Io. DÁ. Im. Ar.
10 Dotadas. O.
11 Acamaradara.

VERTICAIS:

1 Apara. Quina.
2 REI. Ulo.
3 Ra. Adoem. DÁ.
4 Era. Arm. Dom.
5 Gata. A. Mata.
6 Os. Segui. Ar.
7 Assa. VIDA.
8 Res.Ana. Mad.
9 Si. Porva. Sa.
10 Ara. Ema.
11 Manel. Seroa.

PROVÉRBIO:
Quem dá o rei, dá a vida.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 291

HORIZONTAIS:

1 Arruaça.
2 Rs. Sinos. Ca.
3 Mão. Mar. Cãs.
4 Ímpia. Ocaso.
5 Loia. Amas.
6 Aa. Aar. Po.
7 Respira.
8 Acera. Manta.
9 Lima. Suas.
10 Tão. Vão Las.
11 Assoa. Bra.

VERTICAIS:

1 Armil. Malta.
2 Samoa. Cias.
3 Opiaremos.
4 Sr. Ia. Era.
5 Rima. Asa. Vá.
6 Una. Gap. Ba.
7 Aoro. Rim. Ob.
8 Cs. Ca. Ras.
9 Campânula.
10 Casão. Taã.
11 Casos. Cassa.

AOS QUATRO VENTOS

AS LÁGRIMAS

Péricles, já no leito de morte, quando os amigos comentavam à sua volta quanto Atenas lhe devia, disse: — **«Esqueceis, amigos, o que considero como o maior timbre de glória: que, por minha culpa, nenhum ateniense tivesse tido necessidade de derramar lágrimas».**

DEFINIÇÕES

Harold McMillan, antigo primeiro-ministro britânico, no quinto volume das suas memórias, recentemente publicado, refere-se a Eisenhower, Kennedy e De Gaulle, neste termos:

«O pobre Eisenhower assemelhava-se a um governador de Chicago qualquer; John Kennedy era um homem agradável, mas os seus encantos podiam ser mistificadores; De Gaulle tinha espírito, mas faltava-lhe humor».

O DUELO

Em certa ocasião, Bismarck, o Chanceler de Ferro da Alemanha, sentiu-se ofendido pelo chefe da oposição, Rudolf Virchov, que era médico, e desafiou-o.

De acordo com as leis da cavalaria, no duelo, o reptado tinha direito à escolha das armas. Virchov aceitou o duelo e propôs, como armas, duas salsichas: uma envenenada e outra não.

— Escolha V. Ex.ª a que quiser — disse Virchov a Bismarck — e eu comerei a outra.

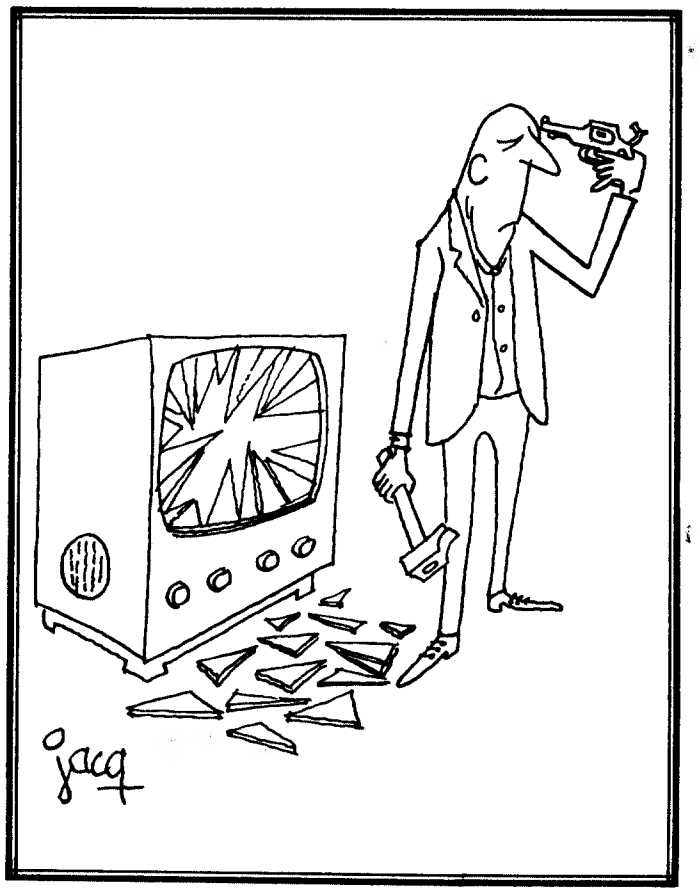
Naturalmente impressionado com tal processo, Bismarck recusou o duelo.

O FUMO

Isadora Duncan, a dama das mãos brancas, viajava num compartimento de caminho de ferro, onde estava expressamente indicado não ser permitido fumar. Não obstante isto, um gordo passageiro, que ia sentado na sua frente, tirou do bolso um enorme charuto e disse:

— **Minha senhora, espero que o fumo a não incomode.**

— **Como queira** — respondeu a famosa bailarina. **Igualmente espero que o senhor se não sinta incomodado quando eu tivar vontade de vomitar para cima de si...**



BELEZA

Zsa-Zsa Gabor, quando se casou pela quinta vez, apresentou o marido a uma velha tia americana, dizendo-lhe:

— **Agrada-lhe? Não o acha belo?**

— **Oh, sim!** — assentiu a velhota. — **Devo até mesmo dizer-te que há bastante tempo que te não casavas com um assim!**

O BRIDGE

Um fleumático londrino apaixonara-se perdidamente por uma graciosa francezinha, e fez-lhe a corte durante vários meses.

Havia perdido já toda a esperança de vir a ser correspondido no seu amor, quando, certo dia, inesperadamente, ela se lhe dirigiu dizendo-lhe que estava disposta a fugir com ele nessa mesma tarde.

O inglês fez-se pálido e exclamou:

— **Esta tarde?! Mas, é impossível! Esta é precisamente a tarde que dedico à minha habitual partida de bridge, todas as semanas no clube!**

AS DÚVIDAS

Alguns católicos praticantes ingleses levam o seu zelo a limites humorísticos. Eis algumas perguntas dirigidas a um jornal religioso:

— **A injecção quebra o jejum?**

— **Rezo todas as noites uma oração escrita por mim. Cometo um pecado?**

— **Baptizei o meu gato. É pecado grave?**

REFLEXÃO

«O homem não foi feito para trabalhar e a prova está em que o trabalho cansa-o».

ANDARES

Em prédio situado na Av. Afonso III, Lote 17, destacado centro habitacional de Lisboa, em construção, c/ 4 e 5 c. assoalh., estacionamento comum para o seu carro, elevadores c/ acesso ao estacionamento, azulejos artísticos nas instalações sanitárias e cozinhas, antena colectiva para R. T., cozinhas (Suzanas-Sanimar), salão para reuniões dos condóminos, vista panorâmica. Mostram-se todos os dias no local. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104-2.º, Lisboa.

O'NEILL: E OLIVIER NA TV

LONDRES — A «Independent Television» tenciona apresentar, no início do próximo ano, a peça de Eugene O'Neill, «Long Day's Journey Into Night», com Laurence Olivier, Constance Cummings, Ronald Pickup, Denis Quilley e Jo Maxwell-Muller, numa produção de Michael Blakemore, sob a direcção de Peter Wood. A projecção da peça durará cerca de três horas.

«MALMEQUER»
o êxito de que se fala

★ GRAÇA
★ DINAMISMO
★ LINDAS MULHERES
★ UM ELENCO FABULOSO
★ TUDO ISTO NA REVISTA DO ANO

UM ÊXITO POPULAR!
teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES
20.45 e 23 HORAS
(GRUPO D — M/ 18 ANOS)
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
PRA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO · JOSE DE CASTRO
LINDA SILVA
BEATRIZ DA CONCEIÇÃO
JULIO CÉSAR VICTOR MANUEL
FERNANDA FRANCO · MARIA · VICTOR HUGO
PICCADILLY STARS BALLET
DOMINGO: À TARDE, ÀS 16 HORAS
5ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
— BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA —
AMANHÃ: descanso da C.ª

TÉCNICO IMPRESSÃO OFFSET

Para Firma de máquinas gráficas. Preferência impressor offset com poder argumentação. Indicar idade e vencimento pretendido. Sígilo absoluto.
Resposta ao n.º 592.

EXCURSÕES CP

ALGARVE E SUAS BELAS PRAIAS

15 e 16 de Julho de 1972

- Partida de Lisboa-T. Paço, no dia 15, às 7.35, em 1.ª classe (Rápido do Algarve) e regresso no dia 16, às 23.40.
- Visita das praias da Costa de Oiro algarvia (autocarro).
- Almoço e tarde livre em Albufeira.
- Alojamento em Faro, hotel moderno.
- Manhã de praia e almoço na Torralta.

Preços (tudo incluído)

Lisboa	590$00
Santarém	640$00
Tomar/Abrantes	680$00
Coimbra	730$00
Prolongamento da estadia no Algarve (por dia)	120$00

Informações e folhetos descritivos:

- Estação de Lisboa-Rossio
- Estação de Lisboa-St.ª Apolónia
- Rua do Arsenal, 124 — Lisboa

Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

A C. P. informa:

LEILÃO

Em 17 de Julho e dias seguintes, a partir das 10 horas, na estação de Lisboa (Jardim), proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os srs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los, até ao dia 10 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

EXAMES PARA AMANHÃ

CICLO TV

2.ª CHAMADA: Língua Portuguesa, ás 11 e 30 h.

ENSINO LICEAL
2.º CICLO

2.ª CHAMADA: Ciências Físico-Químicas, ás 9 horas.
Desenho à vista, ás 11 horas.

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor — Pelo rev. Pe. Francisco Videira Pires
13.30 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série juvenil «Robin dos Bosques»
14.35 TV Infantil
15.15 Eurovisão. Transmissão directa de Lucerna das Regatas Internacionais de Remo.
15.40 Automobilismo. Transmissão directa do circuito de Vila Real. Início da prova de fórmula V e Ford.
16.00 Eurovisão. Regatas Internacionais de Remo.
17.20 Automobilismo. Circuito de Vila Real. Ultimas voltas e final da primeira prova.
17.45 Eurovisão. Regatas Internacionais de Remo
18.00 Automobilismo. Circuito de Vila Real. Preparativos e início da 2.ª prova.
18.20 Transmissão do campeonato nacional de atletismo.
18.50 Automobilismo. Final do Circuito de Vila Real.
19.05 Campeonato nacional de atletismo.
20.50 TV 7.
21.30 Telejornal — 3.ª edição
21.55 Eurovisão. Futebol — Final da Taça da Independência. Transmissão directa do Rio de Janeiro entre Portugal e Brasil
00.05 Domingo desportivo.
00.30 Telejornal — Ultimas notícias.
00.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
20.55 Série filmada — «O Regresso de Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 As Seis mulheres de Henrique VIII
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho.

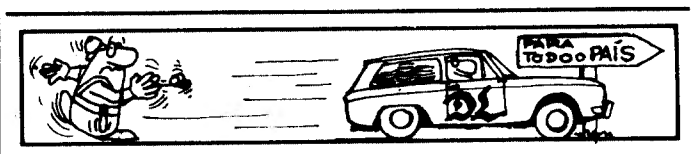
2.º Período

19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Povo que canta
21.00 As aventuras na Terra do Arco Íris
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.50 Os Pioneiros da pintura moderna
23.45 Eurovisão — Volta a França em bicicleta
23.55 Telejornal — últimas notícias
00.00 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Uma mãe para Eddie
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «A Casa do avô»
23.30 Fecho.

LEIA O JORNAL motor



tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	20.º
P. DOURADAS	
COIMBRA	19.º
PORTALEGRE	17.º
LISBOA	20.º
FARO	21.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 24.º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 6.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14.º
Atmosfera 18,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.34	3,7 m	8.15	0,9 m
14.58	3,9 m	20.50	0,7 m

Dia 10

3.29	3,8 m	9.04	0,8 m
15.49	4,1 m	21.30	0,6 m

Dia 11

4.19	3,8 m	9.50	0,6 m
16.37	4,2 m	22.24	0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento ou moderado predominando de Norte; possibilidade de aguaceiros e trovoadas principalmente no Centro e Sul do território.

AMANHÃ
Nascer às 6.20
Ocaso às 21.03

Dia 10	Dia 18	Dia 26	Dia 2

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Rádio desporto
15.00 Noticiário - onda musical
18.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comédias «Um falso amor» — Original de Fausto Correia Leite
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

2.º Programa

15.00 1.º acto da Opera «Siegfrield» (Wagner)
16.30 Música de piano
17.00 Perspectivas da música para violino e orquestra
18.00 Concerto de Domingo — (1.ª Parte) - Intercâmbio musical - A Orquestra Sinfónica da Rádio do Hess
18.46 Intervalo - cinco canções espirituais (J. S. Bach)
19.00 Concerto de Domingo - 2.ª (Parte)
19.37 Música para cravo (do 1.º livro) (Jean-Philippe RAMEAU)
20.00 Diário sonoro
20.20 Reigen Seliger Geister (Gluck)
20.30 As grandes figuras do mundo português - pelo Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de canto, por Yannulla Pappas - com a colaboração da pianista Regina Cascais
21.30 Que quer ouvir? - Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música coral sinfónica - «As Estações» (Haydn)
00.24 Quatro improvisos, D. 935 (Schubert)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

15.03 Música pelo caminho
15.45 Os ritmos da tarde
16.00 Projecção
16.35 Tarde desportiva
19.00 Chave do Totobola
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00 «Rádio 72» Nota de abertura
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estreia da noite
21.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Leitura
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.02 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.00 Chave do totobola
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura - Vértice (cont.)
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa À Gó-Gó
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora sonipol
02.02 Perspectiva
03.02 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

15.55 Tarde desportiva
18.01 Música e desporto
18.30 Presença coimbrã
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.07 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Música ao volante
15.30 Variedades
16.00 Automobilismo
16.30 Onda desportiva
19.00 Missa da Basílica dos Mártires
20.35 Zona Verde - espaço ocupado pela família
21.01 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora

Emissores Associados de Lisboa

Rádio Peninsular
das 6 ás 8 das 10 ás 12 e das 22 ás 2
Clube Radiofónico de Portugal
das 8 ás 10 e das 17 ás 19.30
Rádio Graça
das 12 ás 14.30 e das 19.30 ás 22
Rádio Voz de Lisboa
das 14.30 ás 17

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (tel. 661003); Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589).

ALMIRANTE REIS
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

ALTO DO PINA
Eurel, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682); Belo, Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859); Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (Tel. 765262).

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Gafinheiras) (Tel. 790989)

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513)

AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); Gaivota, Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS
Cardoso, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República), (Tel. 772291); Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43936); Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (Tel. 763016).

BAIRRO ACTORES
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

BAIRRO ALTO
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Asconso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Internacional, Rua Áurea, 228 (Tel. 322017).

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700098); Vilas, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).

CAMPOLIDE
Imperial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931); Rualte, Rua Alto do Caivalhão, 5-A (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 668206); Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 661726).

CHARNECA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790989)

CONDE REDONDO
Contemporânea, R. Conde de Redondo, 28-30 (Tel 45048).

ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758).

GRAÇA
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125); Monte (do), R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); Anunciada, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360); Progressiva, Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619)

GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR
Palaiola, R. do Lumiar, 120 (Tel. 780332).

OLIVAIS
Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); Central dos Olivais, Rua Alferes Barriaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA
Martaz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel. 720703-728395).

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 679453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146, B.º Janeiro (T. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X, 1, Reboleira

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970561)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, R. da República, 83 (Telef. 950045), Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)

CASCAIS
Cerdeiro, Av. Comb. da Grande Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Gamão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 224020)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (T. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 174 (T. 224202)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2273035)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (T. 270254)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTIJO
Diogo, R. Almerante Reis, 42 (T. 230032)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (T. 229471)

SETUBAL
Oliveira, L. da Miserocórdia (T. 22488)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; Azevedo (de) Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Vitória, Rua Nau Vitória, 723; Ordem da Trindade,, Rua Her. e Márt. Angola, s/n; Terreiro, Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; Ant. Porta do Olival, C. Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Lousada, Largo do Campo Lir..o, 62

COIMBRA

Machado, Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 23767) Sitália, Largo da Sé Velha, 13 - 14 (tel. 23234); Luciano & Matos, Rua da Sofia, 7 (tel. 22147).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 - 18.15 e 21.30
Grupo C - 14 anos
No écran gigante em 70 m/m «Camelot» com Richard Harris Vanessa Redgrave e Franco Nero

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana «ENTRE O AMOR E A MORTE» um filme de John Huston com Angélica Huston e Assaf Dayan.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
21.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
- Eric Porter, Jane Merrow e Dora Bryan na mais tenebrosa das histórias «AS MÃOS DO ESTRIPADOR» Hora e meia de emoção e suspense

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana «MELODY»
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR - PUB
THE FLAG
(Faça 3 coisas num sitio só)

ROYAL 855037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«O Mundo do Atlântico com Bourvie, Ferry Thomás e Sophie Desmorets e «Um homem chamado Gringo».

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
A comédia inesquecível de Billy Wilder «ARIANE» com Gary Cooper, Audrey Hepburn e Maurice Chevalier

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«Trinitá - Cow-Boy insolente»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D- 18 anos) 4.ª Semana «Reg Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«Vício das beatas» com Fregory Peck, Jean Simmons e CarrolBakere «Duelodemorte»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B- 10 anos)
24.ª Semana «TRINITÁ» (Cow-boy insolente) com Briel Spencer e Terence Hill

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
«O MUNDO A SEUS PÉS» O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos
8.ª Semana «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana CASAMENTO POR PROCURAÇÃO uma realização de Luigi Zampa, com Alberto Sordi e Cláudia Cardinale

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A NAVE DOS LOUCOS de novo com rumo ao sucesso em 2.ª Semana com Lee Marvin e Viviem Leigh

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
Às 15.30 - 18.30 - 21.45
Adultos - 2.ª Semana
Um filme de Damiano Damiani «A MULHER MAIS BELA», com Ornella Mull e Alessio Orano

IBERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30-21.45 (3.ª Semana)
Grupo D (18 anos)
Charles Bronson, Anthony Perkins e Jill Ireland DÍVIDA DE ÓDIO - 90 minutos de constante angústia

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo A - 6 anos)
«GOOFY E DONALD CAMPEÕES OLÍMPICOS». Uma golfada de bom humor em versão portuguesa.

ROMA (Tel. 727778)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«DOZE INDOMÁVEIS PATIFES». Os feitos de doze canalhos com Lee Marin, Ernest Bogovive e Charles Bronson.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«A Condessa de Drácula» com Ingrid Pitt, Nigel Green e Sandar Els e «Sob o signo da sujeita»

CONDES (Tel. 322523 e 326710)
(Grupo D - 18 anos)
14.15-16.30-18.45-21.45
«CINCO SELVAGENS» os mais crueis animais de duas pernas com Henry Silva, Keenan Wynn e Michael Carey

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana «UM DIA NA VIDA DE IVAN DENISOVICH» da obra de Alexander Solzhenitsyn com Tom Courtenay e Alfred Burke

EUROPA (Tel. 661016)
21.30 (Grupo B - 10 anos)
«ALAMO» com John Wayne e Richard Widmark

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Audaciosa ficção científica «FUGA DO PLANETA DOS MACACOS» estranhos seres do futuro vivendo o mundo actual

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«A Outra Morte de Inês»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Bulevar do rum»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Bulevar do rum»

PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«Pirata negro»

MAYER
21.00 (17 anos)
«O João no Inverno»

OLYMPIA
21.00 (10 anos)
«Duelo no Pacífico» e «Missão em Hong-Kong»

JARDIM
21.00 (14 anos)
«Waterloo»

UNIVERSAL
21.15 (10 anos)
«As aventuras de gerard»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«A grande corrida à volta do Mundo»

ARCO IRIS
19.00 (10 anos)
«O Tesouro inacessível»

LINHA DE CASCAIS

Oeiras
Oeiras-Cine
21.00 (10 anos)
«O Muro do Atlântico»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Os Cavaleiros mascarados»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«O Tesouro de El Condor»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Na vida de cada um há sempre um...Verão 42»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
«Quando elas tinham cauda»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«Os amores de uma adolescente»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Ladrão de quem se fala»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (14 anos)
«A Diligência dos condenados»

AMADORA
21.15 (17 anos)
«O. K. Nero»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Homens em fúria» e «Inspector Tormenta»

CACÉM
S. João
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Catlow»

PORTO Cinemas

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Os impostores»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«A Convidada»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Frankenstein conquistador do Mundo»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Pai de Família»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«O Director descalço»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Mafia em Nova York»

PASSOS MANUEL
21.45 (14 anos)
«Ameaça do Andromeda».

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Valsa do medo»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O cerco»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (17 anos)
«A Rebolona»

CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos)
«Os Veteranos de Tobruk» e «O Segredo da Ilha Sangrenta»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.45 (18 anos)
«Dr. Jivago»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«O Barão Vermelho»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Shaloko»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (10 anos)
«Falsa testemunha»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 32$307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra as 3.as feiras Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

FRAGATA REAL — **Trav. de S. Miguel, n.º 22 - ALFAMA - Tel. 868552**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto - Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

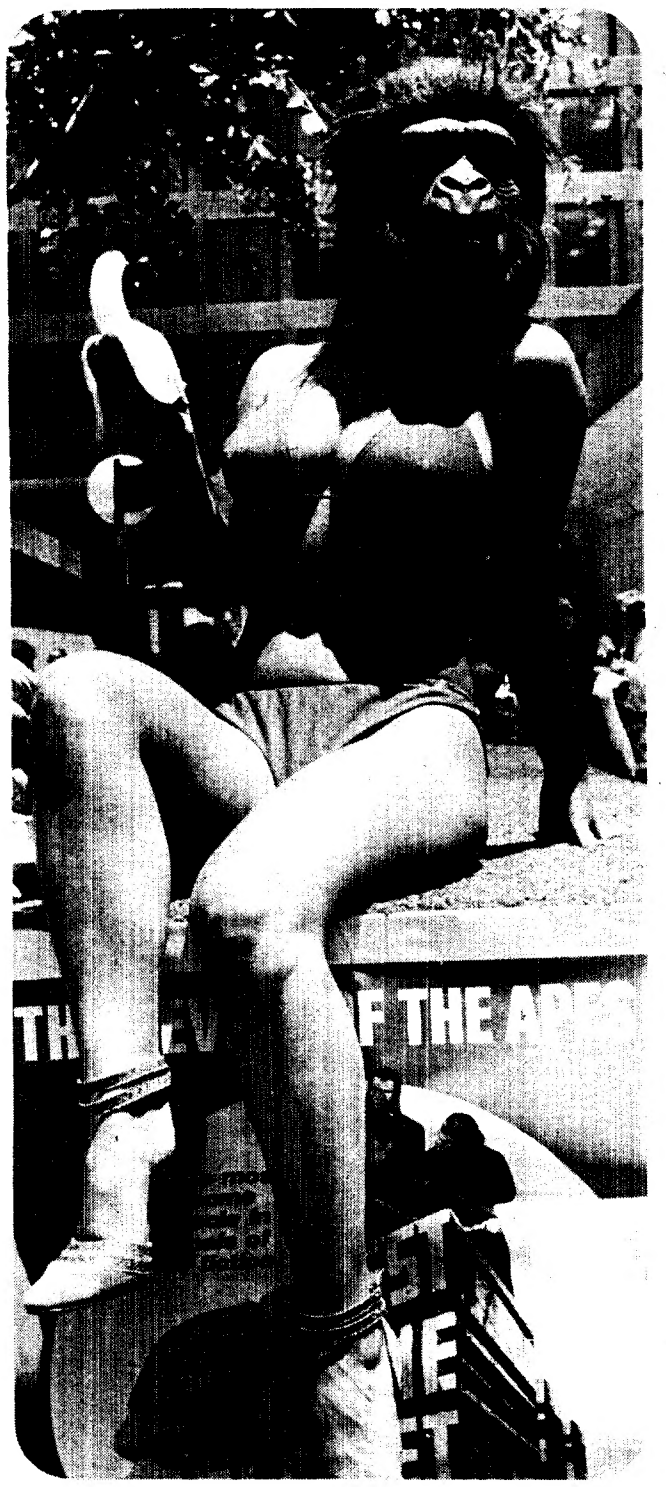
HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2.º E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

MACACOS JÁ TÊM MISS

Hollywood continua à frente em originalidade. Tem havido inúmeras Misses Universo, e de vez em quando uma Miss do Casino de Las Vegas ou Miss California aparecem nas primeiras páginas dos jornais, mas esta parece ter sido a primeira vez em que Hollywood se empenhou na procura da Miss «Macaco» mais bonita do mundo.



A vencedora regala-se com um dos prémios.

Esta é Dominique Green, vencedora do concurso para a eleição da mais bonita «macaca» do mundo. Ganhou 350 dólares, um contrato de uma semana com a Fox e todas as bananas que desejar ou puder comer. O concurso destinava-se a promover um novo filme (o 5.º) sobre o planeta dos macacos.

À maneira do homem das cavernas, é assim que as coisas se passam quando um macaco descobre a sua companheira.

A procura da macaca mais bonita do mundo foi patrocinada pela 20 th Century Fox e pelo realizador Arthur P. Jacobs, com o fim de encontrar símios para o quinto filme da famosa série dos «Macacos». O primeiro chamou-se «O Planeta dos Macacos» e foi rodado em 1968. Jacobs tenciona começar a filmar ainda este ano a nova película intitulada «A Batalha pelo Planeta dos Macacos».

O concurso realizou-se à hora do almoço na «baixa» de Los Angeles. Duzentas jovens esperançadas em breve viram os seus nomes riscados da lista e 35 desfilaram ante o júri na final. Para poderem concorrer tinham de ter 18 anos como idade mínima, vestir **hot pants** ou bikinis e «conseguir trepar sem muita dificuldade».

A decisão apresentava-se dificil para o júri, mas acabaram finalmente por escolher Dominique Green, de 24 anos, dançarina e candidata a actriz, como a «Miss Macaco» mais bonita do mundo. O prémio inclui 350 dólares, um contrato de uma semana com a 20Th Century Fox e todas as bananas que conseguir comer.

Todos os macacos de Hollywood concordam com a escolha.

Algumas das concorrentes desfilando na plataforma.

VEJA OS NOVOS MODELOS DE MÁQUINAS DE LAVAR E FRIGORÍFICOS
CASTOR
QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA
5 NOVOS MODELOS DE MAQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORÍFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS !
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa - Porto

CLARAS TURISMO
oferece
18 dias Maravilhosos em
ESPANHA E MARROCOS
Hotéis de 1.ª e Luxo. Todas as refeições incluídas.
Guia especializado falando português
Próximas partidas: 16, 23 e 30 de Julho; 6, 13, 20 e 27 de Agosto; 3, 10, 17 e 24 de Setembro
Peça-nos programas detalhados num simples postal ou pelo telef. 56 34 51
CLARAS TURISMO
Av. Fontes Pereira de Melo, 33 — LISBOA